

CLARICE BASTARZ

**PROJETO DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO PARA A TRILHA DE
ACESSO AO SALTO DOS MACACOS,
MORRETES – PR**

CURITIBA

2005

CLARICE BASTARZ

**PROJETO DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO PARA A TRILHA DE
ACESSO AO SALTO DOS MACACOS,
MORRETES – PR**

Trabalho de Graduação apresentado às disciplinas de Orientação e Supervisão de Estágio e Projeto em Turismo II em Áreas Naturais, como requisito parcial para conclusão do Curso de Turismo – ênfase 86J, do Departamento de Turismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador Prof^ª. Msc. Luciane Neri

CURITIBA

2005

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PROJETO

Título: Projeto de Planejamento Turístico para a Trilha de Acesso ao Salto dos Macacos, Morretes, Paraná.

Autor: Clarice Bastarz

Resumo: O presente projeto planeja o incremento do turismo no Salto dos Macacos, formatando um novo atrativo turístico para a região através da criação de módulos de passarelas suspensas, de intervenções físicas na trilha e de controle da visitação.

Instituição: Universidade Federal do Paraná.

Local: Curitiba, Paraná.

Data: Novembro de 2005.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Secretaria Municipal de Morretes e toda sua equipe por oferecer ajuda sempre que necessário , ao Neto e à Daniela por terem me dado a sugestão de elaborar um projeto de organização do turismo para a trilha do Salto dos Macacos, local de incrível beleza e que está precisando de cuidados emergenciais, e a toda equipe da secretaria.

Ao Francisco Torres, o Chico, do IAP Regional Litoral, pela fundamental ajuda a compreender geograficamente e politicamente a região do salto.

Ao Engenheiro Civil Eduardo Cabral pelos conselhos técnicos em relação às estruturas de passarelas.

Ao Engenheiro Florestal Adilson Wandembruck pela “grande aula” que me deu na defesa.

À minha professora orientadora por toda a orientação durante o ano.

Às pessoas que mais amo, meus queridos familiares: papi Rudolfo, mami Ana e Paulo pela incrível paciência e compreensão dos meus momentos difíceis durante esse ano, ora sem paciência ora sem dinheiro. Amo vocês!

Agradeço a meu lindo namorado Tiago pelo seu amor, dedicação, paciência e “orientação” em muitos momentos desse trabalho e a toda sua família, Dona Cida, Tati, Rodrigo, Felipe e Diego. Vocês estão no meu coração!

Às minhas grandes amigas por me escutarem sempre que precisei, pelos conselhos e por me deixarem sozinha na reta final. Amo vocês migas!

E, por fim, a todas as pessoas que de alguma maneira fizeram parte desse projeto.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	3
JUSTIFICATIVAS	4
CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO	6
1.1 A MATA ATLÂNTICA	6
1.1.1 SERRA DO MAR	7
1.1.2 A BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA	8
1.1.3 A SUSTENTABILIDADE DA MATA ATLÂNTICA	10
1.1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A MATA ATLÂNTICA	11
1.2 O MUNICÍPIO DE MORRETES	13
1.2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS	13
1.2.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS	13
1.2.3 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS	15
1.2.4 PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE MORRETES	15
1.3 O PROJETO: UMA NOVA PROPOSTA TURÍSTICA PARA A TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS, MORRETES – PR	17
CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO	19
2.1 TURISMO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	19
2.1.1 TURISTA, VIAJANTE E EXCURSIONISTA	21
2.1.2 DEMANDA TURÍSTICA	22
2.1.3 OFERTA TURÍSTICA	24

2.1.4 PLANEJAMENTO TURÍSTICO	25
2.2 A SUSTENTABILIDADE NO TURISMO	27
2.3 O MEIO AMBIENTE E O TURISMO	31
2.4 ECOTURISMO	32
2.5 AS TRILHAS E A INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA	35
2.6 ESTRUTURAS DE COPADA – O QUE SÃO?	39
2.6.1 TORRES, PLATAFORMAS E PASSARELAS DE COPADA	39
2.6.1.1 Passarelas de Copada	39
2.6.1.2 Torres	40
2.6.1.3 Plataformas	40
2.7 ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE TURÍSTICO DO MARUMBI	41
CAPÍTULO III – A PESQUISA	43
3.1 OBJETIVOS, PROBLEMA E HIPOÓTESE DA PESQUISA	44
3.2 METODOLOGIA UTILIZADA	45
3.3 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	46
3.3.1 A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE TURÍSTICO DO MARUMBI – ASPECTOS HISTÓRICOS E ATUAIS	46
3.3.2 O SALTO DOS MACACOS	47
3.3.3 FRAGILIDADE ECOLÓGICA DA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS	50
3.3.4 INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA EXISTENTE NA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS	51
3.3.5 TERMO DE REFERÊNCIA PARA ATIVIDADES TURÍSTICAS NA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS	52
3.3.5.1 Acessos e Controle de Visitação ao Salto dos Macacos	52
3.3.5.2 Horários de Funcionamento	53

3.3.5.3 Caminhadas	53
3.3.5.4 Limpeza e Manutenção	53
3.3.5.5 Segurança	54
3.3.6 LOCALIZAÇÃO DE ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA TRILHA DO SALTO DOS MACACOS	54
3.3.7 ASPECTOS RELEVANTES DE DEMANDA	55
3.3.8 CAPACIDADE DE CARGA DA TRILHA DO SALTO DOS MACACOS	55
3.3.9 QUESTIONÁRIOS QUALITATIVOS	56
3.3.10 PASSARELAS SUSPENSAS COMO INDUTORAS DO FLUXO DE VISITANTES	58
CAPÍTULO IV – A NOVA PROPOSTA TURÍSTICA PARA A TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS	60
4.1 AS PASSARELAS SUSPENSAS	60
4.1.1 A LOCALIZAÇÃO DAS PASSARELAS SUSPENSAS	61
4.1.1.1 A Primeira Passarela Suspensa	62
4.1.1.2 A Segunda Passarela Suspensa	63
4.1.1.3 A Terceira Passarela Suspensa	64
4.1.2 DESCRIÇÃO TÉCNICA DAS PASSARELAS SUSPENSAS	64
4.1.2.1 Os Materiais Necessários para a Implantação das Plataformas e Passarelas	65
4.1.2.2 A Capacidade de Carga das Passarelas Suspensas	66
4.1.2.3 A Implantação das Passarelas Suspensas	67
4.2 INTERVENÇÕES FÍSICAS A SEREM IMPLANTADAS NA TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS	69
4.2.1 O PÚBLICO-ALVO	69

4.2.2 AS INTERVENÇÕES	70
4.2.2.1 Os Materiais	72
4.2.2.2 Sinalização	74
4.2.2.3 Recursos Humanos Necessários para a Implantação, Monitoria e Manutenção das Intervenções Físicas na Trilha	75
4.2.3 PONTOS DE CONTROLE DA TRILHA	76
4.3 CONTROLE DE VISITAÇÃO	78
4.3.1 CAPACIDADE DE CARGA	78
4.3.1.1 Capacidade de Carga da Trilha	79
4.3.1.2 Capacidade de Carga das Passarelas	79
4.3.2 CENTRO DE VISITANTES	79
4.3.3 ESTACIONAMENTO E TRANSPORTE	80
4.3.4 SEGURANÇA E EMERGÊNCIA	80
4.3.5 CONTROLE, MONITORIA E CONSCIENTIZAÇÃO	81
4.3.5.1 Estratégias de Controle	81
4.3.5.2 Monitoria de Grupos	82
4.3.5.3 Conscientização dos Visitantes	83
4.3.5.4 Recursos Humanos para o Controle e Monitoria	83
4.4 CUSTOS	85
4.4.1 CUSTOS DE IMPLANTAÇÃO	85
4.4.1.1 Custos de Materiais	86
4.4.1.2 Custos de Recursos Humanos	87
4.4.2 CUSTOS DE MANUTENÇÃO	87

4.4.2.1 Custos de Manutenção com Recursos Humanos de Monitoria na Trilha..	88
4.4.2.2 Custos de Manutenção com Recursos Humanos de Manutenção das Estruturas	88
4.4.3 CUSTO TOTAL DO PROJETO	89
4.4.4 SUGESTÕES DE FONTES DE RECURSOS FINANCEIROS	89
4.5 PLANO DE AÇÕES DO PROJETO	91
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
LISTA DE APÊNDICES	99
LISTA DE ANEXOS	110

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O SALTO DOS MACACOS	48
FIGURA 2 – O SALTO DOS MACACOS E A PISCINA NATURAL	49
FIGURA 3 – CONJUNTO MARUMBI VISTO DO MIRANTE NATURAL DO SALTO DOS MACACOS	49
FIGURA 4 – MODELO DE PASSARELA SUSPensa, KAKUM NATIONAL PARK, GHANA, ÁFRICA	59
FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DAS PASSARELAS SUSPENSAS NA TRILHA ..	62
FIGURA 6 – PERFIL DA PRIMEIRA PASSARELA SUSPensa	63
FIGURA 7 – PERFIL DA SEGUNDA PASSARELA SUSPensa	63
FIGURA 8 – PERFIL DA TERCEIRA PASSARELA SUSPensa	64
FIGURA 9 – MODELO DE PLATAFORMA EM FASE DE CONSTRUÇÃO, ECOPARQUE DE UNA, BAHIA	65
FIGURA 10 – MODELO DE PONTE-PÊNSIL: PARQUE ESTADUAL DE CAMPOS DO JORDÃO, SP	71
FIGURA 11 – MODELOS DE DEGRAUS	71
FIGURA 12 – MODELO DE PINGUELA: RPPN FAZENDA BOM RETIRO, RJ .	72
FIGURA 13 – MODELO DE PLACA INTERPRETATIVA: PARQUE NACIONAL DAS SETE CIDADES, PIAUI	75

INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica é considerada atualmente um dos mais importantes conjuntos de ecossistemas do planeta, e um dos mais ameaçados, pois de toda sua área original restaram apenas 7,6%. Um dos motivos para preservar o que restou da Mata Atlântica é sua rica biodiversidade, ou seja, a grande variedade de animais e plantas que ocorrem em seu território (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

Neste projeto, pretende-se apresentar como o turismo pode contribuir para a conservação da natureza, pois a atividade turística é um forte instrumento de reaproximação do homem e o meio ambiente natural, tão importante para o desenvolvimento sustentável e o equilíbrio ambiental, pois sabe-se que o turismo em ambientes naturais, se bem planejado, pode gerar benefícios para todos, gestores, turistas e principalmente para a comunidade local.

O Projeto de Planejamento Turístico para a Trilha de Acesso ao Salto dos Macacos apresenta uma nova proposta turística para o incremento do turismo na região do salto: a implantação de passarelas suspensas na altura da copa das árvores, as quais podem se conformar num novo atrativo turístico, aumentar o fluxo de turistas organizados (aqueles que vêm por intermédio de agências ou operadoras de turismo), gerar renda complementar para a comunidade local e interromper o processo de degradação que a área vem sofrendo.

Entretanto, os módulos de passarelas propostas nesse projeto necessitam indiscutivelmente de infra-estrutura de apoio como a melhoria do acesso e um sistema de operacionalização de seu uso. Portanto, são apresentadas propostas para a implantação de intervenções físicas na trilha e um controle de visitação que assegurem a satisfação do visitante, da comunidade local, do município e do ambiente natural.

Portanto, no Capítulo I será feita uma apresentação ao leitor sobre a região onde está localizado a trilha de acesso ao salto, destacando a importância da conservação da Mata Atlântica; no Capítulo II apresenta-se o referencial teórico do projeto, abordando os conceitos e definições inerentes ao trabalho; no Capítulo III

serão apresentados os resultados da pesquisa realizada para a elaboração das propostas e; no Capítulo IV, finalmente, serão apresentadas propostas turísticas para o incremento do turismo na região do Salto dos Macacos.

OBJETIVOS

1 OBJETIVO GERAL

O Projeto de Planejamento Turístico para a Trilha de Acesso ao Salto dos Macacos em Morretes, Paraná, visa o incremento do turismo ao salto, formatando um novo atrativo turístico para a região através da criação de módulos de passarelas suspensas, de intervenções físicas na trilha e de controle da visitação, que capte turistas conscientes, aumentem a sua permanência na região, assegurem o bem estar das espécies e a qualidade de vida das populações residente e turística.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Formatar um novo atrativo turístico para Morretes e região;
- Aumentar a permanência do turista em Morretes e região;
- Criar empregos e proporcionar renda complementar para a comunidade local;
- Captar o visitante organizado;
- Interromper o processo de degradação da área;
- Assegurar o bem-estar das espécies animais e vegetais;

JUSTIFICATIVAS

A implantação de passarelas suspensas na altura da copa das árvores, pode se conformar como um novo atrativo turístico para Morretes e região, pois as passarelas proporcionam ao visitante a sensação de altura e a observação e interpretação da floresta de uma forma diferente. De acordo com o Programa MPE¹ (2002), muitos ecoturistas se desapontam pela dificuldade de observar a fauna em florestas tropicais, pois a maioria das espécies vive entre 18 e 45 metros, nas copas das árvores, camuflados e ocultos na densa vegetação. Torres, plataformas e passarelas são estruturas que permitem a observação da flora e da fauna de um ponto de vista pouco usual do homem, ou seja, que geralmente é limitado do chão para o alto. Dessa forma, os módulos de passarelas podem servir como ferramenta a pesquisadores.

As passarelas podem, ainda, ser um instrumento de indução do fluxo de visitantes ao meio natural da região, tendo em vista que foram identificados indícios do potencial de visitação através de um estudo da demanda do Litoral do ano de 2004.

Embora seja um instrumento de captação de visitantes, as passarelas suspensas não cumprirão seu objetivo de se conformar num novo atrativo turístico para Morretes se não estiverem complementadas com uma infra-estrutura, ou seja, devem ser feitas intervenções físicas na trilha para solucionar e prevenir impactos ambientais e um controle de visitação que vise o respeito pelo suporte de carga da área. Por esse motivo, pensou-se em aproveitar projetos na região que já existiam para organizar o turismo na área. Esses projetos que serão apresentados e aproveitados neste trabalho são complementos fundamentais para a implantação das estruturas propostas, as passarelas suspensas.

As intervenções físicas são infra-estruturas de apoio fundamentais para a satisfação da expectativa do turista, portanto será apresentado nesse projeto a Proposta MPE para Intervenções Físicas na Trilha do Salto dos Macacos, o qual estudou e

¹ Programa MPE: Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo, sustentado pelo Fundo Nacional para a Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente.

mapeou a trilha identificando os problemas ambientais e soluções para tais. Devido à existência do projeto do Programa MPE, tornou-se desnecessário a elaboração de outro que possuísse os mesmos objetivos, além disso, o Programa doou o projeto à Prefeitura Municipal de Morretes, o que possibilita seu uso em outros projetos para a área. Além de fomentar o fluxo de visitantes que exigem atrativos naturais relativamente estruturados para atendê-los, as intervenções físicas na trilha do salto possuem os seguintes objetivos: a coibição da degradação da mata; a contenção da erosão e dos alagados; o fechamento de bifurcações e; a minimização dos impactos negativos (MMA, 2020a).

Citada unanimemente pelos entrevistados, o controle da visitação é fundamental para a conservação e organização do turismo na área e está previsto no projeto como forma de coibir os acampamentos em locais inadequados e o excesso de pessoas ao mesmo tempo na trilha e no salto. Os moradores da região estimam que o salto receba cerca de 200 pessoas por final de semana durante o verão, portanto, este número pode gerar impactos negativos para o meio ambiente como a erosão, produção de lixo pelos visitantes, degradação de espécies vegetais, entre outros. Para apoiar o turista que visitará o Salto dos Macacos, o IAP² em parceria com o Programa Pró-Atlântica, no projeto de Revitalização e Restauração do Caminho do Itupava (mesma região do Salto dos Macacos), prevêem a construção de um centro de visitantes na AEIT do Marumbi, que visa atender aos visitantes tanto do caminho quanto do salto. Dessa forma, tornou-se, também, desnecessária a criação de um novo centro de visitantes que atendesse somente o salto.

Dessa forma, fica clara a importância da conservação do que restou da Mata Atlântica agregando a ela um uso econômico, o turismo, que gere benefícios sociais. A partir desses três elementos, o ambiental, o econômico e o social, é constituído o princípio da sustentabilidade, fundamental para um desenvolvimento responsável e inteligente.

² IAP: Instituto Ambiental do Paraná

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO

Neste capítulo será apresentado um panorama geral da situação atual da região do Salto dos Macacos citando as principais dificuldades e a importância da proteção da Mata Atlântica e os aspectos gerais do município onde o salto está localizado. Será apresentado, também, o projeto do presente trabalho e suas características.

1.1 A MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é considerada uma das grandes prioridades para a conservação da biodiversidade em todo o continente americano. Em estado crítico, sua cobertura florestal encontrava-se, em 1999, reduzida a cerca de 7,6% da área original, que possuía uma extensão de aproximadamente 1.306.421km² (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

Distribuído por mais de 17 Estados brasileiros, este bioma é composto de uma série de espécies bastante diversificadas, determinadas pela proximidade da costa, relevo, tipos de solo e regimes pluviométricos. Seu clima é equatorial ao norte e quente temperado sempre úmida ao sul, tem temperaturas médias elevadas durante o ano todo e não apenas no verão. Segundo a FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, essas características foram responsáveis pela evolução de um rico complexo biótico de natureza florestal. Apesar da devastação acentuada, a Mata Atlântica ainda contém uma parcela significativa da diversidade biológica do Brasil, com altíssimos níveis de endemismo, ou seja, espécies que só ocorrem naquela área (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

As copas das altas árvores formam o dossel e chegam a atingir de 30, 35 e até 60 metros de altura. O tronco das árvores, normalmente liso, só se ramifica bem no alto para formar a copa. As copas das árvores mais altas tocam-se umas nas outras,

formando uma massa de folhas e galhos que barra a passagem do sol. Numa parte mais baixa, nascem e crescem arbustos e pequenas árvores (REZZI, 1974). O piso da floresta é coberto pelas forrações – folhas e outros vegetais que caem das árvores ao longo do ano, que serve de alimento para muitos insetos, outros animais e principalmente aos fungos, que são os principais responsáveis pelo processo de decomposição da floresta. Assim, pode-se dizer que a floresta se alimenta dela mesma (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

A Mata Atlântica também é abrigo para várias populações tradicionais e garantia de abastecimento de água para mais de 120 milhões de brasileiros. Seus remanescentes regulam o fluxo dos mananciais hídricos, asseguram a fertilidade do solo, controlam o clima, protegem escarpas e encostas das serras, além de preservar um rico patrimônio histórico e cultural. Essa região, ainda, possui belas paisagens, verdadeiros paraísos tropicais, cuja proteção é essencial para o desenvolvimento do ecoturismo (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

1.1.1 SERRA DO MAR

Há uma importante cadeia de montanhas que acompanham a costa oriental brasileira, desde o nordeste do Rio Grande do Sul até o sul do estado da Bahia. Ao norte as maiores altitudes se encontram mais para o interior do país, mas, nas regiões do norte do estado de Alagoas, todo estado de Pernambuco e da Paraíba, e em pequena parte do Rio Grande do Norte temos altitudes de 500 a 800 metros que estão próximas ao mar. Em São Paulo e Paraná é conhecida como Serra do Mar e em outros estados tem outros nomes. Sua altitude média nesses estados fica ao redor dos 900 metros. Em certos trechos é bastante larga, mas em outros é muito estreita. Afasta-se do mar em alguns pontos e se aproxima dele em outros (REZZI, 1974).

Os ventos úmidos que sopram do mar em direção ao interior do continente ao subirem resfriam-se e perdem a umidade que possuem; o excesso condensa-se e se precipita, principalmente nas partes mais altas da serra, em forma de nevoeiro ou

chuvas. Assim esses ambientes contêm bastante umidade para sustentar as florestas costeiras, densas, com árvores de 20 a 30 metros de altura. Devido a densidade da vegetação arbórea, pouca luz consegue chegar próximo ao solo e, portanto, existe pouca vegetação (REZZI, 1974).

Em 1991, a UNESCO declarou a Serra do Mar como Reserva da Biosfera, elevando a importância da floresta a nível mundial, pois ela abriga os principais remanescentes da Mata Atlântica e está reduzida drasticamente de sua área inicial, que recobria toda a costa leste brasileira, desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

No Paraná, a serra está dividida em diversos maciços por blocos altos e baixos, os quais possuem denominações regionais de serras, tais como a Serra da Graciosa, Serra do Marumbi, Serra da Farinha Seca, Serra dos Órgãos ou Ibitiraquire. Na serra do mar paranaense encontra-se o Pico Paraná (1.877m), o ponto culminante da região sul do Brasil (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

1.1.2 A BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA

Um dos motivos para preservar o que restou da Mata Atlântica é a rica biodiversidade, ou seja, a grande variedade de animais e plantas. A Mata Atlântica representa uma grande riqueza de patrimônio genético e paisagístico do planeta, demonstrada pelos seguintes índices pesquisados pela FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA: 55% das espécies arbóreas e 40% para espécies não arbóreas são endêmicas, ou seja, uma, entre cada duas espécies ocorre exclusivamente naquele local. Além disso, 70% no caso de algumas espécies de bromélias e orquídeas e no caso da fauna, 39% dos mamíferos que vivem na floresta são endêmicos. Mais de 15% dos primatas existentes no Brasil habitam a Floresta Atlântica e a grande maioria dessas espécies são endêmicas (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

Calcula-se que na floresta existam dez mil espécies de plantas, sendo 76 palmeiras, 131 espécies de mamíferos, 214 espécies de aves, 23 de marsupiais, 57 de roedores, 183 de anfíbios, 143 de répteis e 21 de primatas. Dos símios destacam-se o miqui, que é a maior e mais corpulenta forma de macaco tropical, e o sauí-preto que é o mais raro dos símios brasileiros. Habitam também a floresta diferentes sagüis, os sauás, os macacos-prego e o guariba que está se extinguindo. Dos canídeos, o cachorro-do-mato é um dos predadores mais comum juntamente com o guaxinim, o coati, o jupurá, os furões, a irara, o cangambá, e felinos, como gatos-do mato que se alimentam de animais como o tapiti, diferentes ratos-do-mato, caxinguelês, cotias, ouriço-cacheiro, o raro ouriço-preto, etc (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

Entre 1985 e 1990 foram cortadas na Mata Atlântica 1,2 bilhão de árvores. Apesar disso, a Mata Atlântica conserva sua importância em termos biológicos. O recorde mundial de diversidade de árvores pertence a uma área no sul da Bahia onde os botânicos registraram 450 espécies diferentes de árvores num único hectare, sendo que a maior parte deste imenso patrimônio era desconhecido. Ainda se tiram centenas de ervas medicinais e aromáticas para serem comercializadas tanto dentro do Brasil como outros países (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

Devido a grande devastação dessa mata quase 200 espécies estão ameaçadas de extinção fora aquelas que já se extinguíram, metade das espécies vivas hoje poderá estar extinta até o final do próximo século (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

A maioria da área litorânea que era coberta pela Mata Atlântica é ocupada por grandes cidades, pastos e agricultura, porém, ainda restam manchas da floresta na Serra do Mar (REZZI, 1974). Nesses remanescentes ainda é possível encontrar o jequitibá-rosa, o gigante da floresta, as flores roxas das quaresmeiras e alguns indivíduos da espécie pau-brasil. Embaixo das árvores maiores há pequenas arvoretas, arbustos e palmeiras, cobertos de bromélias e orquídeas. Encontram-se morcegos,

marsupiais, como o gambá e a cuíca; vários tipos de macacos; répteis como os lagartos, jabutis, cágados e cobras; borboletas e uma rica variedade de aves (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

1.1.3 A SUSTENTABILIDADE DA MATA ATLÂNTICA

Um dos grandes desafios daqueles que atuam em favor da conservação da Mata Atlântica é reverter o processo de diminuição da cobertura florestal natural para outros usos, como o turismo. Desde a época da colonização, vários são os fatores responsáveis pela destruição desse bioma: a exploração predatória dos seus recursos naturais e florestais; diversos ciclos econômicos, tais como o do ouro, o da cana-de-açúcar, o do café e a conversão de áreas para atividades rurais; um veloz processo de industrialização e, conseqüentemente, a urbanização. As principais cidades brasileiras e mais de 3 mil dos 5.507 municípios assentados no Brasil, em 1999, estavam localizados na área que originalmente foi a Mata Atlântica (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

O resultado é a perda quase total das florestas originais intactas e a contínua devastação e fragmentação dos remanescentes florestais existentes, o que coloca a Mata Atlântica em posição de destaque como um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção do mundo. De uma área original superior a 1,3 milhão de km² distribuída ao longo de 17 estados brasileiros restava, muito pouco da cobertura inicial, como já foi dito (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

Assim, garantir a proteção, a recuperação e, especialmente, a sustentabilidade da Mata Atlântica é o principal objetivo das políticas de conservação e nas estratégias de ação existentes para o bioma. Mas atingi-lo se torna mais difícil na medida em que, até 1999, 120 milhões de habitantes viviam em seus domínios (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

Sabe-se da qualidade de vida que a Mata Atlântica proporciona a essa população e dentre outras funções, de seus inúmeros benefícios, diretos e indiretos. O principal deles é a água, já que ela protege e regula o fluxo de mananciais hídricos, que abastecem as cidades e principais metrópoles brasileiras. Além disso, a Mata Atlântica controla o clima, abriga rica e enorme biodiversidade, preserva beleza paisagística e um patrimônio histórico de valor inestimável, abrigando várias comunidades indígenas, caiçaras, ribeirinhas e quilombolas, que constituem a genuína identidade cultural do Brasil (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1999).

No entanto, segundo a FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, a relação do homem com a floresta é desde os primórdios, degradadora, predatória e insustentável. As causas contemporâneas de desmatamento estão associadas a atividades agropecuárias, extração seletiva dos recursos florestais e utilização da madeira para diferentes usos – ações, segundo a fundação, em grande parte à revelia das leis e sem as devidas autorizações dos órgãos públicos. Nas áreas de entorno das principais cidades brasileiras essas causas estão relacionadas à ocupação irregular e desordenada para moradia e à especulação imobiliária, que agridem a Floresta Atlântica.

Os princípios para as políticas de conservação e desenvolvimento sustentável para a Mata Atlântica destacam o uso sustentado dos recursos naturais e florestais como a melhor forma de garantir a proteção da diversidade biológica, a qualidade ambiental e o desenvolvimento social, em bases que assegurem a importância das comunidades tradicionais e locais (REZZI, 1974).

1.1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A MATA ATLÂNTICA

Atualmente, da segunda grande floresta brasileira (perde apenas para a Floresta Amazônica) restavam muito pouco território de sua extensão original. Em alguns lugares, como no Rio Grande do Norte, não existem nem vestígios desse bioma e o resultado é o agravamento da seca no Nordeste (REZZI, 1974).

Sem a floresta, a umidade é insuficiente para provocar as chuvas. E os ventos que sopram do mar, não encontrando a barreira da floresta, levam o sal natural para a região do agreste, prejudicando sua vegetação. Mas, os ventos deslocam as dunas, que assoreiam as lagoas existentes no litoral. Os grandes rios que cortam a área original da Mata Atlântica, o Paraíba, o São Francisco, Jequitinhonha, Doce e Paraíba do Sul, antigamente tinham águas cristalinas ou tingidas de preto pelas folhas em decomposição da floresta. Em 1974, suas águas já estavam barrentas devido aos sedimentos arrastados pela erosão do solo desprotegido de vegetação, ou tão poluídas, sendo um perigo para a saúde (REZZI, 1974).

A alta pluviosidade nessa região deve-se à barreira que a serra constitui para os ventos que sopram do mar. Seu solo é pobre e a topografia é bastante acidentada. No interior da floresta, devido à densidade da vegetação, a luz é reduzida.

As pouquíssimas ilhas de floresta que restam não podem desaparecer. A destruição da biodiversidade e o desmatamento eliminam de uma só vez grande contingente de espécies muitas vezes desconhecidas. Além disso, a monocultura, caracterizada principalmente pela agropecuária, homogeneiza o ecossistema (REZZI, 1974).

1.2 O MUNICÍPIO DE MORRETES – ASPECTOS GERAIS

1.2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

A fundação de Morretes data de 1721, quando o Ouvidor Rafael Pires Pardinho determinou que a Câmara Municipal de Paranaguá demarcasse 300 braças em quadra local onde seria a futura povoação de Morretes, para em 31 de outubro de 1733, a mesma Câmara determinar a demarcação das terras. O primeiro morador da região foi o senhor João de Almeida.

Em meados do século XVIII mudou-se para o povoado de Morretes, o Capitão Antonio Rodrigues de Carvalho e sua mulher, dona Maria Gomes Setúbal, construindo ali uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Porto e Menino Deus dos Três Morretes. Pela Lei Provincial N.º 16, de 1º de março de 1841, foi elevada à categoria de Município, sendo desmembrado de Antonina e instalado em 5 de julho de 1841. Em 24 de maio de 1869, pela Lei Provincial N.º 188, passou a denominar-se Nhundiaquara e recebeu os foros da cidade, porém em 07 de abril de 1870, pela Lei N.º 227, voltou a ser chamada de Morretes (www.webhotel.com.br/parana).

1.2.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Situado a 68 km de Curitiba, Morretes localiza-se no litoral, sudeste paranaense. Possui área total de 663 km² e altitude média de 10 m acima do nível do mar. Está situado na zona fisiográfica do Litoral Paranaense, estendendo-se da encosta da Serra do Mar para o leste e limitando-se ao oeste com os municípios de São José dos Pinhais, Piraquara e Quatro Barras; ao norte com o município de Campina Grande do Sul; ao nordeste com o município de Antonina e a Baía de Paranaguá; ao leste com Paranaguá e ao sul e sudeste com o município de Guaratuba.

A fronteira oriental de Morretes fica a cerca de 35 km do mar. Todas as divisas municipais são formadas por acidentes geográficos, ao norte e oeste pelos espigões das Serras dos "Órgãos", da "Graciosa", do "Marumbi" e da "Farinha Seca"; no sudeste pelas Serras da "Igreja", das "Canavieiras" e da "Prata". No sudeste está o rio Arraial, numa altitude de cerca de 800 m que forma o limite do Município. Com Antonina e Paranaguá as fronteiras são os rios "Sapetanduva" e "Jacareí".

O clima de Morretes é quente e úmido, sua temperatura média no mês mais quente é de 22° C e no mês mais frio, 18° C (www.morretes.pr.gov.br).

Para os aspectos pluviométricos situados no sopé da serra, nas escarpas, nos topos e reverso, foram registradas diferenças significativas, pois verificou-se a influência do relevo na distribuição das precipitações na região do Morretes. No estudo realizado pelo INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS (ITCF) em 1987, notou-se a que a variação da precipitação e da temperatura entre os meses do verão e inverno obedecem a um sincronismo, o mesmo não ocorrendo com a insolação e com a umidade relativa que se mantém altas. A primeira apresenta valores que variam entre 3,1 horas de sol por dia em setembro e 4,8 horas de sol por dia em maio e; a umidade relativa do ar se mantém superior a 80% durante o ano todo. Os dados de ocorrência de chuvas foram fornecidos pela Estação Meteorológica de Piraquara e os índices de chuvas mensais registrados no período de 1966 a 1985 ficaram entre 80 a 180 mm em média, enquanto que os anuais apresentam valores entre 735 a 1.800 mm.

A Serra do Mar, no município de Morretes, constitui a zona limítrofe entre o Primeiro Planalto Paranaense e a Planície Costeira e é repartida por falhas transversais em blocos elevados e rebaixados, em certos pontos forma serras isoladas que possuem denominações locais, como a Serra do Capivari Grande, Serra da Virgem Maria, Serra dos Órgãos, Serra da Graciosa, Serra da Farinha Seca, Serra do Marumbi, Serra da Igreja e Serra da Canavieira. Essas serras são constituídas de colinas arredondadas, de vertentes convexas, são geralmente alongadas, orientando-se segundo a direção NE-SW ou segundo a direção NE-SE e suas elevações nivelam-se em altitudes sensivelmente próximas, ao redor de 900 m (ITCF, 1987).

1.2.3 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Segundo o censo de 1996, Morretes possui uma população de 16.077 habitantes, sendo que 7.207 são habitantes urbanos e 8.870 vivem na área rural do município (www.morretes.pr.gov.br).

As características inerentes ao caboclo ou ao homem urbano morretense se misturam as dos imigrantes italianos, sírios, japoneses, portugueses, alemães, ingleses, entre outros, que, em sua maioria, dedicam-se às atividades rurais (www.morretes.pr.gov.br).

Morretes é conhecida como "Capital Agrícola" da região litorânea, sendo que as principais atividades são a olericultura, horticultura e citricultura. Destacam-se as plantações de banana, cana-de-açúcar, milho, mandioca, arroz e feijão, além da produção de cachaça e doces típicos. Nas últimas décadas, vêm sendo exploradas comercialmente as culturas de gengibre e mais recentemente da acerola (www.morretes.pr.gov.br).

1.2.4 PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE MORRETES

O município de Morretes possui diversos atrativos turísticos de valor histórico, cultural e natural. Os principais são:

- Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi;
- Artesanato, comida típica e folclore;
- Caminho da Graciosa;
- Caminho do Itupava;
- Caminhos Coloniais;
- Casa Rocha Pombo;

- Cascatinha;
- Chácara Reomar;
- Estação Ferroviária;
- Estrada da Graciosa;
- Igreja de São Benedito;
- Igreja de São Sebastião do Porto de Cima;
- Igreja Matriz de Nossa Senhora do Porto;
- Marco Zero;
- Pico Marumbi;
- Porto de Cima;
- Rio Nhundiaquara;
- Salto dos Macacos.

1.3 O PROJETO: UMA NOVA PROPOSTA TURÍSTICA PARA A TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS, MORRETES - PR

O presente projeto trata de três elementos fundamentais para sua implementação. São eles: a implantação de passarelas suspensas, que não poderiam funcionar sem as intervenções físicas na trilha e o controle do número de visitantes. Dessa forma, buscou-se aproveitar projetos que já existiam e complementá-los com uma proposta diferente para a atividade turística que existe na região.

As intervenções físicas na trilha já haviam sido propostas pelo Programa MPE – Melhores Práticas para o Ecoturismo – que atua através do Fundo para a Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente. O Programa MPE, em 2002, estudou o município de Morretes e, em especial, a região do Salto dos Macacos. Mapeou sua trilha de acesso e propôs para o município intervenções que, principalmente, reduzissem a erosão, coibissem a formação de alagados e fechassem bifurcações existentes ao longo do caminho. Ao final das pesquisas na região, o Programa MPE doou o estudo para a Prefeitura Municipal de Morretes. Dessa forma, a proposta do programa poderia ser posta em prática ou ser aproveitada por outros projetos que visem o desenvolvimento do turismo sustentável na região. Portanto, as intervenções físicas na trilha, citadas no projeto, foram elaboradas pelo Programa MPE e serão apresentadas como elemento fundamental para a implementação da atividade turística no município.

O controle de visitantes está previsto no projeto como forma de coibir os acampamentos em locais inadequados e o excesso de pessoas ao mesmo tempo na trilha e no salto. Os moradores da região estimam que o salto receba cerca de 200 pessoas por final de semana durante o verão. Sabe-se que este número é muito elevado e pode gerar impactos negativos para o meio ambiente, como a erosão, produção de lixo pelos visitantes, degradação de espécies vegetais, entre outros. Considerando o número de capacidade de carga da trilha e determinando de que maneira serão realizados os passeios. Assim como a proposta de intervenções físicas na trilha já

existia, o projeto para um centro de visitantes na AEIT do Marumbi também já existe num projeto que visa à restauração e revitalização do Caminho do Itupava, que prevê a construção de um centro de visitantes para dar apoio ao visitante de toda a AEIT do Marumbi, incluindo o Salto dos Macacos.

Além das intervenções físicas na trilha e o controle da visitação, consta no presente projeto uma proposta de implantação de passarelas suspensas na altura da copa das árvores, podendo se conformar como um novo produto turístico para Morretes e região, considerando que foi identificado um potencial de visitação no Estudo de Demanda do Litoral 2004, elaborado pelo Paraná Turismo e Secretaria Estadual de Turismo.

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

No Capítulo II foi elaborado um referencial teórico conceituando os diversos elementos abordados neste projeto. Esse capítulo busca fundamentar teoricamente os aspectos e conceitos utilizados para a elaboração das propostas.

2.1 TURISMO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Devido ao relativo pouco tempo do reconhecimento do turismo como atividade socioeconômica e a seu caráter multidisciplinar (o turismo abrange uma grande variedade de setores econômicos e de disciplinas acadêmicas) há uma ausência de definições claras a respeito do turismo (OMT, 2001)³. Apesar disso, muitas definições vêm sendo dadas ao Turismo desde que estudos científicos a respeito desta atividade começaram a surgir no início do século XX. FUSTER (1974, In: BARRETO, 2001), citou que um economista em 1911 escreveu que “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”.

Em 1939, outra definição surgiu (FUSTER, 1974 In: BARRETO, 2001):

“Quem interpreta o turismo como um problema de transporte, confunde com o tráfego de turistas. O turismo começa onde o tráfego termina, no porto de turismo, no lugar de hospedagem. O tráfego de viajantes conduz ao turismo, porém, não é turismo propriamente, nem se quer em parte. Turismo é a soma de relações existentes entre pessoas que se encontram temporariamente num lugar e os naturais desse local”.

Pode-se perceber claramente que nesta última tentativa de definição do termo turismo o transporte, o deslocamento ao destino, é excluído do fenômeno turístico.

³ OMT – Organização Mundial do Turismo

Porém, o turismo é muitas vezes motivado pela beleza cênica ou história da via de acesso ao destino, pelo meio de transporte em si ou pelo simples prazer de se deslocar.

Apenas nesta definição do ano de 1942, o turismo teve uma conceituação pouco mais abrangente em relação ao deslocamento, porém é muito ampla e pouco esclarecedora: “turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”⁴ (FUSTER, 1974). Esta definição introduz conceitos subjetivos como “fenômenos” e “relações” que deveriam ser definidos.

A definição de turismo aceita do ponto de vista formal é dada pela OMT e foi elaborada por DE LA TORRE (1992 In: BARRETO, 2001) que conceituou o turismo como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”.

Em vistas a atualizar o conceito de turismo acompanhando a realidade da sociedade moderna, em 1994 a OMT resolveu adotar outra definição que ampliou o conceito, principalmente do ponto de vista da motivação. As viagens motivadas por negócios e atividades lucrativas foram incluídas: “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 2001).

A última definição, a mais recente adotada pela OMT, será aplicada neste trabalho. Trata-se de uma definição ampla e flexível que abrange as características mais importantes do turismo: a motivação; o período amplo; a delimitação da atividade desenvolvida antes e durante a estada; e a localização da atividade turística, fora do entorno habitual.

⁴Esta é a definição adotada pela AIEST (Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo).

2.1.1 TURISTA, VISITANTE E EXCURSIONISTA

A OMT distingue os conceitos de viajante como “qualquer pessoa que viaje entre dois ou mais países ou entre duas ou mais localidades em seu país de residência habitual” e de visitante como “todos os tipos de viajantes relacionados ao turismo” (OMT, 2001).

A Secretaria de Estado de Comércio, Turismo e Pequena e Média Empresas da Espanha (1993-1996) classifica o turista como “passageiro que permanece uma noite, pelo menos, em um meio de alojamento coletivo ou privado do país visitado” e o excursionista como “viajante que não pernoita num meio de alojamento coletivo ou privado do país visitado” (OMT, 2001)

DE LA TORRE (1992) definiu o turista como um “visitante temporário, proveniente de um país estrangeiro, que permanece no país mais de 24 horas e menos de 3 meses, por qualquer razão, exceção feita de trabalho”.

A IUOTO (União Internacional das Organizações Oficiais de Viagens)⁵, em 1968, definia o turista como um tipo de visitante. Visitante é (BARRETO, 2001):

“Toda pessoa que visita um país diferente em que reside habitualmente, por qualquer razão que não seja realizar um trabalho remunerado. Entre os visitantes estão os turistas e os excursionistas. Os turistas são visitantes que realizam pelo menos um pernoite num país ou região e permanecem um mínimo de 24 horas. Os excursionistas são, para a IUOTO, aqueles visitantes que não param para um pernoite, mas que atravessam um país ou região. Um excursionista permanece por menos de 24 horas e inclui viajantes de um dia e pessoas fazendo cruzeiro”.

Em suma, estabeleceu-se que o turista é um visitante que pernoita na localidade e permanece por 24 horas ou mais no destino e; o excursionista é um visitante que permanece menos de 24 horas na localidade e não realiza pernoite. Neste trabalho será adotada a mesma linha de pensamento da IUOTO.

⁵IUOTO – *International Union of Official Travel Organizations.*

Neste contexto, o projeto de organização da trilha de acesso ao Salto dos Macacos (Morretes, PR) pretende atrair e satisfazer tanto o excursionista que se desloca apenas para permanecer durante o dia na região, quanto atrair e satisfazer o turista, aumentando sua permanência na localidade. Portanto, conceito utilizado para definir a demanda do Salto dos Macacos será “visitante” de acordo com a definição da IUOTO.

2.1.2 DEMANDA TURÍSTICA

O conceito de demanda está intimamente ligado ao processo de tomada de decisões que as pessoas realizam constantemente no processo de planejamento de suas atividades de lazer e, portanto, sua escolha depende de numerosos fatores não apenas econômicos, como também psicológicos, sociológicos, físicos e éticos.

Os turistas, os viajantes e os visitantes formam a demanda turística. A demanda turística pode ter uma série de conotações de acordo com o ponto de vista, como por exemplo a questão econômica, que faz referência à capacidade de gastos dos visitantes, sendo: “demanda é o rol quantitativo de algum bem ou serviço que será comprado ou consumido a um determinado preço” (SMITH, 1989 In: RUSCHMANN, 2003); ou então “os gastos realizados por um visitante ou da parte de um visitante por causa de uma viagem e durante sua estada no destino” (OMT, 2001).

Nessa definição, segundo a OMT (2001), há seis variáveis importantes no conceito de gastos com o turismo que irão delinear o perfil e a frequência da demanda de um determinado destino turístico:

- Os preços nos destinos;
- Os preços nos destinos competidores;
- As dimensões dos mercados turísticos;
- A renda e a riqueza dos que fazem turismo (restrição orçamentária);

- Os fatores sociológicos, psicológicos e culturais da demanda e;
- Gosto e preferência do consumidor.

Do ponto de vista psicológico e geográfico a demanda turística define-se como “o número total de pessoas que viajam ou desejam viajar para desfrutar das comodidades turísticas e dos serviços em lugares diferentes daquele de trabalho e de residência habitual” (MATHIELSON E WALL, 1982 In: OMT, 2001).

Nesta última definição estão incluídas as pessoas que realmente viajam e as que por algum motivo deixam de viajar. A OMT, baseada nesta distinção de motivações de viagem, classifica a demanda em três grandes grupos:

- A demanda efetiva ou atual é o número de pessoas que participam da atividade turística, ou seja, que efetivamente viajam;
- A demanda não efetiva é o setor da população que não viaja por algum motivo. Dentro deste grupo enquadram-se a demanda potencial, aqueles que viajarão quando algum aspecto de suas vidas mudar (mais tempo livre, mais dinheiro, etc.); e a demanda adiada é aquela que não pode viajar por algum problema próximo ou pela oferta (ameaça terrorista no local, falta de alojamentos, etc.).
- A não demanda é caracterizada por pessoas que simplesmente não desejam viajar.

Uma definição abrangente e flexível de BOULLÓN (1985), que afirma que “a demanda turística é o total de pessoas que visita uma região, país ou atrativo e os recursos financeiros que gera”.

Embora sejam aproveitadas no projeto proposto todas as definições de demanda turística⁶ que foram colocadas nesta seção e devido a multidisciplinaridade que envolve todo o fenômeno turístico, as definições tratadas nesta seção abordam os gastos efetuados. Elas são caracterizadas tanto pelos visitantes e suas motivações como pelo consumo que estes realizam no local visitado. Neste trabalho se buscará conhecer

⁶ Não existe um conceito único que defina a demanda turística, esta possui uma série de definições de acordo com o ponto de vista, como foi evidenciado.

o perfil da demanda efetiva do Salto dos Macacos (Morretes – PR) de acordo com suas características e nível de conscientização ambiental.

2.1.3 OFERTA TURÍSTICA

Para explicar o turismo em toda a sua extensão, é necessário delimitar o conceito de oferta turística. A OMT (2001) define a oferta turística como “o conjunto de produtos e serviços postos à disposição do usuário turístico (população local e visitantes)⁷ num determinado destino para seu desfrute e consumo”.

RUSCHMANN (2003) coloca que “a oferta de uma localidade é constituída da soma de todos os produtos e serviços adquiridos ou consumidos pelo turista durante sua estada em uma destinação.”

Embora estas definições estejam corretas, a oferta de um destino é mais do que a soma dos produtos e serviços turísticos colocados à disposição para o consumo, ela representa um todo integrado por estes produtos e serviços, sejam eles turísticos ou não, é a *imagem geral* do destino (OMT, 2001).

As categorias da oferta turística de um destino podem ser identificadas através dos gastos que o visitante realiza no destino. Dessa forma, a OMT leva em consideração que a oferta turística é “todo gasto de consumo efetuado por um visitante ou por conta de um visitante, durante seu deslocamento e sua estada no local de destino”.

Dessa forma, são conceitos de *gastos turísticos*: alojamento; alimentação; transporte; lazer, cultura, atividades esportivas; compras e; outros.

De acordo com RUSCHMANN (2003), as categorias da oferta turística de um destino são suas atrações e seus equipamentos. Todos os elementos do patrimônio natural e cultural que atraíam um visitante para o destino e toda a infra-estrutura necessária para sustentar a atividade no local, como vias de acesso, restaurantes,

⁷ Deve-se levar em consideração que a oferta turística pode ser desfrutada de forma não turística pela população residente.

hotéis, pousadas, lojas, entre outros. É importante salientar que a infra-estrutura básica que atende tanto o visitante como a população local é também uma categoria de oferta turística (saneamento básico, iluminação pública, supermercados, parques, asfalto, etc.)⁸. Numa visão ampla do turismo, pode-se afirmar que a comercialização (distribuição e venda) do destino no local emissor, como agências e operadoras de viagens, bem como a empresa de transporte utilizada para chegar até ele, são partes integrantes da oferta turística. Porém, segundo a OMT (2001), estes são *operadores de mercado*, pois fazem a mediação entre oferta e demanda turística. Portanto, a oferta turística é conformada pelas atividades realizadas predominantemente no lugar do destino turístico.

2.1.4 PLANEJAMENTO TURÍSTICO

O planejamento turístico é um processo em que se pensa em todas as facetas do trabalho antes da tomada de qualquer decisão, ou seja, é a definição de um futuro desejado e todas as providências necessárias para o trabalho se realizar. É um processo antes de qualquer ação que exige conhecimentos técnicos de profissionais envolvidos com o conceito de sustentabilidade.

RUSCHMANN (2003) entende o planejamento turístico como:

“Um processo que consiste em determinar os objetivos de trabalho, ordenar os recursos materiais e humanos disponíveis, determinar os métodos e as técnicas aplicáveis, estabelecer as formas de organização e expor com precisão todas as especificações necessárias para que a conduta da pessoa ou do grupo de pessoas que atuarão na execução dos trabalhos seja racionalmente direcionada para alcançar os resultados pretendidos”.

⁸ A infra-estrutura não pode ser pensada apenas para o turismo. Deve ser planejada para atender os residentes, pois devem ser estes os maiores beneficiados da atividade. Além disso, a população local sente quando é deixada de lado em detrimento dos turistas. Se isto acontecer, os residentes poderão tratar os visitantes com hostilidade.

O planejamento é uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos. Ele tem por objetivo o provisionamento de facilidades e serviços para que uma comunidade atenda seus desejos e necessidades ou, então, o “desenvolvimento de estratégias que permitam uma a uma organização comercial visualizar oportunidades de lucro em determinados segmentos de mercado” (HARRY e SPINK, 1990 In: RUSCHMANN, 2003).

No processo de planejamento da atividade turística está a organização, que é o ordenamento e disposição das ações.

Geralmente, o planejamento do turismo parte das instituições públicas que para agirem necessitam da colaboração das instituições privadas. RUSCHMANN (2003) acredita que cabe ao Estado planejar a atividade turística e criar uma legislação fundamental para o desenvolvimento da infra-estrutura básica que proporciona o bem-estar da população residente e dos turistas. Além disso, deve zelar pela proteção e conservação do patrimônio ambiental e criar condições que facilitem e regulamentem o funcionamento dos serviços e equipamentos nos destinos, que são necessários ao atendimento das necessidades e desejos dos turistas. Porém, muitas vezes, estas tarefas ficam a cargo de instituições privadas.

Acredita-se que para um planejamento que objetive o desenvolvimento turístico sustentável é fundamental existir uma ação conjunta entre o Estado, as instituições privadas e organizações civis.

Hoje, a necessidade de efetuar um planejamento adequado, ou seja, sustentável, é evidente caso se deseje que um determinado espaço, município ou região turística possa chegar a ter um valor importante como produto turístico e, conseqüentemente, possa ser relevante dentro da economia local da região.

2.2 A SUSTENTABILIDADE NO TURISMO

De acordo com a OMT (2001) o conceito de sustentabilidade está ligado a três fatos importantes: qualidade, continuidade e equilíbrio dos recursos. Assim, no contexto do turismo, a OMT define o conceito de sustentabilidade como “satisfazer as necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de satisfações das gerações futuras”.

Necessariamente a sustentabilidade abrange os elementos ambientais, econômicos e socioculturais de uma localidade. A *sustentabilidade econômica* assegura um crescimento turístico eficiente; o emprego e os níveis satisfatórios de renda, juntamente com um controle sobre os custos e benefícios que garantam a continuidade para as futuras gerações (McINTYRE, 1993, In: OMT, 2001). A *sustentabilidade ecológica* assegura que o desenvolvimento turístico é compatível com a manutenção dos processos biológicos. Por fim, a *sustentabilidade sociocultural* garante o desenvolvimento turístico compatível com a cultura e os valores das populações locais, preservando a identidade da comunidade (OMT, 2001).

Cada vez mais, o turismo, assim como qualquer atividade econômica deve ser planejado dentro do conceito de sustentabilidade a fim de garantir o desenvolvimento responsável da localidade.

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1991, estabeleceu que o conceito de desenvolvimento sustentável pode ser definido como (RUSCHMANN, 2003):

“Um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e o futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”.

Na Conferência do Rio, em 1992, foram apresentadas algumas necessidades que, quando sanadas, possuíam o objetivo de tentar aproximar a realidade ideal da

realidade brasileira (CROALL, 1995 In: OMT, 2001). Portanto, são objetivos do desenvolvimento sustentável:

- Respeitar e cuidar da comunidade de vida;
- Melhorar a qualidade de vida humana;
- Conservar a vitalidade e a diversidade da Terra;
- Minimizar a destruição dos recursos renováveis;
- Manter-se dentro da capacidade de carga da Terra;
- Mudar as atitudes e ações da população para adotar a ética de vida sustentável;
- Capacitar as comunidades para cuidar de seus entornos e;
- Promover um esquema nacional para integrar o desenvolvimento e conservação.

Segundo BARRETO (2001), o importante é conseguir trazer o desenvolvimento econômico e tecnológico ao Terceiro Mundo, sem destruir a natureza e o patrimônio cultural preexistentes, mas não deixar de trazer as inovações que permitem uma melhor qualidade de vida com a justificativa de que o patrimônio é intocável. Entra aí a proposta de turismo sustentável, como uma alternativa ao turismo de massa⁹, que durante anos, vem agredindo as paisagens e destruindo ecossistemas.

Pode-se dizer que o ponto de partida do conceito de turismo sustentável está na conservação dos recursos para que a geração presente e as futuras possam desfrutar dele. RUSCHMANN (2003, p.109) acredita que:

“Os conceitos de desenvolvimento sustentável e turismo sustentável estão intimamente ligados à sustentabilidade do meio ambiente, principalmente nos países menos desenvolvidos. Isso porque o desenvolvimento e o desenvolvimento do turismo em particular dependem da preservação da viabilidade dos seus recursos de base”.

⁹ Caracterizado pelo grande volume de pessoas que viajam em grupos ou individualmente para os mesmos lugares, geralmente nas mesmas épocas do ano (RUSCHMANN, 2003).

Ou seja, RUSCHMANN (2003) quis dizer que o meio ambiente é a base econômica da atividade turística e apresenta oportunidades e limitações. A perpetuação da atratividade dos recursos turísticos é, portanto, a base do desenvolvimento sustentável do turismo.

O conceito de turismo sustentável tem a pretensão de compatibilizar o desenvolvimento turístico com a conservação dos recursos utilizados por ele. Portanto, trata-se de adotar uma visão da atividade a longo prazo, centrando a conservação dos elementos que favoreceram o surgimento de um destino turístico, ou seja, a atividade turística não pode destruir a motivo de sua existência.

Segundo a OMT (2001), a proteção do meio ambiente, mediante a conservação dos recursos dos que dependem do turismo, pode trazer grandes vantagens aos mercados turísticos: maior satisfação dos consumidores, maiores oportunidades de investimentos futuros, um estímulo para o desenvolvimento econômico e melhoria no bem-estar da comunidade receptora.

Para isso, durante o processo de planejamento da atividade turística, deve-se estabelecer a *capacidade de carga* do local. Este conceito parte da premissa de que cada meio ambiente tem a possibilidade de sustentar atividades dentro de um certo nível, mas, acima deste algum tipo de deterioração deve ser esperado, ou no próprio ambiente, ou na atividade nele desenvolvida. Esta capacidade depende do tamanho da área, do solo, da topografia, dos hábitos das pessoas, da fauna e da flora, bem como do número e da qualidade dos equipamentos instalados para atender aos turistas e a comunidade local como saneamento, vias de acesso, trilhas, estacionamento, alojamentos, restaurantes, etc.

BOO (1990, In: RUSCHMANN, 2003), define capacidade de carga de um recurso turístico como “o número máximo de visitantes (por dia/ mês/ ano) que uma área pode suportar, antes que ocorram alterações dos meios físico e social”.

A OMT (2001) define o conceito de capacidade de carga total de um destino como “o máximo de uso que se pode fazer dele sem que causem efeitos negativos sobre seus próprios recursos biológicos, sem reduzir a satisfação dos visitantes ou sem

que produza efeito adverso sobre a sociedade receptora, a economia ou a cultura da área”.

As duas definições se complementam, porém, acrescentando às definições a capacidade de carga também deve estar em conformidade com as normas de segurança de cada equipamento instalado para entreter o turista.

A capacidade de carga pode ser ecológica, social, psicológica e econômica. A *capacidade de carga ecológica* se define como o número máximo de visitantes que um lugar pode receber ao mesmo tempo para assegurar um desenvolvimento compatível aos recursos naturais. A *capacidade de carga social* faz referência ao nível máximo de atividade turística para não produzir uma mudança negativa na população local. A *capacidade de carga do turista*¹⁰ é entendida como o nível máximo de pessoas ao mesmo tempo num mesmo lugar que não prejudique a satisfação do próprio visitante. A *capacidade de carga econômica* é definida como o nível de atividade econômica compatível com o equilíbrio entre os benefícios econômicos que proporciona o turismo e os impactos negativos que a atividade turística gera sobre as economias locais (inflação, manutenção das estruturas, etc.) (OMT, 2001).

O estabelecimento de um número de capacidade de carga – conceito carente de um critério objetivo - é uma tarefa difícil e subjetiva, pois varia de um lugar para outro e depende tanto da capacidade física do local como do objetivo do produto turístico, ou seja, se o planejador acredita que para aquela determinada localidade é interessante provocar no visitante a sensação de isolamento ou mesmo garantir silêncio.

¹⁰ Conceito também conhecido como capacidade de carga psicológica.

2.3 O MEIO AMBIENTE E O TURISMO

Segundo RUSCHMANN (2003) como meio ambiente “entende-se a biosfera, isto é, as rochas, a água e o ar que envolve a Terra, juntamente com os ecossistemas que eles mantêm”. Porém, de acordo com TULIK (1990, In: BARRETO, 2001) o meio ambiente “não inclui apenas terra, água, ar, flora e fauna, mas engloba, também o povo, suas criações e as condições sociais, econômicas e culturais que afetam suas vidas”.

A qualidade da relação entre o turista e o destino turístico passa pela questão da preservação do patrimônio natural e cultural dentro do conceito de sustentabilidade, que visa a perpetuação do patrimônio para as futuras gerações. A quantidade de turistas e os efeitos que estes causam podem ser negativos ao meio ambiente. A destruição da cobertura vegetal (por fogo, coleta de espécies, trilhas, etc.); o comprometimento da qualidade da água (por esgotos, combustível, etc.); a extinção da fauna (por caça e pesca predatórias); o vandalismo puro e simples dos turistas; a poluição arquitetônica, pela falta de regulamentação das construções; a poluição turística (lixo, barulho, etc.); a destruição de formações naturais; a instalação de equipamentos (hotéis, restaurantes e outros) são alguns dos efeitos maléficos mais comuns que o turismo trouxe para muitos ambientes naturais e continuará trazendo, caso não seja tomada nenhuma providência (BARRETO, 2001).

Mesmo sem um planejamento e preparo adequados, nos últimos anos, o número de turistas que visita áreas naturais tem aumentado de forma surpreendente (LINDBERG e HAWKINS, 2001). O retorno à natureza, a busca da tranquilidade perdida nos grandes centros urbanos, a revalorização do meio ambiente são tendências que fazem do ecoturismo uma forma de lazer em crescimento. Trata-se de uma renovação do turismo e revalorização do meio ambiente e está relacionada com as discussões sobre a *preservação* e *conservação* da natureza e todos os aspectos da questão ambiental (FIGUEIREDO, 1999).

2.4 ECOTURISMO

Conforme estudos de PELLEGRINI (1990), a partir de 1980 generalizou-se no mundo a preocupação com a preservação, assim como o problema de como conciliar a conservação com o progresso material. O ideal parece ser a conservação ativa, isto é, a conservação física dos bens patrimoniais dando-lhes uma função conveniente, com soluções adequadas ao desejado progresso, ou seja, conforme o conceito de desenvolvimento sustentável – que não prega o “desenvolvimento zero” – as áreas devem possuir um certo grau de desenvolvimento e crescimento.

Dentro desta perspectiva, é necessário transformar uma área de preservação natural estática, que não está sendo utilizada, em uma área dinâmica que está sendo aproveitada social e economicamente.

Sabe-se que as pessoas normalmente apenas protegem o que conhecem. Assim, o turismo se transforma num instrumento para o fomento da conscientização e educação ambiental, disseminando o conhecimento e viabilizando a preservação do patrimônio cultural e a conservação do patrimônio natural.

De acordo com BARRETO (2001), “pela definição da palavra *ecologia* (estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem, bem como suas recíprocas influências) entende-se que o turismo ecológico é aquele que protege o patrimônio, seja ele natural ou cultural”. Para a autora, todo o tipo de turismo deveria ser ecológico; apenas deixar pegadas e somente levar fotografias.

O Ministério da Indústria, Comércio e Turismo e o Ministério do Meio Ambiente, dentro das Diretrizes de uma Política Nacional de Ecoturismo, de março de 1995 definem (HAWKINS e LINDBERG, 2001):

“Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, os patrimônios cultural e natural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

O ecoturismo (ou turismo ecológico) torna-se uma alternativa atraente para as regiões em desenvolvimento já que utiliza os recursos naturais e a mão de obra local. Se há desemprego e pobreza, um projeto turístico pode e deve justificar-se para elevar as condições sociais da vida da população local.

Segundo GOIDANICH e MOLETTA (2000), as localidades ricas em áreas naturais, mas em situação desfavorável nas questões de produtividade são locais prioritários no desenvolvimento do ecoturismo. Porém, a existência de um turismo irresponsável e não planejado pode agravar essa situação. Assim, o planejamento do turismo em áreas naturais é importantíssimo para assegurar a conservação da diversidade biológica do local, que é o próprio atrativo do ecoturismo.

No processo de planejamento da atividade turística numa área natural é fundamental observar aspectos como a ecologia, a estética, a economia e a sociedade.

A ecologia, fundamental para a existência do ecoturismo na região, deve ser respeitada de acordo com seus limites. O estudo da capacidade de carga do local deve ser elaborado conforme suas especificidades.

A valorização da estética no manejo de uma área natural é muito importante para a perpetuação da atividade turística, pois os danos ecológicos provocados pelo turismo descontrolado bem como o número de pessoas ao mesmo tempo no local é avaliado pelos visitantes e estes aspectos podem dificultar a contemplação da paisagem, principal motivo da existência do turismo na localidade.

O produto turístico deve ter seus aspectos econômicos analisados de uma maneira global, pois influencia o entorno e é influenciado pelo movimento da economia mundial. Os elementos a serem verificados num projeto são seu custo de implantação, operação e manutenção, a taxa de visitação cobrada, tributos, entre outros. Estes elementos devem ser coerentes com a realidade local e do público-alvo (OMT, 2001).

Os aspectos sociais e culturais da comunidade local e dos visitantes influenciam o planejamento da atividade de ecoturismo. Os visitantes possuem uma carga cultural que deve ser respeitada pelos planejadores, ou seja, as instalações e

infra-estrutura devem ser adequadas às necessidades e exigências do grupo. Essas infra-estruturas exigidas, no entanto, podem ser adequadas e planejadas levando em consideração os materiais nativos, técnicas de construção e mão-de-obra local, respeitando a cultura da comunidade.

O ecoturismo, quando corretamente planejado, pode trazer vários benefícios para a região, sendo eles:

- Aumento da consciência conservacionista da comunidade local e dos visitantes, como já foi afirmado;
- Crescimento ordenado da atividade evitando os impactos negativos;
- Desenvolvimento econômico da região, normalmente distantes dos centros urbanos e carentes;
- Formação e capacitação da comunidade local para diversas funções pertinentes ao ecoturismo, como guias e monitores, entre outros;

O ecoturismo aceita e defende tanto limitações quantitativas quanto qualitativas dos níveis de desenvolvimento da atividade turística através de um estudo da capacidade de carga e do zoneamento espacial necessário para a gestão da atividade na localidade.

2.5 AS TRILHAS E A INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA

A principal função das trilhas é a de suprir as necessidades de deslocamento e de atuar como um meio de contato com a natureza, através de caminhadas e passeios de bicicleta (FBPN, 2004).

As trilhas oferecem aos visitantes a oportunidade de desfrutar de uma área de maneira tranqüila e alcançar maior proximidade com o ambiente natural. Segundo a WWF BRASIL (2003), trilhas bem construídas e devidamente mantidas protegem o ambiente do impacto do uso, e ainda asseguram ao visitante conforto, segurança e satisfação.

As trilhas podem ser classificadas conforme sua função, forma e grau de dificuldade. Podem ser utilizadas em serviços administrativos (fiscalização, patrulhamento) ou pelos visitantes. De acordo com a forma, as trilhas podem ser circulares, em oito, lineares ou em atalho. Quanto ao grau de dificuldade, a classificação é subjetiva, pois varia de pessoa para pessoa e depende da topografia, tipo de solo, distância, etc. (WWF BRASIL, 2003). Além disso, as trilhas podem ser guiadas ou auto-guiadas, que indica o acompanhamento ou não de um guia durante o passeio.

A indicação do grau de dificuldade, da distância e da declividade de uma trilha antes do início do passeio é fundamental para que o ecoturista saiba, além da distância e tempo a percorrer, o condicionamento físico requerido para percorrer a trilha.

Quanto aos impactos ambientais decorrentes da implantação e uso de trilhas, a WWF BRASIL (2003) aponta quatro fatores a serem observados:

- Solo: os principais impactos são a compactação devido ao pisoteio (que diminui a capacidade do solo de absorver o ar e a água) e a erosão (causada pela compactação e escoamento de água).

- Vegetação: a destruição das plantas pelo pisoteio, a luminosidade mais intensa no caminho e a erosão do solo permitem que as espécies mais resistentes tenham mais vantagens em relação às mais sensíveis.
- Fauna: o impacto das trilhas em relação à fauna ainda não é muito bem conhecido. Provavelmente, há um aumento do número de indivíduos de uma espécie mais tolerante à presença do homem e diminuição das espécies mais sensíveis.
- Outros fatores antrópicos: lixo, incêndios e coleta de materiais são comuns à utilização de trilhas.

Um aspecto importante na consideração do impacto causado pelo uso de trilhas é a determinação da capacidade de carga das áreas.

COLE (1983 In: LEMOS, 1999) acredita que a avaliação e monitoria das condições das trilhas é um meio de reduzir os custos de manutenção das mesmas. Avaliando e monitorando as trilhas podem-se tomar medidas preventivas antes que as ações de reparos mais caras sejam necessárias (PAGANI, SCHIAVETTI, MORAES e TOREZAN, 1999 In: LEMOS, 1999).

As trilhas, principalmente as de longa distância e que não recebem manutenção adequada quase sempre sofrem problemas de erosão e apresentam pontos críticos em relação à segurança. Algumas possuem bifurcações que não levam a lugar algum ou somem devido ao desuso. Além disso, existe a constante ausência de mapas, sinalização e meios interpretativos (WWF BRASIL, 2003).

Dentre os objetivos de um sistema de trilhas está a interpretação da natureza, ferramenta indispensável para o manejo de unidades de conservação, pois desperta no visitante a idéia da importância do meio natural. As trilhas interpretativas servem para compartilhar experiências que levem os visitantes a apreciar, entender e ajudar na conservação de um recurso natural (PAGANI, SCHIAVETTI, MORAES e TOREZAN, 1999 In: LEMOS, 1999).

Segundo PAGANI, SCHIAVETTI, MORAES e TOREZAN (1999, In: LEMOS, 1999), a interpretação ambiental busca promover nos visitantes o sentimento

de pertinência à natureza, através da sua transformação íntima em relação aos recursos naturais, da sua compreensão e seu entendimento, na esperança de gerar seu interesse, sua consideração e seu respeito pela natureza e, conseqüentemente, pela vida. É um princípio educativo que utiliza uma forma estimulante de fazer com que as pessoas entendam seu entorno ecológico.

O objetivo fundamental da interpretação não é a instrução, mas a provocação; deve despertar a curiosidade, ressaltando o que parece, a princípio, insignificante. A linguagem interpretativa adota os componentes fundamentais da comunicação, porém, o que diferencia a interpretação da simples comunicação é a forma com que é feita a comunicação. Baseada em técnicas especiais, a abordagem interpretativa provoca, cativa e estimula o visitante a observar objetivamente, pensar criticamente e agir conscientemente (WWF BRASIL, 2003).

As trilhas interpretativas constituem-se num dos instrumentos educativos mais facilmente utilizados em programas de ecoturismo. Essas trilhas devem ser planejadas de acordo com os objetivos do programa interpretativo e as características e valores intrínsecos que o local oferece. Diferentes estratégias estão sendo utilizadas para transformar a recreação em trilhas em oportunidades de interpretação, traduzindo ao visitante os fatos que estão além da aparência, tais como leis naturais, interações, funcionamento, histórias, etc. Algumas vezes, as oportunidades educativas e interpretativas surgem a partir da identificação de problemas ambientais locais. É bom lembrar aos visitantes que as pessoas podem causar problemas por ações ou omissões (WWF BRASIL, 2003).

É necessário tornar comum, ao se abrir uma nova trilha, a elaboração de estudos para a avaliação do melhor traçado, das técnicas de controle ou inibição de visitação e de programação de atividades que podem ser desenvolvidas ao longo dela, tal como a interpretação da natureza. A existência de unidades de conservação que possuem projetos que visam à conservação do meio natural, através de métodos educativos deve ser fomentada pelas instituições públicas e privadas a fim de garantir

a sustentabilidade da localidade e constituir um instrumento para a perpetuação da diversidade biológica.

2.6 ESTRUTURAS DE CÔPADA – O QUE SÃO?

2.6.1 TORRES, PLATAFORMAS E PASSARELAS DE COPADA

Torres e Passarelas de Copada (canopy towers & walkways), associadas ou não, são estruturas desenvolvidas para possibilitar e facilitar o acesso, para observação amadora contemplativa, como a feita por ecoturistas, ou de estudo (estudantes, profissionais, pesquisadores) de florestas ou segmentos florestais.

Segundo o Programa MPE, Melhores Práticas para o Ecoturismo, as passarelas de copada podem ser consideradas como “trilhas” artificiais, que possibilitam a observação contemplativa ou interpretada, da mesma forma que os igarapés, córregos, cursos d’água em manguezais, podem ser considerados “trilhas” aquáticas. Dessa forma, elas permitem tanto a simples observação de flora e fauna, como também que pesquisadores realizem observação de longa duração e coleta de dados numa área definida e fixa (MMA, 2002a).

2.6.1.1 Passarelas de Copada

Passarelas são alternativas de observar e/ou estudar copadas e extratos superiores da floresta, de forma confortável, permanente e facilitam estudos a curto, médio e longo prazos. Esse sistema modular, que consiste em pontes interconectadas e plataformas, permite acesso fácil para usuários, além de ser de fácil manutenção e de grande durabilidade.

2.6.1.2 Torres

Torres são as estruturas, ou partes de um conjunto, que permitem o acesso e a interpretação vertical de uma árvore ou de um conjunto de árvores. Em sua construção deve-se pensar em estágios ou plataformas em níveis de observação progressiva, a partir do solo, passando pelo sub-bosque, copada e, finalmente, atingindo a parte superior à copada, para visão panorâmica de 360°.

2.6.1.3 Plataformas

Plataformas são estruturas intermediárias e de apoio, em geral fixadas em árvores-tema, que servem para conectar passarelas, permitindo inclusive interpretação e/ou acesso a plataformas ou passarelas em outros níveis (inferior ou superior), dando continuidade ao circuito. Podem dar acesso ao solo ou a mirantes panorâmicos acima da copada da mata circundante. Alguns conjuntos aproveitam desníveis de solo para acesso, evitando o uso de escadas, possibilitando seu uso por portadores de necessidades especiais ou pessoas idosas ou com dificuldade de locomoção (MMA, 2002a).

2.7 ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE TURÍSTICO DO MARUMBI

Com o objetivo de assegurar a preservação e conservação de ambientes naturais começou a ser elaborado em meados de 1979 um Plano do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) que previa a criação de alguns tipos de *unidades de conservação*¹¹ e criou 13 áreas de preservação no Brasil (SERRANO e BRUHNS, 1999). Posteriormente, foram criadas mais UC's, entre elas a Área de Especial Interesse Turístico do Marumbi em 1987. O SNUC modernizou-se de acordo com a necessidade. Foi instituído pela Lei Nº 9.985 de 18 de junho de 2000 e é constituído pelo conjunto das unidades de conservação federais, estaduais e municipais.

De acordo com a Lei Nº 6.513, de 20 de dezembro de 1977, consideram-se Áreas Especiais de Interesse Turístico (AEIT) os locais que possuam bens de valor histórico, artístico, arqueológico ou pré-histórico.

As Áreas Especiais de Interesse Turístico são trechos contínuos do território nacional, inclusive suas águas territoriais, a serem preservados e valorizados no sentido cultural e natural, e destinados à realização de planos e projetos de desenvolvimento turístico (Lei Nº 6.513, de 20 de dezembro de 1977).

Essas áreas são instituídas pelo Poder Executivo para fins de elaboração e execução de planos e programas destinados a promover o desenvolvimento turístico; assegurar a preservação e valorização do patrimônio cultural e natural; estabelecer normas de uso e ocupação do solo; orientar a alocação de recursos e incentivos, necessários para atender aos objetivos e diretrizes da lei (Lei Nº 6.513, de 20 de dezembro de 1977).

As preocupações com as agressões ao ambiente natural da Mata Atlântica não são recentes e com elas surgiram alertas sobre o risco potencial de desequilíbrio.

¹¹ Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (Lei Nº 9.985, de 18 de junho de 2000).

Devido a essa infeliz tendência, o Governo do Paraná, em 1987, criou a Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (ITCF, 1987).

Porém, segundo o Coordenador das Unidades de Conservação do Litoral do IAP, Francisco Torres, está em tramitação no legislativo um processo que tem como objetivo a transformação da AEIT do Marumbi numa Área de Proteção Ambiental, a APA da Serra do Mar, de acordo com a nova nomenclatura do SNUC.

A AEIT do Marumbi atualmente possui uma superfície de 66.732,99 hectares e abrange os municípios de Campina Grande do Sul, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Piraquara e Quatro Barras. A maior riqueza da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi, localizado no litoral do Estado do Paraná, está na sua diversificada geografia e na exuberância da fauna e da flora que ocorrem na área. Porém, essa riqueza torna-se ameaçada pela sua localização, próxima a Curitiba e Região Metropolitana, região que apresenta um grande adensamento populacional.

CAPÍTULO III – A PESQUISA

A pesquisa para a elaboração do projeto ocorreu entre os meses de março a agosto do ano corrente e foi desenvolvida nas cidades de Curitiba e Morretes, no Estado do Paraná.

O número de turistas que visitam áreas naturais, nos últimos anos, tem aumentado significativamente no Brasil e no mundo. Porém, essa tendência não tem sido acompanhada pelo planejamento, organização e administração adequados aos locais visitados, principalmente em regiões ambientalmente sensíveis (HAWKINS; LINDBERG, 2001). No município de Morretes, os atrativos naturais não possuem, segundo a Secretaria Municipal de Turismo de Morretes, infra-estrutura adequada para a visitação, tampouco uma estimativa de visitantes por final de semana ou anualmente¹². Além disso, os representantes da atividade turística do município entrevistados na pesquisa acreditam o turismo descontrolado é o principal responsável pela degradação do Salto dos Macacos. Esta pesquisa pretendeu, portanto, a busca por alternativas que não agredissem a mata como um todo e que possibilitassem, dentro de um contexto sustentável, a utilização econômica e social da floresta.

¹² A Secretaria informou que já estão sendo providenciadas pesquisas que estimem o número de visitantes ao município e em atrativos em específico.

3.1 OBJETIVOS, PROBLEMA E HIPÓTESE DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa é “avaliar a atual situação da trilha de acesso ao Salto dos Macacos e verificar as alternativas sustentáveis para seu planejamento turístico”. Sendo que os objetivos específicos são:

1. Pesquisar a atual situação da região do salto (infra-estrutura existente e legislação vigente);
2. Levantar pontos do caminho para o Salto dos Macacos mais adequados e interessantes para a instalação das passarelas suspensas e de infra-estruturas turísticas (centro de visitantes, área para camping, estacionamento, etc.);
3. Verificar o possível número de passarelas suspensas e;
4. Verificar a capacidade de carga da trilha.

O problema proposto pela pesquisa é “quais são alternativas viáveis para o planejamento do turismo do Salto dos Macacos?”, tendo como hipótese que “a criação de um controle do fluxo de visitantes, a implantação de passarelas suspensas e intervenções físicas em alguns trechos da trilha de acesso são alternativas para a organização e fomento do turismo no Salto dos Macacos e para a conservação do mesmo”.

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA

A pesquisa foi realizada de duas maneiras concomitantes¹³. A primeira foi de caráter exploratório, a fim de criar familiaridade com o tema e coletar dados para elaboração do projeto, através de pesquisas de gabinete nas quais foi verificada a situação atual da região por meio de bibliografia relacionada com o tema e estudos elaborados sobre a região do Salto dos Macacos e Morretes. Neste estágio, pesquisas de campo também foram utilizadas com o objetivo de avaliar a trilha e perceber de forma prática a infra-estrutura existente, o percurso da trilha e as necessidades e possibilidades que esta possui.

O segundo estágio foi de caráter descritivo, com o objetivo de avaliar a situação atual da região e o interesse em organizar o turismo no Salto dos Macacos. Nesta fase, questionários qualitativos foram aplicados aos principais representantes das entidades governamentais e privadas do município, que estão envolvidos diretamente com a atividade turística. Foram eles: o Secretário Municipal de Turismo, o Coordenador das Unidades de Conservação da Regional Litoral do IAP, um representante da Operadora de Turismo Calango (atuante na região) e o Presidente da Associação de Pousadas e Hotéis de Morretes. As perguntas – abertas e fechadas – deste questionário tiveram como objetivo identificar o interesse na organização da trilha de acesso ao Salto dos Macacos, no controle de visitação e sugestões dos problemas da trilha, cuja solução julgaram ser prioridade (**vide apêndice 1**).

A interpretação dos dados foi feita após a coleta de dados, pela análise dos questionários qualitativos e pela análise física da trilha. A avaliação de todos os resultados foi elaborada de maneira descritiva, em forma de texto.

¹³ As visitas técnicas ao município foram aproveitadas ao máximo, tanto para a aplicação dos questionários como para a exploração do local.

3.3 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.3.1 A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE TURÍSTICO DO MARUMBI – ASPECTOS HISTÓRICOS E ATUAIS

O Movimento Marumbinista, formado na década de 70 por Romário Martins, Roberto Ribas Lange entre outros ambientalistas, lutava pela proteção da Serra do Mar Paranaense e propôs a criação do Parque Nacional do Marumbi. Os governadores da época comprometeram-se com a criação da área. No entanto, a dificuldade na desapropriação do território, não permitiu a criação como área de domínio público. Restando como estratégia para a época, em 1987, foi instituída a Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (AEIT), prevista no SNUC da Constituição Federal (IAP, 2001).

Ao longo dos anos, o SNUC sofreu algumas mudanças e, atualmente, não prevê a unidade de conservação denominada AEIT. Segundo o IAP, ao analisar a estrutura de zoneamento e normativa da AEIT do Marumbi, através de seu Plano de Gerenciamento, torna-se clara a necessidade de recategorização para Área de Proteção Ambiental (APA), modelo de unidade de conservação de uso sustentável prevista no atual SNUC. Além disso, a denominação de “APA da Serra do Mar” já é visualizada em diversas placas informativas, faltando para tanto o ato legal desta ação e o novo documento de manejo, que está em estudo (IAP, 2001).

Com uma área de 66.732,99 hectares a AEIT do Marumbi abrange o território de alguns parques estaduais como o Parque Estadual do Marumbi, da Graciosa e Roberto Ribas Lange. Além de terras públicas, a área apresenta terras particulares e ocupações irregulares.

A maior riqueza da AEIT do Marumbi, localizado no litoral do Estado do Paraná, está na sua diversificada geografia e na exuberância da fauna e da flora que ocorrem na área (ITCF, 1987).

Os principais atrativos turísticos da AEIT do Marumbi são a Estrada da Graciosa, a Ferrovia Paranaguá-Curitiba, o Caminho Colonial da Graciosa, o Caminho Colonial do Itupava, o Conjunto Marumbi, o Morro Sete, o Rio Mãe Catira, o Rio Nhundiaquara, o Véu da Noiva e o Salto dos Macacos (IAP, 2001).

O fato de que a AEIT do Marumbi está localizada próxima ao maior adensamento populacional do Paraná, Curitiba e Região Metropolitana, cerca de 2 milhões de habitantes, também reforça a necessidade da adoção de medidas, não apenas do governo estadual, mas, também, da iniciativa privada, de organizações não governamentais e de instituições de estudos (ITCF, 1987). Medidas, estas, que possibilitem o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis, como o turismo, visando o bem-estar da população local.

Neste sentido, a compatibilização do uso e ocupação do solo e a proteção dos bens de valor histórico e arqueológico e dos recursos naturais renováveis, através de estudos, pesquisas e levantamentos, são atitudes que se tornam fundamentais para o planejamento das atividades na área (ITCF, 1987).

3.3.2 O SALTO DOS MACACOS

O Salto dos Macacos está localizado na Serra do Mar em Morretes, na porção central da AEIT. Este território da unidade é denominado de Serra da Farinha Seca e compreende a área entre a ferrovia Paranaguá-Curitiba e a Estrada da Graciosa (**vide anexo 1**). O salto em si está localizado numa propriedade particular que pertence à antiga Indústria de Papel São Marcos, hoje uma massa falida que irá a leilão, segundo Francisco Torres, Coordenador das Unidades de Conservação do Litoral do IAP.

O Salto dos Macacos, formado no Rio dos Macacos, é composto por dois saltos consecutivos. O superior, Salto dos Macacos é o mais alto, possui aproximadamente 70 m de altura; o inferior, o Salto do Redondo possui uma queda de aproximadamente 30 m. Entre um salto e o outro, existe uma seqüência de quatro

piscinas naturais, onde se forma um mirante natural e que permite a vista das cadeias montanhosas do Conjunto Marumbi. Popularmente, os dois saltos são conhecidos apenas como Salto dos Macacos.

FIGURA 1– O SALTO DOS MACACOS



Fonte: Manual MPE, 2002a.

FIGURA 2 – O SALTO DOS MACACOS E A PISCINA NATURAL



Fonte: Manual MPE, 2002a.

FIGURA 3 – CONJUNTO MARUMBI VISTO DO MIRANTE NATURAL DO SALTO DOS MACACOS



Fonte: Manual MPE, 2002a.

O deslocamento ao Salto dos Macacos possui, até o início da trilha, aproximadamente 10 km. De acordo com a Associação dos Condutores de Morretes, o primeiro trecho possui 6 km por estrada asfaltada, chamada de “reta do porto”, partindo do centro da cidade de Morretes. Após o asfalto, no distrito de Porto de Cima, são mais 4 km pela Estrada de Prainhas até o início da trilha. Apesar desta ser estrada de terra, o deslocamento pode ser feito por veículo motorizado. A segunda etapa do deslocamento é a pé. A trilha de acesso ao salto possui 4 km e tem previsão de duração de aproximadamente 2h30min. De acordo com os condutores, a trilha possui grau médio de dificuldade.

Porto de Cima é o acesso mais importante ao Salto dos Macacos, pois é o único que permite a entrada de automóveis. A Estrada de Prainhas tem início na ponte de Porto de Cima, acompanha o Rio Nhundiaquara a maior parte do tempo e termina na Estação de Engenheiro Lange da COPEL (Companhia Paranaense de Eletricidade). Em muitos trechos a estrada sobrepõe-se ao Caminho Colonial do Itupava, sendo visível o calçamento original em diversos locais. O segundo acesso, menos utilizado, é pelo Caminho Colonial do Itupava no sentido Curitiba – Morretes (IAP, 2001).

3.3.3 FRAGILIDADE ECOLÓGICA DA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS

Até o momento não há um estudo específico sobre a fragilidade ecológica da trilha e do Salto dos Macacos. O Plano de Gerenciamento da AEIT do Marumbi, no ano de 1987, afirma que “a Serra do Mar e parte do Planalto Meridional, que inclui a AEIT do Marumbi, corresponde à maior área natural do Estado”. O plano diz que não existem dados pertinentes disponíveis sobre a área, a diversidade de topografia, solos, vegetação e ainda, a alta porcentagem da cobertura vegetal primitiva, não deixam dúvidas de que a fauna nativa ainda presente é quantitativamente rica e altamente diversificada, portanto, cada ação ou empreendimento que venha a surgir na área deve ser de mínimo impacto (ITCF, 1987).

3.3.4 INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA EXISTENTE NA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS

Em todo o município de Morretes existem três hotéis, quinze pousadas e uma área para camping, totalizando uma capacidade de atendimento de 459 pessoas em chalés, apartamentos e quartos e 100 pessoas em acampamento. Os restaurantes são 23 ao todo e as lojas de artesanato totalizam nove. O município possui uma empresa de transporte turístico, três associações de classe, três bancos, um hospital, dois centros culturais e dois postos de informações turísticas (**vide anexo 3**) (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

No centro histórico, há uma operadora local de turismo, Calango Expedições, responsável pela organização e venda de pacotes que incluem caminhadas, passeios de bicicleta, *rafting* e passeios de barco no Litoral e na Serra do Mar, incluindo o Salto dos Macacos. Estes passeios devem ser previamente agendados e contam com condutores da Associação de Condutores Águias Marumbi, capacitados em guiar grupos aos atrativos naturais da região (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

A Estrada de Prainhas, no distrito de Porto de Cima em Morretes, é o principal acesso ao início da trilha do Salto dos Macacos. Portanto, alguns elementos da infra-estrutura desse local foram avaliados pela Secretaria de Turismo de Morretes, pelo IAP e pela autora da pesquisa no próprio local. São eles: estacionamento, área para camping, hospedagem, restaurantes, centro de visitantes, entre outros serviços.

Na estrada de Prainhas existem três pousadas, totalizando 71 leitos; um local para eventos, o “Ecopark”, que disponibiliza infra-estrutura de alimentação e hospedagem e; serviços de aluguel de bóias, que não são citados no inventário. Existem, ainda, pequenas áreas para camping em residências dos moradores e churrasqueiras para os praticantes de “bóia-cross”. Porém, toda essa infra-estrutura está localizada no início da estrada e há cerca de 4 km do início da trilha do Salto dos Macacos (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES, 2005).

Em Prainhas não há centro de visitantes, posto de informações turísticas, monitoramento das trilhas e sinalização que indique os atrativos turísticos da estrada, como o Salto dos Macacos. Entretanto, existe um projeto que prevê a instalação dessas infra-estruturas e serviços no “Termo de Referência para Atividades Turísticas na APA da Serra do Mar”, que será citado no próximo item.

3.3.5 TERMO DE REFERÊNCIA PARA ATIVIDADES TURÍSTICAS NA ÁREA DO SALTO DOS MACACOS

O IAP, em parceria com o programa estadual Pró-Atlântica e com a empresa Ambiental Consultoria, elaborou um “Termo de Referência para Atividades Turísticas na APA da Serra do Mar”, incluindo a área do Salto dos Macacos. Esse termo apresenta as atividades turísticas desenvolvidas na área; descreve os serviços que podem ser concessionados por uma empresa privada; estabelece regras para a utilização dos espaços, para as atividades e serviços; planeja o envolvimento da comunidade e; sugere cursos de capacitação de recursos humanos. O projeto visa atender aos objetivos da conservação da unidade de conservação, ao bem estar dos visitantes e comunidades envolvidas e aos interesses econômicos do concessionário.

3.3.5.1 Acessos e Controle de Visitação ao Salto dos Macacos

Está prevista no termo de referência a instalação de uma guarita e uma cancela no local onde está atualmente a casa do IAP (aproximadamente 800 m da entrada da trilha ao Salto dos Macacos), em Prainhas. De acordo com o termo, os visitantes que chegarem à APA pelo Caminho Colonial do Itupava, que já conta com projeto específico para controle de visitação, não precisarão passar pelo controle. Já os visitantes que chegarem de Morretes pela Estrada de Prainhas, poderão aceder ao local caminhando ou vans de operadoras de turismo. A partir desse ponto, apenas os veículos

autorizados poderão passar. Os demais veículos deverão estacionar na área estabelecida (MMA, 2002b).

3.3.5.2 Horários de Funcionamento

De acordo com o termo, todas as instalações estarão abertas das 8h às 18h nos dias de semana e das 8h às 20h nos finais de semana e feriados. Deverá haver plantão de funcionário para monitorar o camping e o estacionamento (MMA, 2002b).

3.3.5.3 Caminhadas

De acordo com o Termo de Referência, o concessionário deverá manter um corpo de condutores de visitantes (da Associação de Condutores de Morretes) para atender aos usuários que demandem o serviço de acompanhamento nas trilhas da região (MMA, 2002b).

3.3.5.4 Limpeza e Manutenção

A limpeza e manutenção das estruturas e da área do entorno será de responsabilidade do concessionário segundo o termo. Os resíduos sólidos deverão ser devidamente separados e recolhidos diariamente. As lixeiras deverão ser antianormais e diferenciadas por cor conforme o tipo de resíduo, facilitando a coleta seletiva. Todos os produtos de limpeza utilizados pelo concessionário deverão ser biodegradáveis (MMA, 2002b).

3.3.5.5 Segurança

De acordo com o Termo de Referência das Atividades na APA da Serra do Mar, o concessionário deverá atender às normas de segurança prescritas, instruindo seus funcionários e visitantes a cumpri-las. Será de responsabilidade do concessionário manter um ambulatório com equipamentos e pessoal capacitado para garantir pronto atendimento.

Em casos de emergência médica que necessitem remoção, o paciente deverá ser encaminhado com segurança para o Hospital de Morretes. Se houver necessidade deverá ser acionado o Corpo de Bombeiros de Morretes ou Antonina (MMA, 2002b).

3.3.6 ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA TRILHA DO SALTO DOS MACACOS

A localização de alguns aspectos significativos da trilha do Salto dos Macacos como árvores, rios e eventuais construções foram verificados no local pela autora da pesquisa e pela equipe do Programa MPE¹⁴, que desenvolveu um estudo nessa trilha entre os meses de novembro e dezembro de 2002.

Os principais elementos encontrados pela equipe do Programa MPE, que podem ser utilizados para a atividade turística através da interpretação e educação ambiental, são: uma grande árvore caída com raízes expostas para aula ambiental; uma figueira com 9,8 m de diâmetro; uma pedra que forma um rosto de gato; entre outros elementos como a erosão, raízes expostas, espécies animais e vegetais.

O grupo de estudos do Programa MPE verificou diversos pontos que precisam de intervenções e os materiais que devem ser utilizados para fazê-las (**vide anexo 2**). O grupo não precisou a quantidade exata de materiais, pois requer um

¹⁴ Objetivos do Programa MPE no Pólo Morretes: analisar a situação do ecoturismo; facilitar a comunicação entre os agentes; comunicar a situação e criar elos de realimentação; construir redes, criar vínculos internos entre os agentes; amplificar vozes; discutir problemas e soluções que não seriam discutidos e; aumentar a capacidade de aprendizado para o desenvolvimento do turismo sustentável.

levantamento mais detalhado e identificar as ações prioritárias por parte do poder público, porém, para o estabelecimento do valor de custos do projeto foi estimada a quantidade de material a ser utilizado.

É importante frisar que integrantes da Associação de Condutores Águias Marumbi¹⁵ participaram do projeto do Programa MPE e poderiam fazer parte de outros projetos, já que adquiriram os conhecimentos necessários sobre a área.

3.3.7 ASPECTOS RELEVANTES DE DEMANDA

O estudo de Demanda do Litoral 2004, elaborado pela PARANÁ TURISMO e Secretaria de Turismo do Estado, apresenta dados sobre os visitantes de Morretes que farão parte do projeto. O estudo aponta que 6% das pessoas que vêm para o litoral do Paraná visitam Morretes e permanecem no local quatro dias em média. Das pessoas que visitaram Morretes 67,6%, em média, não visitaram os atrativos naturais do município. Em contrapartida, 86% dos entrevistados estenderiam sua estada e dedicariam, em média, mais seis dias para passear, sendo que 74,1% gostariam de estender sua estada por causa dos atrativos naturais do litoral do Paraná (PARANÁ TURISMO, SECRETARIA DE TURISMO, 2004). Estes dados demonstram indícios de que os atrativos naturais de Morretes podem possuir potencial para otimizar sua visitação, entre eles o Salto dos Macacos. Além disso, já ocorre visitação ao salto, como estimam os moradores locais, sendo necessário controle de visitação eficaz.

3.3.8 CAPACIDADE DE CARGA DA TRILHA DO SALTO DOS MACACOS

A OMT (2001) define o conceito de capacidade de carga total de um destino como “o máximo de uso que se pode fazer dele sem que causem efeitos negativos

¹⁵ Associação formada por condutores de Morretes, que possuem o conhecimento da área e de suas necessidades e podem auxiliar na execução do referido projeto.

sobre seus próprios recursos biológicos, sem reduzir a satisfação dos visitantes ou sem que produza efeito adverso sobre a sociedade receptora, a economia ou a cultura da área”.

Segundo o Coordenador Regional de Unidades de Conservação do Litoral do IAP, Francisco Torres, é pré estabelecido pelo IAP o número da capacidade de carga padrão para as unidades de conservação do litoral como treze visitantes por guia ou monitor, sendo no máximo 60 visitantes por dia no Salto dos Macacos. De acordo com as duas definições de capacidade de carga citadas acima e aceitando os números sugeridos pelo IAP, este mesmo padrão será utilizado no projeto para a organização da trilha de acesso ao Salto dos Macacos.

3.3.9 QUESTIONÁRIOS QUALITATIVOS

Os questionários qualitativos buscaram identificar o interesse dos entrevistados em recuperar a área degradada do Salto dos Macacos, instalar uma infraestrutura que coibisse a visitação em massa e em criar uma nova alternativa para o turismo na área. Foram entrevistadas quatro pessoas que trabalham com o turismo no município de maneira direta ou indireta.

O senhor Mário Belz Lopes dos Santos, Presidente da Associação de Hotéis e Pousadas de Morretes (**vide anexo 4**), afirma que o local é lindo e merece ser visitado, porém a visitação encontra-se sem controle e gerando muita degradação. Portanto, deveria ser feito um trabalho profissionalizado para diminuir os impactos negativos. Segundo Sr. Mário, as melhorias deveriam ser feitas principalmente na sinalização e nos obstáculos que existem na trilha, pois os turistas sentem muita dificuldade. Sr. Mário acredita ainda que não apenas o Salto dos Macacos, como todos os atrativos de Morretes necessitam de melhorias para dar condições de visitação aos turistas e, assim, agradá-los e satisfazê-los. Segundo Belz, se o salto fosse incluído nos roteiros dos turistas em Morretes, a permanência desse turista aumentaria pelo menos 2 noites e 1 dia, o que seria muito interessante para Associação de Hotéis e Pousadas de Morretes.

Celso Luiz Maceno Filho, representante da Calango Expedições, operadora de turismo local, (**vide anexo 5**) acredita que a trilha está num estado avançado de degradação devido à visitação desordenada que ocorre na área. Celso cita a falta de consciência dos visitantes e o descontrole do uso como sendo os principais problemas da trilha. Para solucionar esses problemas, ele propõe o controle de visitantes e a análise técnica da trilha a fim de projetar de que forma a vegetação da mata vai se recuperar. Celso acredita que é necessária a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e em todas as outras áreas de interesse turístico do município, desde que seja planejado de forma a respeitar a viabilidade ecológica das áreas. Segundo Celso, existe muito interesse pessoal e de sua empresa em conservar a área do salto, pois em primeiro lugar ele ama aquele lugar e, em segundo lugar, porque trabalham com condução de turistas no meio natural e em contrapartida devem ajudar a manter sua existência e beleza. Além disso, quanto mais atrativos estruturados Morretes possuir, mais tempo o turista permanecerá na região e melhor será sua impressão do município, de acordo com Celso.

Carlos Alberto Gnatta Neto, Secretário Municipal de Turismo de Morretes, (**vide anexo 6**) afirma que atualmente o Salto dos Macacos é uma das maiores atrações naturais do município, porém vem sendo visitado por muitas pessoas de forma desordenada. Tal situação resultou no estado lamentável em que a trilha se encontra. Neto deixa claro que está preocupado com a atual situação e que pretende analisar as melhores formas de solucionar o problema. Segundo Neto, devem ser melhorados os produtos turísticos que já existem e criar novos continuamente, pois, em seu ponto de vista, o turismo é uma atividade que não pode ficar parada no tempo. Além disso, todos devem unir forças para trabalhar em prol do turismo organizado, responsável e sustentável em qualquer atrativo ou segmento, segundo o secretário. Neto acredita ainda, que a estruturação e melhoria no Salto dos Macacos ajudaria a aumentar a permanência do turista no município. Ele afirma que é preciso utilizar todas as ferramentas possíveis para realizar as ações de forma que a região se situe positivamente no cenário do turismo nacional e internacional.

Francisco A. Torres de Oliveira é funcionário do IAP e atua como Coordenador Regional das Unidades de Conservação do Litoral (**vide anexo 7**). Ele diz que a situação atual da trilha do Salto dos Macacos é um problema. Na sua opinião, é necessário melhorar a trilha, disciplinar o uso da visitação, estabelecer critérios para a utilização da área e coibir acampamentos ao longo da trilha. Francisco afirma que existe um projeto de controle de visitação do Caminho Colonial do Itupava, que poderá ser aproveitado também pelos visitantes do salto. De acordo com Francisco, com a implantação do centro de visitantes o IAP estará controlando a visitação com a intenção de recuperar a área.

Os questionários qualitativos, aplicados a essas pessoas que representam e trabalham com turismo no município, demonstraram que todos acreditam que a situação atual da trilha de acesso ao Salto dos Macacos é preocupante e que merece atenção. Eles acreditam que deve ser elaborado um estudo profissional e técnico sobre a área, que busque alternativas sustentáveis para a região visando à recuperação da trilha e a satisfação do turista. Os entrevistados crêem que o município de Morretes possui potencial para o ecoturismo, porém, todos foram unânimes em dizer que o Salto dos Macacos, assim como os demais atrativos naturais do município, deve possuir um planejamento da atividade turística que preze um controle de visitação eficaz.

3.3.10 PASSARELAS SUSPENSAS COMO INDUTORAS DE FLUXO DE VISITANTES

De acordo com o Programa MPE, muitos ecoturistas se desapontam pela dificuldade de observar a fauna em florestas tropicais. Uma das razões é que a maioria das espécies vive entre 18 e 45 metros, nas copas das árvores, camuflados e ocultos na densa vegetação. Torres, plataformas e passarelas são estruturas que permitem a observação da flora e da fauna de um ponto de vista pouco usual do homem, ou seja, que geralmente é limitado à observação horizontal ou do chão para o alto.

Por ser uma forma de acesso privilegiada para observação da fauna e flora, as passarelas aumentam muito o fluxo de visitas. Tomando como exemplo o *Kakum National Park* em Ghana, na África, em que as passarelas de copada foram projetadas para uma capacidade máxima de 60 a 70 mil visitantes anuais, sem comprometer a qualidade da experiência dos mesmos. Verificou-se que o fluxo de visitas no parque cresceu menos que 2 mil pessoas em 1992, antes de sua construção, para mais de 20 mil visitantes em 1995. Este aumento considerável de visitantes, possibilitou não só um aumento nos postos de trabalho para comunidades locais, como também recursos para ajudar a proteger e manter o parque (MMA, 2002a).

Porém, comparadas com outros métodos de acesso, há 2 desvantagens potenciais ao uso de torres, plataformas e passarelas para pesquisa: as estruturas são fixas e não é possível remanejá-las com propósitos de pesquisar e comparar locais diferentes e; há uma possibilidade de que organismos (flora e fauna) das copas das árvores utilizarem as passarelas e suas partes construtivas como pontes e ou suporte, tendo sua mobilidade natural alterada.

FIGURA 4 – MODELO DE PASSARELA SUSPensa, KAKUM NATIONAL PARK, GHANA, ÁFRICA.



Fonte: Manual MPE, 2002a

CAPÍTULO IV – A PROPOSTA TURÍSTICA PARA A TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS

4.1 AS PASSARELAS SUSPENSAS

As Passarelas de Copada, ou passarelas suspensas, podem ser consideradas como “trilhas” artificiais, que se prestam à observação contemplativa ou interpretada, pois proporcionam ao visitante, como foi afirmado anteriormente, a sensação de altura e a observação e interpretação da mata de uma forma diferente; podem servir como ferramenta a pesquisadores, já que cerca de 80% das espécies ocorrem na copa das árvores (PAGANI, SCHIAVETTI, MORAES e TOREZAN, 1996 *In*: LEMOS, 1996); ser um instrumento de indução do fluxo de visitantes ao meio natural (MMA, 2002a).

Embora sejam um instrumento de captação de visitantes, as passarelas suspensas não funcionarão como atrativo turístico se não estiverem adequadamente complementadas por uma infra-estrutura. Por esse motivo, foram aproveitados dois projetos que existem na região e visam organizar o turismo na área. Em 2002, o Programa MPE, elaborou uma Proposta de Intervenções na Trilha do Salto dos Macacos, que prevê a implantação de algumas estruturas na trilha que solucionem os problemas ambientais causados pelo excesso de visitação; e o IAP e o programa Pró-Atlântica em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura, Secretaria Estadual de Segurança Pública e com a Prefeitura Municipal de Morretes, no projeto de Revitalização e Restauração do Caminho do Itupava (mesma área do Salto dos Macacos), prevêem a construção de um centro de visitantes na entrada da AEIT do Marumbi, que visa atender aos visitantes do caminho e do salto. Os dois projetos serão apresentados e aproveitados nos próximos itens desse capítulo, como complemento fundamental para a utilização das estruturas propostas, as passarelas suspensas.

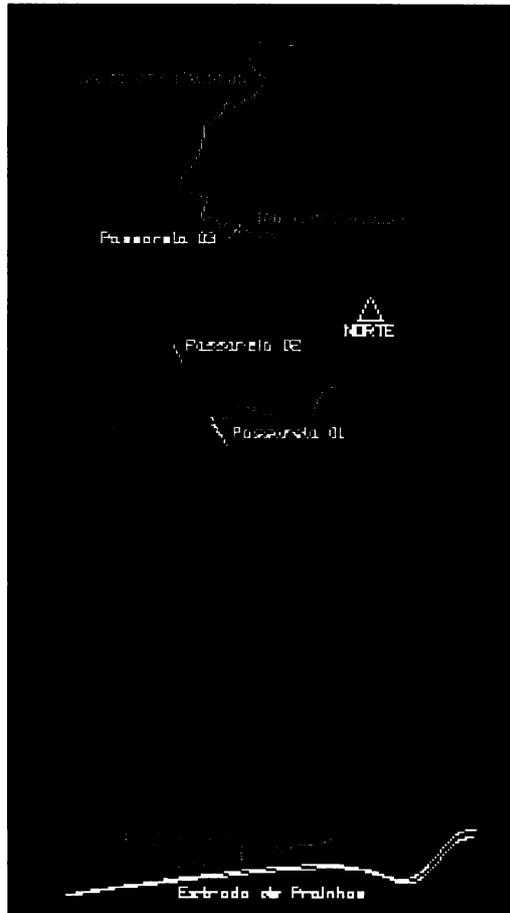
4.1.1 A LOCALIZAÇÃO DAS PASSARELAS SUSPENSAS

O local para a implantação de torres e/ou passarelas de copadas deve ser feito considerando simultaneamente aspectos construtivos (engenharia) e biológicos (interpretação e/ou pesquisa). Após a pré-definição de local e antes da decisão final do conjunto de árvores-tema (onde serão fixadas as plataformas que darão suporte às passarelas), deve-se procurar antever a qualidade interpretativa ambiental e cênica esperadas em relação às futuras estruturas (plataformas e passarelas). Isto pode ser feito com assistência de equipe multidisciplinar de projeto (arquitetos, botânicos, engenheiros florestais, especialistas em ecoturismo e interpretação ambiental, etc.) e através da utilização de métodos de escalada (cordas ou rapel) ou andaimes metálicos provisórios (MMA, 2002a).

Os pontos potenciais escolhidos para a implantação das passarelas foram identificados através do mapa¹⁶ elaborado pela equipe de Programa MPE, a partir da medição realizada ao longo da trilha em 2002, que verificou a declividade, a distância, a localização por GPS, a localização de formas naturais interessantes e pontos que necessitavam de intervenções. Dessa forma, buscou-se identificar no mapa os trechos que possuem vales naturais e declividades acentuadas para o aproveitamento da altura. Foram identificados, portanto, três pontos potenciais para a implantação das passarelas. Os detalhes sobre cada um deles serão apresentados nos itens a seguir.

¹⁶ O mapa original está desenhado à lápis grafite em folhas de papel milimetrado sujeitos à ação do tempo, por isso, a autora do presente projeto necessitou digitalizá-lo, elaborando um croqui, a fim de apresentar as localizações sugeridas para a instalação das passarelas suspensas.

FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DAS PASSARELAS SUSPENSAS NA TRILHA

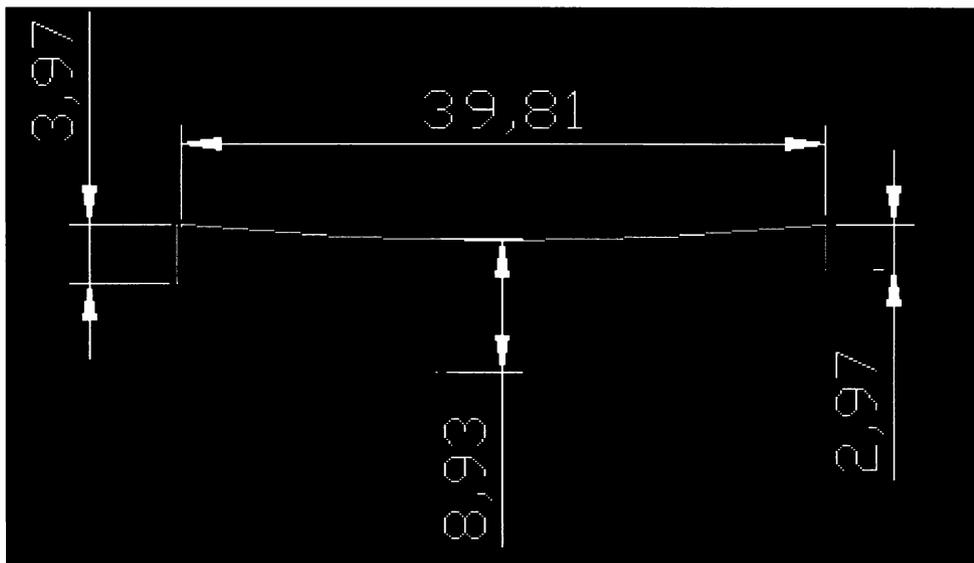


Fonte: BASTARZ,C. 2005.

4.1.1.1 A Primeira Passarela Suspensa

A primeira passarela está situada a cerca de 1.500 m do início da trilha, possui aproximadamente 40 m de extensão, possui plataformas de 5 e 2 m e seu ponto mais distante do solo possui 9 m. Esta passarela percorrerá pontos com raízes expostas, um pequeno rio e alagados que originaram um significativo alargamento da trilha.

FIGURA 6 – PERFIL DA PRIMEIRA PASSARELA SUSPENSA



Fonte: BASTARZ, C, 2005.

4.1.1.2 A Segunda Passarela Suspensa

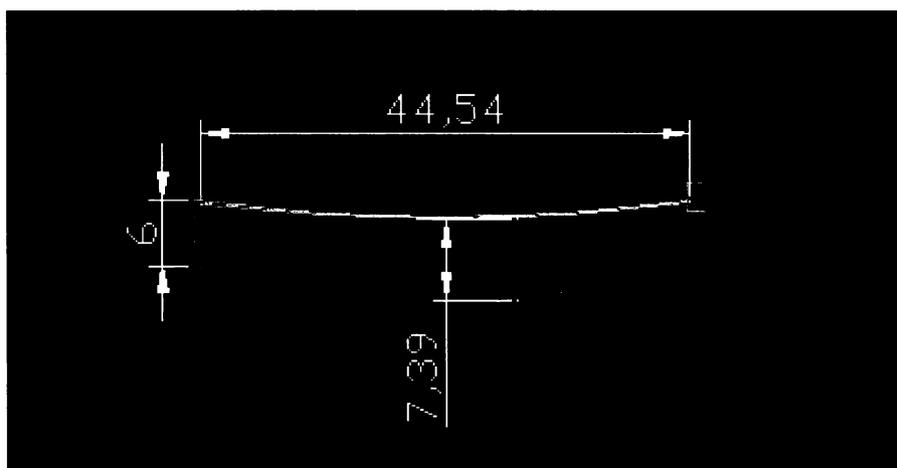
A segunda passarela suspensa proposta no projeto está situada a 1.830 m de distância do início da trilha e a 330 m da primeira, possui cerca de 57 m de extensão, o ponto mais distante do solo possui 9 m e contará com duas plataformas em suas extremidades de 2 m de altura. Esta passarela irá se sobrepor a um grande declive com raízes expostas e pequenos pontos alagados.

FIGURA 7 – PERFIL DA SEGUNDA PASSARELA SUSPENSA

4.1.1.3 A Terceira Passarela Suspensa

A terceira está localizada a uma distância de 2.270 m do início da trilha e a 440 m da segunda passarela, terá aproximadamente 45 m de comprimento, 7 m de altura e contará com uma plataforma de 6 m (não haverá uma segunda plataforma, pois a outra extremidade estará no nível do solo). Essa passarela se sobreporá a trilha secundária (bifurcação), a uma subida íngreme e ao Rio dos Macacos, o qual possui pedras lisas.

FIGURA 8 – PERFIL DA TERCEIRA PASSARELA SUSPensa



Fonte: BASTARZ, C, 2005.

4.1.2 A DESCRIÇÃO TÉCNICA DAS PASSARELAS SUSPENSAS

As passarelas suspensas, para serem sustentadas, necessitam de plataformas, que são estruturas de apoio, em geral fixadas em árvores-tema, que servem para conectar passarelas, permitindo inclusive interpretação (MMA, 2002a).

São propostos, nesse projeto, três módulos de duas plataformas e uma passarela.

FIGURA 9 – MODELO DE PLATAFORMA EM FASE DE CONSTRUÇÃO, ECOPARQUE DE UNA, BAHIA.



Fonte: www.ecoparque.org.br, acesso em 20/10/2005.

4.1.2.1 Os Materiais Necessários para a Implantação das Plataformas e Passarelas

A permanente exposição à umidade e temperatura é o maior problema que pode vir eventualmente a alterar ou comprometer a durabilidade dos materiais construtivos. É importante utilizar materiais resistentes tais como cabos de aço, peças em fibra de vidro e madeira tratada, sempre visando à segurança estrutural (MMA, 2002a).

As plataformas serão construídas por método de encaixe, ou seja, não serão utilizados pregos ou parafusos para fixar as plataformas nas árvores-tema, dessa forma, não serão utilizados, também, troncos de eucaliptos para a sustentação, que poderiam impactar negativamente o ambiente a aumentar os custos de implantação.

Segundo o Engenheiro Civil Eduardo Cabral, especialista na construção de passarelas suspensas, os materiais utilizados para a implantação das passarelas serão:

- Corda 8 mm teia de Aranha (20x20cm)
- Corda 10 mm
- Cabo de aço 3/8"
- Clips 3/8"
- Tábua em cedrinho para piso 1x10"
- Caibro em cedrinho p/ peitoril 2x4"
- Pregos 18x36 (para passarelas)
- Pregos 17x27 (para passarelas)
- Clips 5/16
- Cabo de aço 5/16

4.1.2.2 A capacidade de Carga das Passarelas Suspensas

Segundo o Engenheiro Civil, Eduardo Cabral, a carga de ruptura dos cabos que sustentam as passarelas é de aproximadamente 3000 kg, já considerando os fatores de segurança, por isso, não se pode exceder essa carga num mesmo momento. Considerando que cada pessoa pese aproximadamente 80 kg, pode se ter cerca de 37 pessoas simultaneamente numa passarela. Esse número significa a capacidade de resistência dos cabos, porém, com relação a operacionalização dos grupos, pode-se considerar um número de 10 pessoas atravessando a ponte simultaneamente. Assim, percebe-se que a capacidade de suporte dos cabos das passarelas é bem maior do que o número de pessoas que podem atravessá-las simultaneamente. Além, disso, deve ser feita uma manutenção periódica nos cabos, e proceder a substituição dos danificados, assim como estruturas de madeira e demais materiais.

As passarelas poderão ser usadas por qualquer pessoa que possua estatura mínima de 1,30 m de altura, que não tenha problemas de saúde que impeçam a realização de atividades físicas e que não sofra fobia relacionada à altura (GOVERNO DO PARANÁ, 2002).

4.1.2.3 A Implantação das Passarelas Suspensas

Segundo o Manual Melhores Práticas para o Ecoturismo, antes do processo de implantação das passarelas suspensas é necessário selecionar um conjunto de árvores que sejam representativas da composição e diversidade do ecossistema e/ou das florestas regionais; dimensionar as estruturas condizentes com fins de observação amadora-contemplativa e estudo (educação ambiental, estudo, profissional e pesquisa) e; definir padrões rigorosos construtivos de forma a minimizar eventuais impactos na copada, no solo e subsolo (raízes).

As “árvores-tema”, em geral espécies de destaque que funcionarão como estações interpretativas e apoio das plataformas, devem estar relativamente próximas, de forma que as passarelas de interligação permitam contemplar o entorno (copadas e paisagem), além da observação e interpretação de flora e fauna. Na escolha das árvores de apoio, devem-se evitar fustes pequenos ou com ocos que possam comprometer a estabilidade dos sistemas de apoio e fixação de cabos ou plataformas e árvores localizadas em locais escarpados, íngremes e precipícios, principalmente em regiões sujeitas a ventos fortes. Devem-se escolher árvores com copas que apresentem ramificação superior adequadas ao apoio de plataformas; selecionar um conjunto de árvores com possibilidade de expansão dos módulos (MMA, 2002a).

É importante que cada árvore de apoio (árvore-tema) plataformas de madeira permitam que os visitantes e os pesquisadores se posicionem e desfrutem da privilegiada posição para observar a floresta. Além disso, porém, a escolha e o posicionamento dos apoios e plataformas (que não utilizam pregos ou parafusos)

devem ser feitos para assegurar que as árvores que suportam as passarelas não sofram danos que comprometam sua estabilidade (MMA, 2002a).

4.1.2.3.1 Prazo para a Implantação e Recursos Humanos Necessários

Segundo Eduardo Cabral, Engenheiro Civil, o prazo de implantação é definido pela mobilização e desmobilização de recursos humanos para a execução da obra e em média o tempo que se leva para a implantação de uma passarela, considerando-se uma equipe de quatro pessoas, que tenham que transportar e montar as estruturas é de cinco dias. Portanto, para a implantação de três módulos, pode-se considerar quinze dias para a implantação.

A monitoria das condições físicas das passarelas será feita periodicamente e será responsabilidade dos monitores que deverão avaliar a situação das mesmas e controlar seu uso. Caso haja a necessidade de manutenções complexas deverá ser contratada mão-de-obra especializada, preferencialmente a local.

4.2 INTERVENÇÕES FÍSICAS A SEREM IMPLANTADAS NA TRILHA DE ACESSO AO SALTO DOS MACACOS

4.2.1 O PÚBLICO-ALVO

Segundo a FUNDAÇÃO O BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA – FBPN – (2004), antes de executar intervenções físicas na trilha, ou seja, aquelas em que os atributos físicos são evidenciados pela atividade humana, deve-se estabelecer o tipo de público a ser atingido pelo atrativo turístico. Por exemplo, se o visitante possuir a motivação de contemplar a natureza e sentir sensação de isolamento, a trilha deve ser menos alterada possível. Se, por outro lado, o público-alvo do atrativo for famílias que possuam a recreação como fator motivacional, a trilha deverá ser bem estruturada, sinalizada e possuir maior fluxo de visitantes (FBPN, 2004). Seguindo os conceitos dados pela FBPN e tendo em vista que a trilha de acesso ao Salto dos Macacos possui grau médio de dificuldade, a trilha terá como público-alvo grupos de pessoas que pratiquem esportes regularmente, que estejam aptas a percorrer a trilha, sejam conscientes em relação à conservação da natureza e que possuam a contemplação e observação da floresta e do salto como fator motivacional. Não cabe aqui segmentar o público-alvo de acordo com a faixa etária ou de renda (tipos de segmentações mais comumente utilizadas), pois a visita ao Salto dos Macacos independe da idade e renda mensal dos visitantes.

Dessa forma, o estabelecimento do tipo de intervenções físicas a serem implantadas na trilha é fundamental para garantir a satisfação do visitante. Uma infraestrutura adequada ao visitante proporciona uma boa experiência da visita. Dessa forma, as intervenções físicas adequadas ao público alvo das passarelas se tornam fundamentais para o êxito do atrativo. Porém, as intervenções físicas na trilha do salto devem ser implantadas em caráter emergencial, pois o estado de conservação caracteriza elevado grau de degradação (MMA, 2002a).

4.2.2 AS INTERVENÇÕES

As intervenções deverão possuir mínimo impacto ambiental e visual. Os materiais utilizados nas intervenções deverão ser de origem orgânica em sua maioria; os materiais de origem inorgânica, como plásticos e metais deverão ser evitados e utilizados apenas em caso de necessidade (FBPN, 2004).

Além de fomentar o fluxo de visitantes que exigem atrativos naturais relativamente estruturados para atendê-los, as intervenções físicas na trilha possuem os seguintes objetivos: a coibição da degradação da floresta; a contenção da erosão e dos alagados; o fechamento de bifurcações e; a minimização dos impactos negativos.

O Programa MPE, elaborou em 2002 um estudo na região do Salto dos Macacos e, a partir dele, um projeto que apresenta as intervenções físicas de caráter emergencial a serem implantadas na trilha (**vide anexo 2**). Uma das ações desse projeto foi mapear e estabelecer pontos de localização na trilha. A partir desses pontos foram identificados os mais impactados, as intervenções e os materiais necessários para solucionar a degradação, buscando, principalmente, conter a erosão e os alagados, fechar as bifurcações e vias secundárias, proporcionar estética à trilha e segurança aos visitantes (MMA, 2002a).

As intervenções físicas previstas na trilha de acesso ao Salto dos Macacos são (**vide anexo 2**) (MMA, 2002a):

- Ponte-pênsil para sobrepor dois braços de rio no início da trilha (**vide p. 71**);
- Reformas na passagem de alagados;
- Pinguelas (**vide p. 72**);
- Tablados de madeira;
- Interdição de caminhos secundários (bifurcações);
- Passarela com corrimão;
- Limpeza da trilha original;

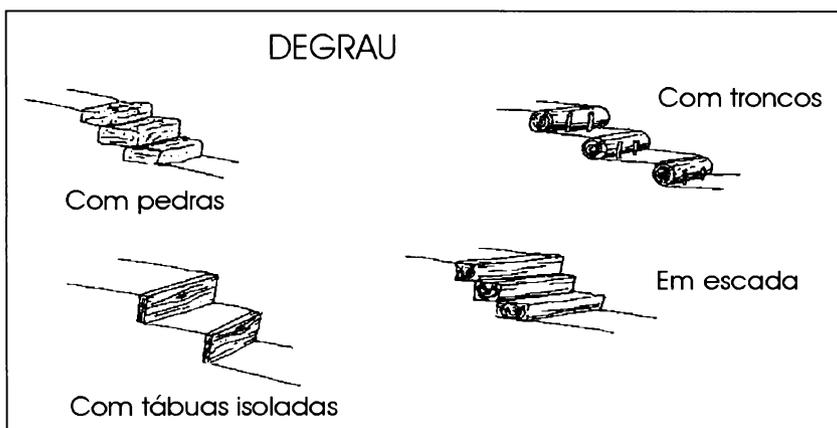
- Colocação de pedras para a formação de degraus e;
- Colocação de madeiras para a formação de degraus;

FIGURA 10 – MODELO DE PONTE-PÊNSIL: PARQUE ESTADUAL DE CAMPOS DO JORDÃO, SP



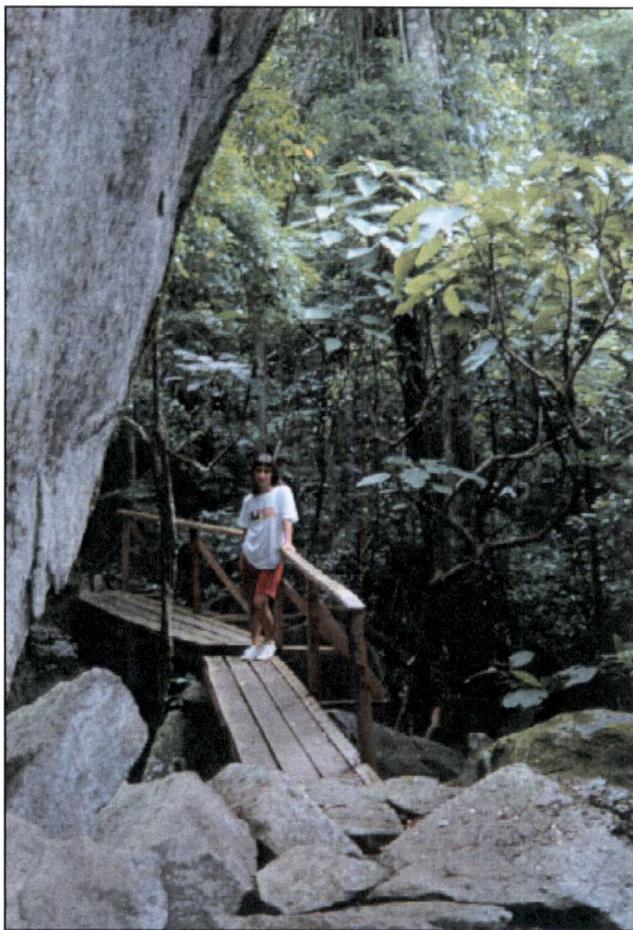
Fonte: ANDRADE, W.J. Manual MPE, 2002.

FIGURA 11 – MODELOS DE DEGRAUS



Fonte: ANDRADE, W.J. Manual MPE, 2002.

FIGURA 12 – MODELO DE PINGUELA: RPPN FAZENDA BOM RETIRO, RJ



Fonte: ANDRADE, W.J. Manual MPE, 2002.

4.2.2.1 Os Materiais

Para a implantação das intervenções físicas ao longo da trilha de acesso ao Salto dos Macacos, serão necessários os seguintes materiais (**vide anexo 2**) (MMA, 2002a):

- Cabos de aço;
- Cordas;
- Madeiras;
- Bolachas de madeira;

- Toras;
- Fitas zebradas;
- Parafusos e;
- Pedras;

4.2.2.1.1 Transporte dos Materiais

O transporte de materiais em direção às obras até a entrada da trilha poderá ser feito por automóvel e no trecho da trilha deverá ser feito por homens a pé. Os materiais deverão ser armazenados de modo a minimizar os impactos ambientais, não prejudicar o fluxo de pessoas, a circulação de materiais e o acesso à equipamentos de segurança. A equipe de trabalho deverá zelar pelo bem estar das espécies animais e vegetais ao executar os serviços, por isso, os materiais deverão ser guardados em locais pré-determinados pela coordenação do projeto para garantir a conservação do ambiente. Após a conclusão das obras todo o material não utilizado (resíduos) deverá ser retirado do local e deverão ser adequadamente guardados para a eventual reutilização em outras obras.

As bifurcações são um dos maiores impactos negativos que uma trilha pode sofrer (WWF, 2001). Elas devem ser fechadas a fim de evitar que os visitantes se percam em bifurcações que muitas vezes não levam a lugar nenhum, evitar o alargamento da trilha e, conseqüentemente, diminuir os impactos ambientais causados pelo tráfego de pedestres. As bifurcações podem ser fechadas de maneira imediata utilizando sinalização visível, como as fitas zebradas ou a longo prazo, plantando-se espécies nativas, que servirão à dupla função de estabilizar o solo e impedir a passagem (FBPN, 2004). De acordo com o Programa MPE (MMA, 2002a), muitas das vias secundárias são abertas devido à falta de manutenção da trilha, pois o visitante, para desviar de um tronco caído ou de um alagado, cria desvios que alteram a largura e o percurso da trilha e, assim, aumentam o impacto.

Em todas as áreas de alagado juntamente com a colocação de bolachas de madeira para a passagem dos visitantes deve-se fazer um trabalho de desvio de água, seguindo as características do terreno, afirma o Programa MPE (MMA, 2002a).

Segundo o Programa MPE, a maioria das intervenções é simples e economicamente viável, tendo em vista o caráter emergencial para a implantação das intervenções. A única proposta que necessitará de maiores recursos financeiros é a ponte-pênsil prevista para o início da trilha, que se sobreporá a dois braços do rio Nhundiaquara. Segundo o Programa MPE, esta ponte proporcionará segurança aos visitantes, pois quando o volume do rio aumenta, a travessia torna-se difícil e insegura. Além disso, a ponte diminuirá o impacto ambiental, pois o trecho da ilha existente entre os dois braços do rio será percorrido pela ponte, não havendo mais impacto no solo (MMA, 2002a).

4.2.2.2 Sinalização

Segundo o Manual MPE, quaisquer empreendimentos turísticos necessitam de sinalização, pois trata-se de um instrumento fundamental na comunicação com o público. Se for bem feita trará bons resultados, mas se for deficiente ou excessiva, mau dimensionada ou posicionada, feita com linguagem difícil ou materiais inadequados poderá ser um desperdício de recursos ou pior, constituir-se num sério impacto visual (MMA, 2002a).

Está proposta neste projeto a sinalização indicativa da trilha de acesso ao Salto dos Macacos, que contará com duas placas indicando a direção e a distância ao salto. Os objetivos da sinalização do Salto dos Macacos serão os de indicar os acessos, orientar para a segurança, indicar as distâncias e a localização das passarelas suspensas.

A primeira placa será fixada na entrada da Estrada das Prainhas indicando a direção e a distância até o início da trilha. A segunda placa será fixada no início da trilha, informando o visitante da distância a ser percorrida até o salto e o grau de

dificuldade e; indicando a localização das passarelas suspensas através do mapa da trilha.

FIGURA 13 – MODELO DE PLACA INTERPRETATIVA: PARQUE NACIONAL SETE CIDADES, PIAUÍ



Fonte: MOURÃO, R.M.F. Manual MPE, 2002a.

4.2.2.3 Recursos Humanos necessários para a Implantação, Monitoria e Manutenção das Intervenções Físicas na Trilha

Para a formação da equipe de trabalho que executará a implantação das intervenções físicas na trilha deverá ser priorizada a contratação de pessoas da comunidade local e será formada por cinco pessoas, as mesmas que executarão a implantação das passarelas suspensas.

Para a constante monitoria do estado de conservação das intervenções físicas na trilha do Salto dos Macacos serão necessários quatro monitores habilitados para conduzir grupos em ambientes naturais. Os quatro revezarão entre conduzir os grupos e permanecer no centro de visitantes.

Os quatro funcionários serão integrantes da equipe Águias Marumbi – Associação dos Condutores de Morretes – pois, além de fazerem parte da comunidade local, os integrantes da Águias Marumbi possuem capacitação para a condução de grupos em ambientes naturais.

As manutenções simples poderão ser feitas pelos próprios monitores, porém no caso do surgimento da necessidade de manutenções mais complexas nas intervenções que exijam mão-de-obra especializada, deverá ser utilizada mão-de-obra local capacitada.

4.2.3 PONTOS DE CONTROLE DA TRILHA

Os pontos de controle são o ponto inicial, o final e alguns pontos definidos entre esses dois, que determinam a direção e o fluxo da trilha (FBPN, 2004). Um ponto de controle pode ser um brejo, uma rocha aflorante, cachoeira ou vista, que são pontos limitadores à construção da trilha ou um destino desejável. Os pontos de controle controlam os retornos e a direção da caminhada (FBPN, 2004).

Segundo a FBPN (2004), os pontos de controle de uma área podem ser:

- Instalações de cabeceiras de trilhas;
- Topografia;
- Afloramentos rochosos;
- Cristas de serra;
- Depressões em linhas de cumeada;
- Mesetas;

- Brejos;
- Áreas inundáveis;
- Depressões;
- Trilhas;
- Limites de áreas;
- Corpos d'água;
- Rios;
- Rampas de avalanche;
- Áreas sujeitas a fogo;
- Áreas sujeitas a ventanias;
- Habitats frágeis e;
- Sítios arqueológicos.

Os pontos de controle deverão ser administrados pelos próprios monitores. Se houver a necessidade de uma manutenção complexa, esta deverá ser executada por mão-de-obra capacitada para tal.

4.3 CONTROLE DE VISITAÇÃO

Os moradores da região acreditam que o salto receba cerca de 200 pessoas por final de semana durante o verão. Sabe-se que a visitação descontrolada pode gerar impactos negativos para o meio ambiente, como a erosão, produção de lixo pelos visitantes, degradação de espécies vegetais, achatamento do solo, erosão, entre outros. Na tentativa de minimizar os impactos negativos causados pelo excesso de visitação, o controle de visitantes objetiva a organização do turismo ao salto dos Macacos no sentido de coibir os acampamentos em locais inadequados e o excesso de pessoas ao mesmo tempo na trilha e no salto. Dessa forma, neste projeto é proposto o número de capacidade de carga da trilha e de que maneira serão realizados os passeios.

Embora seja necessário controlar o número de visitantes ao salto e tomar algumas medidas proibitivas, é necessário conscientizar o visitante para que siga as instruções do monitor e respeite o número de capacidade de carga do local. Portanto, é proposto um guia impresso que contenha informações a respeito da natureza que ocorre na área, da conduta que o visitante deve ter ao visitar o salto e justificativas do porque das medidas proibitivas.

4.3.1 A CAPACIDADE DE CARGA

Segundo a OMT (2001), a proteção do meio ambiente, mediante a conservação dos recursos dos que dependem do turismo, pode trazer grandes vantagens aos mercados turísticos: maior satisfação dos consumidores, maiores oportunidades de investimentos futuros, um estímulo para o desenvolvimento econômico e melhoria no bem-estar da comunidade receptora.

Para isso, durante o processo de planejamento da atividade turística, deve-se estabelecer a *capacidade de carga* do local. Este conceito parte da premissa de que cada meio ambiente tem a possibilidade de sustentar atividades dentro de um certo

nível, mas, acima deste algum tipo de deterioração deve ser esperado, ou no próprio ambiente, ou na atividade nele desenvolvida. Esta capacidade depende do tamanho da área, do solo, da topografia, dos hábitos das pessoas, da fauna e da flora, bem como do número e da qualidade dos equipamentos instalados para atender aos turistas e a comunidade local como saneamento, vias de acesso, trilhas, estacionamento, alojamentos, restaurantes, etc. A capacidade de carga pode ser ecológica, econômica e psicológica.

4.3.1.1 Capacidade de Carga da Trilha

Como afirmado anteriormente, é pré-estabelecido pelo IAP o número da capacidade de carga padrão para as unidades de conservação do litoral como treze visitantes por guia ou monitor, sendo no máximo 60 visitantes por dia no Salto dos Macacos. Dessa forma, são propostos no projeto os mesmos números sugeridos pelo IAP, para assegurar a qualidade da experiência do visitante e a conservação do ambiente natural.

4.3.1.2 Capacidade de Carga das Passarelas

Vide item Passarelas Suspensas.

4.3.2 O CENTRO DE VISITANTES

O projeto do centro de visitantes da AEIT do Marumbi foi proposto no projeto de Revitalização e Restauração do Caminho do Itupava, elaborado pelo IAP e o Programa Pró-Atlântica, que prevêem o início de sua construção em novembro do ano corrente. O centro de visitantes pretende dar apoio aos visitantes de toda a AEIT

do Marumbi e não apenas do caminho colonial. Por esse motivo, aproveita-se a existência desse projeto para complementar a infra-estrutura das passarelas propostas e controlar a visitação ao Salto dos Macacos.

Existe ainda, um Termo de Referência para Atividades Turísticas na APA da Serra do mar, também elaborado pelo IAP e Pró-Atlântica, que estabelecem de que forma as atividades devem ser administradas na região. Portanto, segue:

4.3.3 ESTACIONAMENTO E TRANSPORTE

Não está prevista a construção de estacionamento para visitantes no centro, portanto sugere-se a criação de local para o estacionamento de veículos de visitantes no início da Estrada de Prainhas. Para aceder ao início da trilha, é proposto que a Prefeitura Municipal de Morretes disponibilize transporte coletivo desde o início da Estrada até o início da trilha do Salto dos Macacos.

4.3.4 SEGURANÇA E EMERGÊNCIA

De acordo com o Termo de Referência das Atividades na APA da Serra do Mar, deverá ser mantido um ambulatório com equipamentos e pessoal capacitado para garantir pronto atendimento e, caso havendo necessidade, o paciente deverá ser encaminhado a um hospital.

No centro de visitantes do Parque Estadual do Marumbi existe o Grupo Cosmo de socorro em montanhas, o qual possui voluntários treinados a prestar socorro em casos de emergência no conjunto Marumbi. Propõe-se no presente projeto que um desses voluntários fique de plantão nos dias em que os grupos para a caminhada ao Salto dos Macacos estiverem lotados. Alguns integrantes do Grupo Águias Marumbi – Associação dos Condutores de Morretes – que fazem parte da comunidade local e fizeram treinamento para participar do Grupo Cosmo poderiam, portanto, permanecer

de plantão no centro de visitantes de Prainhas e poderão atender eventuais emergências tanto no Salto dos Macacos como no Caminho do Itupava.

4.3.5 CONTROLE, MONITORIA E CONSCIENTIZAÇÃO

4.3.5.1 Estratégias de Controle

Para o controle de visitação ser eficaz, além de respeitar a capacidade de carga da trilha e das passarelas, deverá ser feito um cadastramento dos visitantes para que os administradores da região obtenham informações a respeito da atividade turística que acontece no Salto dos Macacos.

O formulário do cadastro deverá conter informações que identifiquem a origem, sexo, faixa etária, faixa de renda do visitante, frequência e motivação da visita, entre outros dados que tracem o perfil do visitante (**vide apêndice 2**).

Deverá ser feito um agendamento de visitas ao Salto dos macacos através de um formulário (**vide apêndice 3**) a fim de organizar a atividade e programar o número de monitores necessários para cada dia. Além disso, o agendamento é importante a fim de evitar que um visitante que não tenha agendado sua visita seja impedido de visitar o salto devido a falta de vaga nos grupos. Caso os grupos ainda possuam vagas, esse visitante poderá fazer a trilha.

O controle dos grupos ao longo da trilha será de responsabilidade do monitor, ou seja, caberá a ele prestar informações e evitar que o visitante deprede o local.

Além desses procedimentos de controle citados acima, deverá ser aplicado um formulário da avaliação da experiência da visita com espaço para sugestões e críticas (**vide apêndice 4**). O formulário deverá ser aplicado pelo monitor no centro de visitantes ao final da caminhada.

Todos esses formulários deverão ser impressos no centro de visitantes, tabulados e arquivados, além de ser elaborado um relatório trimestral apresentando os dados obtidos pelo preenchimento dos formulários.

4.3.5.2 Monitoria de Grupos

Seguindo o padrão estabelecido pelo número da capacidade de carga da trilha e das passarelas, é proposta nesse projeto a saída de três grupos por dia em direção ao Salto dos Macacos. Cada grupo deverá ser conduzido por um monitor capacitado e deverá possuir até treze visitantes cada um.

Os grupos deverão sair no período da manhã, pois a caminhada até o salto possui uma duração aproximada de 2h30, assim dará tempo de chegar ao centro de visitantes antes do anoitecer. Para os grupos não se encontrarem ao longo da trilha e, assim, não diminuir o nível de satisfação do visitante, eles deverão seguir os seguintes horários pré-estabelecidos:

- Primeiro grupo: 8h30
- Segundo grupo: 9h00
- Terceiro grupo: 9h30

A caminhada de volta, seguindo a premissa de chegar ao centro de visitantes antes do anoitecer, deverá acontecer nos seguintes horários:

- Primeiro grupo: 14h00
- Segundo grupo: 14h30
- Terceiro grupo: 15h00

Os horários poderão ser alterados segundo o agendamento dos grupos, porém, por medida de segurança, não poderá haver pessoas na trilha ou no salto após o anoitecer.

Sugere-se, ainda, que Morretes institua uma lei municipal que obrigue que os passeios em ambientes naturais sejam guiados, dessa forma, para todos os passeios deverá ser contratado um condutor certificado.

4.3.5.3 Conscientização dos Visitantes

Será utilizado como forma de sensibilização e conscientização do visitante em relação ao local visitado, AEIT do Marumbi, um guia impresso, pois é um dos mais práticos e efetivos meios de reduzir impactos negativos do ecoturismo em uma área de conservação, desde que sensibilize os visitantes para que os mesmos percebam a fragilidade ecológica da área e a importância das medidas proibitivas. Os guias impressos serão curtos e bastante informativos; oferecerão sugestões de como apreciar a natureza ao redor sem danificá-la; indicarão claramente o porque da restrição de um comportamento contrário à conservação da natureza e; incluirão o nome, endereço e telefone da organização responsável pela sua produção. (BILDSTEIN e ZALLES, 1993).

4.3.5.4 Recursos Humanos para o Controle e Monitoria

Para o controle de visitação do Salto dos Macacos, monitoria e conscientização dos visitantes serão necessários quatro monitores. Um dos monitores deverá permanecer no centro de visitantes para executar o agendamento de visitas, cadastro e aplicação dos formulários de avaliação da experiência do visitante. Os outros três monitores serão necessários para a condução ao longo da caminhada ao Salto dos Macacos.

Os quatro funcionários deverão efetuar revezamento entre o trabalho no centro de visitantes e a condução de grupos. Esse número também se faz necessário devido ao cumprimento de folgas do trabalho.

Os monitores serão integrantes da equipe Águias Marumbi – Associação dos Condutores de Morretes – pois, além de fazerem parte da comunidade local, possuem capacitação para a condução de grupos em ambientes naturais.

4.4 CUSTOS

Segundo a FBPN (2004), as implicações financeiras da construção e manutenção de trilhas são um aspecto importante da implantação de trilhas, mas nem sempre devidamente considerados. Toda a implementação de trilhas, mesmo as feitas por voluntários, possui custos e, mais importante, resulta em compromissos de longo prazo para a manutenção, que, por sua vez, possui custos associados.

De acordo com o exemplo africano de *Kakum National Park* em Ghana, o Programa MPE estima que o custo da passarela de *Kakum* girou em torno de US\$120 mil, sem considerar contra-partidas locais e de apoiadores/patrocinadores e que a passarela já foi visitada por cerca de 60 mil visitantes nacionais e internacionais desde sua inauguração em 95. Atualmente recebe 25 mil visitantes por ano. John Kelson, consultor que participou da construção da passarela, estima que entre sua inauguração em 95 até o final de 98, o faturamento estimado é superior a US\$ 400 mil (1 bilhão Cedis - 2300 Cedis = US\$1), ou seja, uma média de US\$ 10 mil por mês (MMA, 2002a).

É importante ressaltar que os pontos escolhidos para a implantação das passarelas suspensas são potenciais, ou seja, deve ser realizado um estudo técnico que privilegie os aspectos biológicos da área, foram apresentados, portanto, a relação de custos para a implantação das passarelas propostas pelo presente projeto.

4.4.1 CUSTOS DE IMPLANTAÇÃO

Os custos de implantação referem-se à quantia necessária para a implantação das estruturas e serviços previstos no presente projeto. Os materiais relacionados para as passarelas suspensas foram indicados pelo Engenheiro Civil Eduardo Cabral, bem como os números de medidas e quantidades para uma passarela de 20 m de comprimento. Para as passarelas idealizadas pela autora do presente projeto, foram

calculadas proporções baseadas nas medidas e quantidades fornecidas. Os materiais relacionados para as intervenções físicas na trilha foram fornecidos pela “Proposta MPE de Intervenções para a Trilha do Salto dos Macacos” e as medidas e quantidades foram estabelecidas pela autora do projeto de acordo com o mapeamento da trilha.

Foram contatados, no mês de outubro de 2005, três estabelecimentos para a confecção de orçamentos dos materiais, porém, alguns materiais possuíram apenas um ou dois fornecedores (**vide apêndice 5**).

4.4.1.1 Custos de Materiais

4.4.1.1.1 Custos de Materiais de Construção para as Passarelas Suspensas

Para a construção das passarelas suspensas será também necessária a construção de plataformas para a sua sustentação, as quais serão construídas pelo método de encaixe nas próprias árvores-tema (sem o uso de pregos ou parafusos) respeitando a integridade física das mesmas.

O custo de materiais cotados para a utilização na construção das plataformas foi de R\$ 1.688,30 e o custo para a construção das passarelas foi de R\$ 6.984,18, totalizando R\$ 8.672,48 (**vide apêndice 5**).

4.4.1.1.2 Custos de Materiais de Construção para as Intervenções Físicas

Os custos de materiais necessários para a implantação das intervenções físicas na trilha somaram-se R\$ 7.649,93 e as placas de sinalização foram cotadas a R\$ 1.200,00, totalizando R\$ 8.849,93 (**vide apêndice 5**).

4.4.1.1.3 Custos de Materiais para o Controle de Visitação

Para a realização do controle de visitação serão necessários folderes de conscientização de visitantes, que, para a conformação da quantidade necessária foi

estabelecido a utilização durante um ano em capacidade máxima, ou seja, todos os grupos com 13 visitantes saindo todos os dias, portanto a quantidade necessária para essas condições será de 14.400 unidades, sendo necessários R\$ 1.500,00 para este material (**vide apêndice 6**).

4.4.1.2 Custos de Recursos Humanos

Para a implantação das passarelas, das plataformas e das intervenções físicas será necessária uma equipe de quatro operários e um engenheiro civil, que ficará responsável pela obra e pela integridade da área.

O prazo estabelecido para a implantação das passarelas e plataformas é de 15 dias e das intervenções 30 dias, já considerando a fase de transporte e preparação dos materiais, portanto 45 dias ao todo.

Levando em consideração o salário, a alimentação e a hospedagem o engenheiro civil receberá R\$ 200,00/dia e os operários, os quais serão da comunidade local, R\$ 40,00/dia, portanto o custo com recursos humanos totalizou R\$ 16.200,00.

Os custos com recursos humanos para o controle de visitação não serão considerados na fase de implantação, visto que nessa fase não haverá visitas ao salto, pois a trilha permanecerá fechada temporariamente.

Dessa forma, a soma dos custos com a implantação das estruturas foi calculada em R\$ 37.723,91.

4.2 CUSTOS DE MANUTENÇÃO

É a quantia necessária para manter o funcionamento deste projeto após sua inauguração. Para a manutenção do projeto foi estabelecido o prazo de um ano para o cálculo dos custos e verificou-se a necessidade de calcular apenas os inerentes aos

recursos humanos, pois as intervenções físicas, o controle de visitantes e as passarelas suspensão não possuirão despesas de manutenção significativas dentro do prazo estabelecido visto que a durabilidade do material de construção e dos folderes será maior do que o prazo, portanto, serão considerados na margem de erro do custo total do projeto.

4.4.2.1 Custos de Manutenção com Recursos Humanos de Monitoria na Trilha

Para a elaboração desse projeto, ficou estabelecido que os monitores prestarão seus serviços como autônomos e receberão salários pelo número de dias trabalhados durante o mês visto que provavelmente não haverá a necessidade de todos os monitores trabalharem todos os dias em que a trilha estiver aberta (terça-feira a domingo), principalmente no inverno. Porém, poderá haver negociação entre os monitores e o administrador da área.

Foi considerado, para a conformação dos custos, porém, que os quatro monitores necessários trabalharão seis dias por semana durante todo o ano e receberão pelos seus serviços R\$ 30,00/dia (R\$ 20,00 pela condução, R\$ 5,00 pelo auxílio alimentação e R\$ 5,00 pelo transporte). Portanto, ao final de um ano do prazo estabelecido, o custo calculado com recursos humanos de monitoria foi de R\$ 37.440,00.

4.4.2.2 Custos de Manutenção com Recursos Humanos de Manutenção das Estruturas

Foi considerado que, em média, será utilizada uma vez ao mês os serviços de manutenção das estruturas que existirão ao longo da trilha, intervenções e módulos de passarelas, sendo que por dia o operário contratado receberá R\$ 30,00, portanto R\$ 360,00 ao ano.

4.4.3 CUSTO TOTAL DO PROJETO

Somando-se todos os valores dos itens acima, o custo total do projeto será de aproximadamente R\$ 71.523,91. tendo em vista a existência de alguns custos pouco significativos e a atualização de valores de materiais, quando da aprovação do projeto, é considerada uma margem de erro de 10% para mais ou para menos do valor total.

4.4.4 SUGESTÕES DE FONTES DE RECURSOS FINANCEIROS

Com o intuito de manter o serviço de condução pela trilha do Salto dos Macacos e a manutenção das estruturas deixa-se a sugestão de cobrar do visitante uma taxa de visitação no valor de R\$ 39,00 por grupo, sendo que se o grupo possuir 13 visitantes o valor por pessoa será de R\$ 3,00. Se o grupo tiver menos do que 13 pessoas, o valor deverá ser dividido entre o número de pessoas que existir. A cobrança do valor por grupo e não por pessoa é uma forma de evitar prejuízos por parte do administrador e atrair grupos organizados por agências de viagens, que permanecerão pelo menos uma noite na região de Morretes.

Outras formas sugeridas para a captação de recursos financeiros que sustentem o novo atrativo são:

- 1 Doadores do setor público, privado e ONG's;
- 2 Concessão de serviços;
- 3 Convênios com instituições de pesquisa e outras com interesse de desenvolver atividades na área;

4 Financiadores Nacionais

Fundo Nacional para o Meio Ambiente;

Fundo Nacional para a Biobiversidade;

Fundo Nacional de Turismo;

Fundo de Ementa Parlamentar;

Projetos Demonstrativos da Mata Atlântica;

5 Financiadores Internacionais

Conservation International

World Wildlife Found

4.5 PLANO DE AÇÕES DO PROJETO

Foram estabelecidas algumas ações a serem executadas após a sua aprovação, são elas:

- 1 Apresentar o projeto para os representantes do turismo no município e região;
- 2 Apresentar o projeto para toda a comunidade;
- 3 Definir aa equipe para a análise do local e da trilha (Secretaria de Cultura de Morretes, Secretaria de Turismo de Morretes, IAP, representantes da comunidade local e engenheiro civil)
- 4 Definir o cronograma de trabalho e construção das estruturas;
- 5 Análisar os pontos potenciais para a instalação das passarelas suspensas;
- 6 Definir as árvores-tema, que darão sustentação às passarelas;
- 7 Definir os pontos da trilha para a instalação das intervenções físicas;
- 8 Mobilizar e treinar a equipe de operários que executará a obra;
- 9 Atualizar o orçamento de materiais de construção;
- 10 Adquirir os materiais de construção;
- 11 Fechar a trilha para a visitação;
- 12 Comunicar a população do fechamento da trilha;
- 13 Preparar os materiais de construção;
- 14 Transportar os materiais de construção até o local onde serão empregados;
- 15 Executar a obra;
- 16 Mobilizar e treinar monitores;
- 17 Abertura da trilha para os visitantes;
- 18 Comunicar a população da abertura da trilha;
- 19 Avaliar continuamente o atrativo Salto dos Macacos.

CONCLUSÃO

A Área de Especial Interesse Turístico do Marumbi está localizada próximo à maior concentração urbana do estado do Paraná, com cerca de dois milhões de habitantes, Curitiba e Região Metropolitana são motivo de preocupação para a conservação da primitividade da Serra do Mar, porção mais preservada da Mata Atlântica no Brasil. Segundo o ITCF (1987), devem existir estudos, levantamentos, pesquisas e projetos que objetivem a proteção dos bens de valor histórico e arqueológico e dos recursos naturais que existem na área, o que justifica a existência desse projeto. Apesar do processo de recategorização para Área de Proteção Ambiental, espera-se que os mesmos objetivos da AEIT do Marumbi sejam mantidos e atualizados.

Nesse projeto, buscou-se apresentar ao leitor como o turismo pode fomentar a conservação da natureza, pois essa atividade proporciona a reaproximação do homem com o meio natural, o conscientiza e o faz conhecer a floresta e a importância dela para sua própria vida, bem como para as futuras gerações.

Os dados apresentados dos diversos estudos pesquisados dão indícios do potencial turístico do Salto dos Macacos. O salto, segundo os moradores da região, recebe até duzentas pessoas por final de semana no verão. Os impactos dessa visitação descontrolada podem ser observados na erosão, que deixa raízes expostas em toda a extensão da trilha. Apesar da situação de degradação, alguns elementos significativos da trilha, tais como árvores, rios, espécies e o próprio fenômeno da erosão podem ser aproveitados para interpretação e educação ambiental.

O Projeto de Planejamento Turístico para a Trilha de Acesso ao Salto dos Macacos visou a criação de um novo atrativo turístico para a região através da implementação da infra-estrutura de apoio, que aumente a permanência do turista e organize a atividade na área, que hoje encontra-se sem controle.

Além das intervenções físicas na trilha, apresentadas pelo projeto do Programa MPE (MMA, 2002a), é necessário que exista um controle de visitação

eficaz, que foi citada e considerada unanimemente pelos entrevistados como fundamental para a conservação e organização do turismo na área.

Embora já existissem projetos para a área, elaborados pelo Programa MPE, IAP e Programa Pró-Atlântica, foi necessário apresentá-los nesse projeto devido às intervenções físicas e centro de visitantes serem um complemento fundamental para a existência das passarelas suspensas, da mesma forma que a infra-estrutura de apoio é indispensável para qualquer atrativo turístico que segue os preceitos de sustentabilidade.

Conforme o estudo de demanda realizado pela PARANÁ TURISMO (2004) observou-se mais um indício do potencial ecoturístico de Morretes. A maioria dos entrevistados, 86%, estenderia sua estada no município em seis dias e 74,1% gostariam de estendê-la por causa dos atrativos naturais do litoral. Portanto, deduziu-se que Morretes necessita de produtos turísticos com infra-estrutura adequada e um diferencial, que no caso são as passarelas propostas.

Após a pesquisa da situação atual da trilha do Salto dos Macacos verificou-se o potencial para a implantação das passarelas como uma alternativa viável e sustentável de organização do turismo na área. Porém, a criação de novos produtos turísticos deve caminhar no mesmo passo do planejamento, em especial da visitação, que está descontrolada naquele lugar. Além disso, é necessário que mais estudos sobre a fragilidade ecológica da área e sobre a regulamentação de seu uso sejam elaborados para que o planejamento da atividade turística tenha maior assertividade em relação aos impactos biológicos.

É importante acrescentar a viabilidade econômica que o projeto apresentou, pois obteve um custo moderado em relação à ousadia da idéia, ao diferencial do novo atrativo a aos prováveis benefícios que acarretará. Com um custo total de aproximadamente R\$ 71.000,00 e margem de erro de 10%, o projeto poderá ser subsidiado por financiadores nacionais e internacionais, por instituições públicas e privadas e ONG's, demonstrando a possibilidade desse projeto vir a ser posto em prática.

Assim, a pesquisa de todos os aspectos e a participação na Secretaria de Turismo de Morretes como estagiária foram indispensáveis para a elaboração do projeto, que visou, sobretudo, garantir a existência das espécies animais e recomposição de espécies vegetais nativas, bem como o bem estar da população residente e turística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, W. J. **Manejo de Trilhas**. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Manual Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo. Fundo Nacional para a Biodiversidade. Brasília, 2002a.CDFS, 250MB.
- 2 BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 10^a Ed. Campinas: Papirus, 2001.
- 3 BILDSTEIN, K.; ZALLES, J. (ed.) **Raptor Migration Watch-site Manual**. Kempton: Hawk Mountain Sanctuary Association, 1995.
- 4 BOO, E. **Ecotourism: The Potentials and Pitfalls**. Washington: World Wildlife Found, 1990 (vol. 1).
- 5 BOULLÓN, R. **Planificación del Espacio Turístico**. México: Trillas, 1987.
- 6 BRASIL. LEI N° 6.513, de 20 de dezembro de 1977. Dispõe sobre a criação de Áreas Especiais de Interesse Turístico; sobre o Inventário com finalidades turísticas dos bens de valor cultural e natural; acrescenta inciso ao art. 2º da Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962; altera a redação e acrescenta dispositivo à Lei 4.717, de 29 de junho de 1965; e dá outras providências. <www.redeprouc.org.br>, acesso em 15/03/05.
- 7 _____. LEI N° 9.985, de 18 de junho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. <www.redeprouc.org.br> , acesso em 15/03/2005.
- 8 CARDENAS, F.T. **Proyectos Turísticos: Localización e Inversion**. México, D.F.: Trillas, 1991.
- 9 COLE, D.N. **Assessing and Monitoring Backcountry Trail Conditions**. Int-BOB U.S. Department of Agriculture, Intermountain Forest and Rang Experiment Station Ogden, 1983.
- 10 DENKER, A.F.M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Ed. Futura, 1998.
- 11 ESOOL, E; ALBUQUERQUE, S. **Planeamiento Turístico**. Buenos Aires, Ciet.

- 12 FERRI, M.G. **Ecologia: Temas e Problemas Brasileiros**. São Paulo: Editora Itatiaia, Vol. 3, 1974.
- 13 FIGUEIREDO, S.L. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.
- 14 FUNDAÇÃO O BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA (FBPN). **Apostila do Curso de Planejamento e Implantação de Trilhas**. Guaraqueçaba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2004.
- 15 FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Boletim Informativo**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, Vol. 9, 1999.
- 16 GOIDANICH, K.L.; MOLETTA, V.F. **Turismo Ecológico**. 3ª Ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.
- 17 GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Parque Estadual de Vila Velha – Plano de Manejo**. Curitiba, 2002.
- 18 _____. **Diretrizes para o Turismo em Áreas Naturais no Paraná**. Curitiba, 2001.
- HAWKINS, D.E; LINDBERG, K. (tradução de Leila Cristina de M. Darin). **Ecoturismo: Um Guia para Planejamento e Gestão**. 3 Ed. São Paulo: SENAC, 2001.
- 19 HOLDER, J.S. **Pattern and Impact of Tourism on the Environment of the Caribbean**. In: Medlik, S. (ed.) *Managing Tourism*. Londres: Butterworth-Heinemann, 1991.
- 20 INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (IAP). **Turismo Sustentável em Unidades de Conservação: Parque Estadual Pico do Marumbi (Versão Preliminar)**. Curitiba, 2001.
- 21 INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS (ITCF). **Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi – Plano de Gerenciamento**. Curitiba, 1987.
- 22 LEMOS, M.J.G. (org) **Turismo: Impactos Socioambientais**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

- 23 MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Manual Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo**. Fundo Nacional para a Biodiversidade. Brasília, 2002a.CDFS, 250MB.
- 24 _____. **Manual Programa Melhores Prática para o Ecoturismo – Termo de Referência para Atividades Turísticas na APA da Serra do Mar**. Brasília: Fundo Nacional para a Biodiversidade, 2002b.CDFS, 250MB.
- 25 MOLINA,S.E.; RODRÍGUEZ, S. A. (trad. Carlos Valero). **Planejamento Integral do Turismo – Um Enfoque para a América Latina**. Bauru: EDUSC, 2001.
- 26 MOURÃO, R.M.F. **Passarelas e Torres de Observação**. *In*: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Manual Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo**. Brasília: Fundo Nacional para a Biodiversidade, 2002a.CDFS, 250MB.
- 27 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- 28 PAGANI, M. I; SCHIAVETTI, A.; MORAES, M. E. B. & TOREZAN, F. H. **As Trilhas Interpretativas da Natureza e o Ecoturismo**. *In*: LEMOS, A.I.G. (org.) **Turismo: Impactos Socioambientais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- 29 PARANÁ TURISMO, SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO. **Litoral: Estudo da Demanda Turística 2004**. Curitiba, 2004.
- 30 ROA, J.G. *et alli*. **Recursos Naturales y Turismo**. México: Limusa, 1986.
- 31 RUSCHMANN, D.V.M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. 10ª Ed. Campinas: Papirus, 2003.
- 32 SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES. **Inventário Turístico de Morretes, Paraná**. Morretes, 2005.
- 33 SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H.T. (orgs.) **Viagens à Natureza – Turismo, Cultura e Ambiente**. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1999.
- 34 SMITH,S.L.J. **TourismAnalysis – A Handbook**. Londres: Longmam, 1989.
- 35 SWARBROOKE, J. (trad. Margarete Dias Polido) **Turismo Sustentável – Conceitos e Impacto Ambiental**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2000.

36 WWF BRASIL. (Sylvia Mitraud org.). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária. Ferramentas para um Planejamento Responsável.** Brasília: WWF Brasil, 2003.

37 <www.ecoparque.org.br>, acesso em 29/03/2005.

38 <www.morretes.pr.gov.br>, acesso em 26/09/2005.

38 <www.mpefunbio.org.br>, acesso em 19/04/2005.

40 <www.pr.gov.br/meioambiente>, acesso em 18/04/2005.

41 <www.redeprouc.org.br>, acesso em: 17/03/2005.

42<www.webhotel.com.br/parana>, acesso em 27/09/2005.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Modelo de Questionário Qualitativo

APÊNDICE 2 – Modelo sugerido de Formulário de Cadastro de Visitantes

APÊNDICE 3 – Modelo Sugerido de Formulário para o Agendamento de Visitas

APÊNDICE 4 – Modelo Sugerido de Formulário para a Avaliação da Experiência da
Visita

APÊNDICE 5 – Tabelas de Custos de Materiais de Construção

APÊNDICE 6 – Tabela de Custo para Material Gráfico

APÊNDICE 1

MODELO DE QUESTIONÁRIO QUALITATIVO

1. Nome:
2. Instituição/ Empresa:
3. Cargo:
4. O que você acha da situação atual da região do Salto dos Macacos?
5. Na sua opinião, quais os problemas da trilha de acesso ao Salto dos Macacos deveriam ser solucionados e porque?
6. Analisando a oferta de atrativos em áreas naturais em Morretes, na sua opinião, é necessária a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e a criação de novos produtos turísticos?
7. Você ou sua instituição/ empresa possui interesse na organização do turismo no Salto dos Macacos? Porque?
8. Você acredita que a melhoria da trilha do salto dos Macacos aumentaria o tempo de permanência do turista em Morretes?

APÊNDICE 2**MODELO SUGERIDO PARA O FORMULÁRIO DE CADASTRAMENTO DOS VISITANTES DO
SALTO DOS MACACOS**

1. Nome: _____
2. RG: _____
3. Cidade e estado onde mora: _____
4. Faixa etária:
5. Faixa de renda:
6. Ano/ mês da última visita ao Salto dos Macacos: _____ () Nunca visitei
7. Motivo da visita (se preferir, assinale mais de um item):
() beleza cênica
() passarelas suspensas
() prática de esporte/ caminhada
() infra-estrutura
() outro. Qual? _____
8. Como veio? () em grupo () sozinho
9. Você agendou a visita antes de vir? () Sim () Não () Não sabia que deveria agendar
10. Como soube do Salto dos Macacos?
() amigos
() parentes
() agência de turismo
() internet
() jornais/ revistas
() folder
() outro. Qual? _____
11. Data: _____
12. Horário da subida para o Salto dos Macacos: _____

APÊNDICE 3

MODELO SUGERIDO PARA O FORMULÁRIO DE AGENGAMENTO DE VISITAS AO SALTO DOS MACACOS

DATA DA VISITA: _____

HORÁRIO DE SAÍDA:		GRUPO 01		MONITOR:	
	NOME	RG	AGÊNCIA	OBSERVAÇÃO	
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					

APÊNDICE 4

MODELO SUGERIDO DE FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA VISITA

1. Nome: _____
2. RG: _____
3. Data: _____
4. Horário da chegada ao centro de visitantes: _____
5. Cidade e estado onde mora : _____
6. O que mais chamou a sua atenção de maneira **positiva** na visita ao Salto dos Macacos?

7. O que mais chamou a sua atenção de maneira **negativa** na visita ao Salto dos Macacos?

8. Como você avalia a sua experiência?
 ruim
 poderia ter sido melhor
 satisfatória
 muito boa
 ótima
9. Como você avalia a atuação do guia?
 ruim
 poderia ter sido melhor
 satisfatória
 muito boa
 ótima
10. Deixe sua aqui sua opinião e sugestão: _____

APÊNDICE 5

TABELAS DE CUSTOS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

P L A T A F O R M A S	MATERIAL	QTD	ORÇAMENTOS					
			1	VALOR (R\$)	2	VALOR (R\$)	3	VALOR (R\$)
	Caibro para peioril 2x4" em cedrinho	57 m	Almeida 3367-1896	5,50/m 313,50	Perin 3257-1326	6,13/m 349,41	-	-
	Clips para cabo de aço 5/16	43 un	Mundial 332-1604	0,60/pç 25,80	Atenas 3257-6363	1,12/pç 48,16	Matelli 3382-3884	1,17/pç 50,31
	Cabo de aço 5/16	142 m	Mundial 3332-1604	2,60/m 369,20	Matelli 3382-3884	5,90/m 837,80	-	-
	Tábua 1x10" em cedrinho	142 m	Almeida 3367-1896	6,90/m 979,80	Perin 3257-1326	7,67/m 1.032,34	-	-

TOTAL CUSTOS DE MATERIAIS PARA AS PLATAFORMAS: R\$ 1.688,30

MATERIAL	QTD	ORÇAMENTOS					
		1	VALOR (R\$)	2	VALOR (R\$)	3	VALOR (R\$)
Corda 10 mm polipropileno	1.067 m ou 63 kg	Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	16,30/kg 1.026,90	Mundial 3332-1604	0,99/m 1.056,33	-	-
		Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	16,30/kg 700,90	-	-	-	-
		Mundial 3332-1604	4,50/m 3.996,00	Matelli 3382-3884	7,99/m 7.095,12	-	-
Cabo de aço 3/8"	888 m	Mundial 3332-1604	0,80/m 215,20	Atenas 3257-6363	1,21/pç 325,49	Matelli 3382-3884	1,45/pç 319,00
		Mundial 3332-1604	5,00/kg 35,00	Atenas 3257-6363	4,74/kg 33,18	Matelli 3382-3884	4,67/kg 32,69
Clips 3/8"	269 un	Perin 3257-1326	5,00/kg 35,00	Atenas 3257-6363	4,74/kg 33,18	Matelli 3382-3884	4,67/kg 32,69
		Perin 3257-1326	5,00/kg 35,00	Atenas 3257-6363	4,74/kg 33,18	Matelli 3382-3884	4,67/kg 32,69
Pregos 17x27	7 kg	Perin 3257-1326	5,00/kg 35,00	Atenas 3257-6363	4,74/kg 33,18	Matelli 3382-3884	4,67/kg 32,69
		Perin 3257-1326	5,00/kg 35,00	Atenas 3257-6363	4,74/kg 33,18	Matelli 3382-3884	4,67/kg 32,69
Tábua 1x10" em cedrinho	142 m	Almeida 3367-1896	6,90/m 979,80	Perin 3257-1326	7,67/m 1.032,34	-	-
		Almeida 3367-1896	6,90/m 979,80	Perin 3257-1326	7,67/m 1.032,34	-	-

TOTAL CUSTOS DE MATERIAIS PARA AS PASSARELAS: R\$ 6.984,18

MATERIAL	QTD	ORÇAMENTOS						
		1	2	3	VALOR (R\$)			
Corda 10 mm polipropileno	612 m ou 35 kg	Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	Mundial 3332-1604	0,99/m	605,88	-	-	
		Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	16,30/kg	570,00	-	-	-	
Corda 8 mm teia de aranha polipropileno	560 m ou 24 kg	Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	391,20	-	-	-		
		Barbante e Papel Ltda. 3264-3975	16,30/kg	391,20	-	-		
Cabo de aço 3/8"	500 m	Mundial 3332-1604	4,50/m	7,99/m	3.995,00	-	-	
		Mundial 3332-1604	2.250,00	3382-3884	3.995,00	-	-	
Clips 3/8"	151 un	Mundial 3332-1604	0,80/pç	1,21/pç	182,71	3382-3884	1,45/pç	218,95
		Mundial 3332-1604	120,80	3257-6363	182,71	3382-3884	218,95	
Pregos 18/36	8 kg	Perin 3257-1326	5,00/kg	4,74/kg	37,92	3382-3884	4,67/kg	37,36
		Perin 3257-1326	40,00	3257-6363	37,92	3382-3884	37,36	
Pregos 17x27	8 kg	Perin 3257-1326	5,00/kg	4,74/kg	37,92	3382-3884	4,67/kg	37,36
		Perin 3257-1326	40,00	3257-6363	37,92	3382-3884	37,36	
Bolachas de Madeira	300 m ou 500 un	Susin 3668-1165	5,00/um	-	-	-	-	
		Susin 3668-1165	2.500,00	-	-	-	-	

I N T E R V E N Ç Õ E S

Tora de Madeira	8 m	Susin	24,00/m				
		3668-1165	192,00	-			-
Fita zebrada	1 rolo	Mundial	7,90	Atenas			
	200 m	3332-1604		3257-6363	7,25	Martelli	9,90
Tabua 1x10"		Almeida	6,90/m	Perin	7,67/m		
em cedrinho	220 m	3367-1896	1.518,00	3257-1326	1.687,40	-	-
Madeira para contenção em		Susin	3,00/m	Perin	2,36/m		
cedrinho 4"	11 m	3668-1165	33,00	3257-1326	25,96	-	-

TOTAL CUSTOS DE MATERIAIS PARA AS INTERVENÇÕES: R\$ 7.649,93

PLACAS DE SINALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO	QTD.	DIMENSÃO	ORÇAMENTOS				
			1	2	3	VALOR (R\$)	
Entrada da Estrada de Prainhas	1	2 m x 1 m Duas cores Metal e madeira	Gráfica Falcon 3283-6416	-	-	-	-
Início da Trilha do Salto dos Macacos	1	2 m x 1 m Quatro cores Metal e madeira	Gráfica Falcon 3283-6416	-	-	-	-

TOTAL CUSTO PARA AS PLACAS DE SINALIZAÇÃO: R\$ 1.200,00

Obs 1: Os materiais relacionados para as passarelas suspensas foram indicados pelo Engenheiro Civil Eduardo Cabral, bem como os números de medidas e quantidades para uma passarela de 20 m de comprimento. Para as passarelas idealizadas pela autora do presente projeto (40, 45 e 57 m), foram calculadas proporções baseadas nas medidas e quantidades fornecidas pelo engenheiro.

Obs 2: Os materiais relacionados para as intervenções físicas na trilha foram fornecidos pela “Proposta MPE de Intervenções para a Trilha do Salto dos Macacos” e as medidas e quantidades foram estabelecidas pela autora do projeto de acordo com a metragem do estudo e no mapeamento da trilha.

Obs 3: Cotação realizada em outubro de 2005.

APÊNDICE 6

TABELA DE CUSTOS PARA MATERIAL GRÁFICO

		GUIA IMPRESSO		ORÇAMENTOS				
MATERIAL	QTD.	PAPEL	1			2		3
			VALOR (R\$)	VALOR (R\$)	VALOR (R\$)	VALOR (R\$)	VALOR (R\$)	
Folderes para conscientização de visitantes	14.400 un	A4 duas dobras Três cores Gramatura 90 g 100% reciclado	Mult Graphic 3286-4434	1.750,00	Gráfica Delta 3346-9755	1.550,00	Gráfica Capital 3333-7733	1.500,00

TOTAL DE CUSTOS PARA O GUIA IMPRESSO: R\$ 1500,00

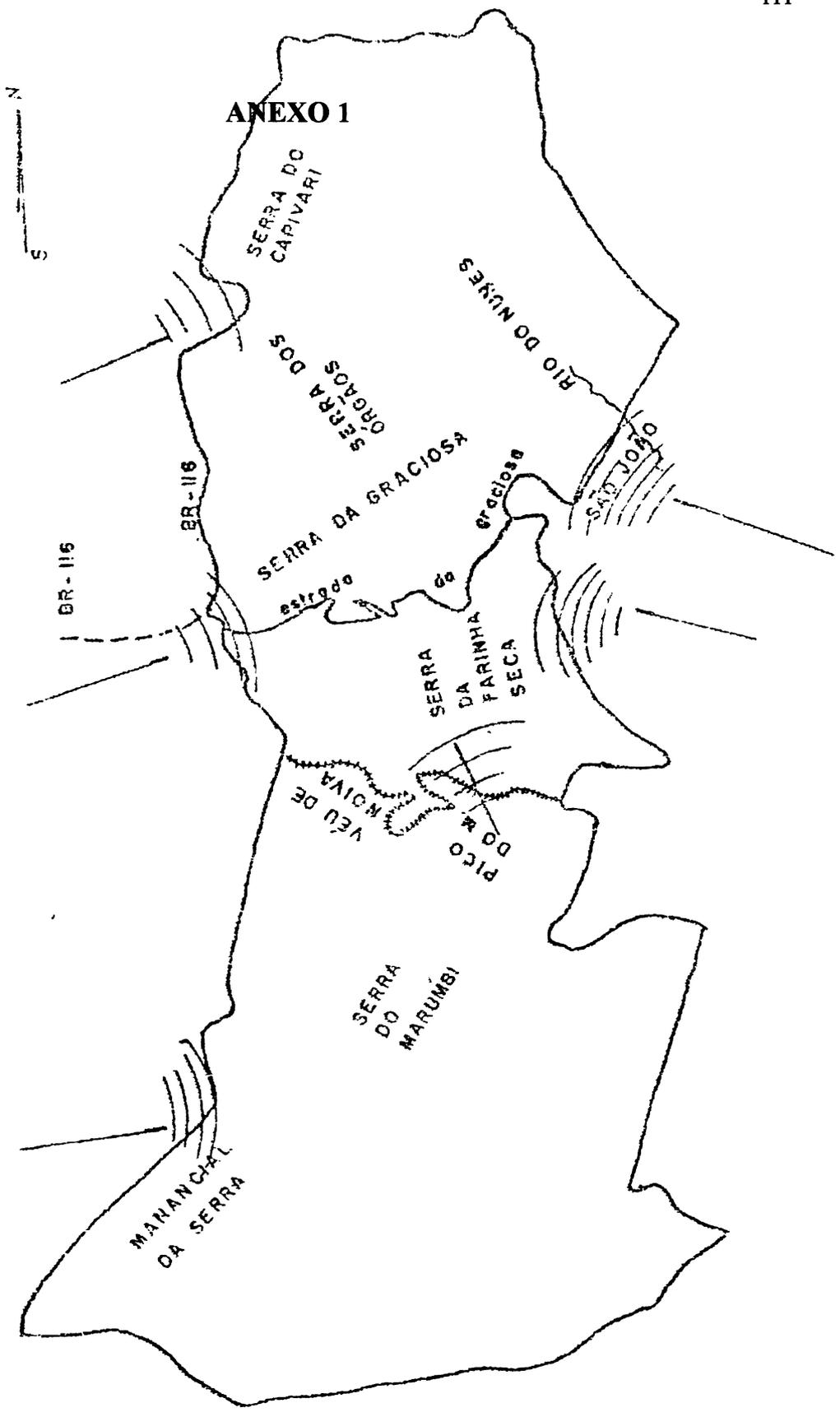
Obs 1: A quantidade de folderes equivale a um ano de visitas ao Salto dos Macacos, sendo que todos os dias sairiam três grupos e estes possuiriam treze pessoas cada, ou seja, utilização máxima das visitas.

Obs 2: Cotação realizada em outubro de 2005.

LISTA DE ANEXOS

- ANEXO 1 – Mapa da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi – Irradiação da Primitividade.
- ANEXO 2 – Proposta de Intervenção para a Trilha do Salto dos Macacos, elaborada pelo Programa MPE.
- ANEXO 3 – Infra-estrutura Turística do Município de Morretes.
- ANEXO 4 – Entrevista com Mário Belz Lopes dos Santos, Presidente da Associação de Pousadas e Hotéis de Morretes.
- ANEXO 5 – Entrevista com Celso Luis Maceno Filho, Representante da Operadora de Turismo Calango Expedições.
- ANEXO 6 – Entrevista com Carlos Alberto Gnatta Neto, Secretário Municipal de Turismo de Morretes.
- ANEXO 7 – Entrevista com Francisco Torres, Coordenador das Unidades de Conservação do Litoral, IAP.

FIGURA I - IRRADIAÇÃO DA PERDA DA PRIMITIVIDADE NO AÉIT DO MARUMBI.



ANEXO 2

PONTOS	FORMA DE ADEQUAÇÃO	MATERIAL NECESSÁRIO
1 – 06	- Ponte Pencil de aproximadamente 80 metros cruzando os dois braços do rio	- Cabo de aço - Corda - Maderia - Arame - Braçadeiras
11 – 12	- Reforma da passagem de alagado	- Bolachas de madeira (6)
15 – 16	- Pinguela	- Tora de madeira (8mts)
27 – 28	- Tablado de madeira	
28 – 29	- Interdição de caminho secundário a esquerda	- Fita zebrada
39 – 40	- Tablado de madeira	- Madeira - Parafusos
44 – 45	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira (8)
45 – 46	- Interdição de caminho secundário a esquerda	- Fita zebrada
50 – 53	- Interdição do trecho utilizado - desobstrução da trilha à frente	- Fita zebrada
53 – 54	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira (7)
58 – 59	- Tablado de madeira	- Madeira - Parafusos
59 – 60	- Interdição de trilha secundária a esquerda	- Fita zebrada
61 – 62	- Interdição de trilha secundária a esquerda	- Fita zebrada
65 – 66	- Tablado de madeira	- Madeira - Parafusos
82 – 83	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
84 – 85	- Passagem de alagado - Interdição de trilha secundária a esquerda	- Bolachas de madeira - Fita zebrada
87 – 88	- Passarela com corrimão a direita de aproximadamente 8 metros	- Madeira - Parafusos
90 – 91	- Limpar trilha original - Interdição de trilha secundária a direita	- Fita zebrada

PONTOS	FORMA DE ADEQUAÇÃO	MATERIAL NECESSÁRIO
91 – 92	- Interdição de trilha secundária a direita	- Fita zebrada
92 – 93	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
93 – 94	- Estreitamento da lateral esquerda da trilha	- Fita zebrada
103 – 106	- Definição do caminho original - Interdição das vias secundárias a esquerda - Passagem de alagados	- Bolachas de madeira - Fita zebrada
109 – 110	- Colocação de pedras para formação de degraus e contenção de erosão	- Pedras
110 – 111	- Colocação de pedras para formação de degraus e contenção de erosão	- Pedras
112, 113	- Colocação de pedras para formação de degraus e contenção de erosão - Interdição da via secundária a esquerda	- Pedras - Fita zebrada
113 – 114	- Passagem de alagado	- Pedras
116 – 117	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
119 – 120	- Interdição de via secundária a esquerda - Passagem de alagado	- Fita zebrada - Bolachas de madeira
120 – 121	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
133 – 134	- Interdição de trilha secundária a esquerda	- Fita zebrada
140 – 141	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
153 – 154	- Passagem de alagado	- Bolachas de madeira
154 – 155	- Passagem de alagado - Interdição de via secundária a esquerda	- Bolachas de madeira - Fita zebrada
159 – 160	- Interdição de via secundária a esquerda - Passagem de alagado	- Fita zebrada - Bolachas de madeira
167 – 168	- Interdição de trilha secundária a direita - Passagem de alagado	- Fita zebrada - Bolachas de madeira

PONTOS	FORMA DE ADEQUAÇÃO	MATERIAL NECESSÁRIO
181 -182	- Interdição de via secundária a esquerda - Contenção para erosão em forma de degraus - Corrimão de corda	- Fita zebrada - Pedras - Corda
197 – 198	- Interdição de via secundária a esquerda - Passagem de alagado	- Fita zebrada - Bolachas de madeira
203 – 204	- Contenção de erosão com degraus de madeira - Interdição de via secundária a direita	- Fita zebrada - Madeira
217 – 218	- Fechamento de via secundária a direita	- Fita zebrada

Seguindo o ranking de prioridades de Segurança, Conservação e Estética propomos algumas melhorias a serem realizadas na trilha, sendo que algumas delas, como passagem de alagado e interdição de vias secundárias são necessárias em vários trechos. Muitas destas trilhas secundárias são abertas por falta de uma manutenção, pois o visitante para desviar de uma árvore caída ou de um alagado cria desvios que alteram o percurso da trilha e aumentam o impacto. Em todas as áreas de alagado juntamente com a colocação de bolachas de madeira para a passagem dos visitantes deve-se se fazer um trabalho de desvio da água, seguindo as características do terreno. Por existir algumas árvores caídas na trilha e às margens desta, sugerimos a colocação de bolachas de madeira, porém se houver recurso necessário, pode-se comprar madeira com maior durabilidade para este tipo de passagem.

Sendo assim, percorremos a trilha identificando os trechos mais impactados e propondo intervenções simples e economicamente viáveis, pois o atrativo requer manutenção e posteriormente monitoramento. O material sugerido requer um levantamento mais detalhado para se chegar na quantidade exata e tipo de material a ser utilizado, pois o intuito é evidenciar as ações prioritárias a serem tomadas.

A única proposta que necessitará de um pouco mais de recurso financeiro é a ponte pencil proposta para o trecho inicial da trilha. Esta ponte aumentará a segurança dos visitantes, que quando o volume do rio aumenta fica difícil de atravessá-lo e diminuirá o impacto ambiental, pois o trecho da ilha existente entre os dois braços do rio será percorrido pela ponte, não havendo mais impacto no solo.

ANEXO 3

HOTÉIS

HOTEL NHUNDIAQUARA

Endereço: Rua General Carneiro, 13 – Rua das Flores

Telefone: 41 462 1228

Fax: 41 462 1267

E mail: nhundiaquara@brturbo.com.br

Internet: www.nundiaquara.com.br

Informações Complementares:

R\$ 15,00 - simples s/ banheiro no quarto (banheiro geral) - Quartos p/ 5 ou 6 pessoas – C/ café da manhã

R\$ 60,00 – casal - quarto com banheiro, televisão e ventilador de teto - Com café da manhã

R\$ 70,00 – casal – alta temporada e feriados

Serve almoço – de R\$ 9,00 até R\$ 20,00

Capacidade máxima 40 pessoas desde que conjuntas.

Contato: D. Glória Alpendre Silveira / Fernanda

PORTO REAL PALACE HOTEL

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 85

Telefone: 41 462 1344

Fax:

E mail:

Internet:

<http://www.morretes.com.br/portoreal/index.htm>

Informações Complementares:

02 apartamentos com 2 camas de solteiro, banheiro, televisão, frigobar, ventilador

R\$ 70,00 incluindo café da manhã e garagem

01 apartamento com 1 cama de solteiro, banheiro, televisão, frigobar, ventilador

R\$ 35,00 incluindo café da manhã e garagem

04 apartamentos com 1 cama de casal, banheiro, televisão, frigobar, ventilador

R\$ 70,00 incluindo café da manhã e garagem

01 apartamento com 1 cama de casal e 1 cama de solteiro, banheiro, televisão, frigobar, ventilador

R\$ 95,00 incluindo café da manhã e garagem

02 suítes com 1 cama de casal, banheiro, televisão, frigobar, ventilador

R\$ 80,00 incluindo café da manhã e garagem

Capacidade máxima 20 pessoas

HOTEL BOM JESUS

Endereço: Rua XV de Novembro, 281

Telefone: 41 462 1282

Fax:

E mail:

Internet:

Informações Complementares:

7 quartos com 2 camas de solteiro, R\$ 10,00 pessoa, com banheiro fora

2 quartos casal, R\$ 15,00 casal, com banheiro fora

2 quartos de casal, R\$ 25,00 casal, com banheiro dentro

1 quarto, 2 camas de solteiro, com banheiro dentro, R\$ 25,00

Sem tv, sem ventilador, sem café da manhã, sem estacionamento

Informações Complementares:

7 quartos com 2 camas de solteiro, R\$ 10,00 pessoa, com banheiro fora

2 quartos casal, R\$ 15,00 casal, com banheiro fora

2 quartos de casal, R\$ 25,00 casal, com banheiro dentro

1 quarto, 2 camas de solteiro, com banheiro dentro, R\$ 25,00

Sem tv, sem ventilador, sem café da manhã, sem estacionamento

Capacidade máxima 22 pessoas

Contato: D. Neca / Elisangela

POUSADAS**POUSADA RECANTO DA ILHA**

Endereço: Estrada da Graciosa, km 08, Porto de Cima

Telefone: 41 462 1277 / 9628 0412

Fax:

E mail:

Internet:

Informações Complementares:

2 quartos 2 pessoas R\$ 20 casal (cama e banheiro)

1 ap p 4 pessoas R\$ 35 casal (cama e banheiro)

1 apart p 2 pessoas + 1 pessoas (cama alternativa) R\$ 35 casal + R\$ 15, altern

Com café

Bóia cross, churrasqueira, lanchonete

Camping R\$ 7,00 por pessoa (100 pessoas)

Capacidade máxima 111 pessoas no camping

Contato: Sr. Marcy / Rosi

POUSADA DONA SIROBA

Endereço: Porto de Cima, em frente à Praça Comendador Macedo, 6 km do Centro

Telefone: 41 462 1522

Fax: 41 462 1522

E mail: propmiranda@uol.com.br

Internet:

Informações Complementares:

R\$ 80,00 – 5 Apartamentos para 3 pessoas (1 cama casal e 1 solteiro) com café da manhã

R\$ 60,00 – 7 Apartamentos para 2 pessoas (cama casal) com café da manhã

R\$ 80,00 – 2 Chalé para 4 pessoas com café da manhã

R\$ 100,00 – 1 Chalé para 6 pessoas com café da manhã

Refeição - R\$ 6,50 (comida caseira) até R\$ 18,00 por pessoa

Oferece Cancha de bocha, campo futebol suíço, piscina com água natural

Capacidade máxima 43 pessoas

Contato: D. Lúcia

POUSADA OÁSIS

Endereço: Porto de Cima, estrada das Prainhas, 6,5 km do Centro

Telefone: 41 9978 3462 / 462 1888

Fax:

E mail: oasis@lol.com.br

Internet: www.lol.com.br/~pousadadoasis/

Informações Complementares: 2 chalés 4 pessoas R\$ 80,00 - banheiro frigobar café da manhã estacionamento 5 chalés 2 pessoas R\$ 60,00 - banheiro frigobar café da manhã estacionamento Refeições – de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 Sala de tv mista com lareira, passeio de bóia cross Alguns chalés tem televisão
Capacidade máxima 28 pessoas
Contato: Noiram Delpin / Antonio Delpin

POUSADA PARAÍSO DA SERRA

Endereço: Estrada da Graciosa	
Telefone: 41 233 7234 / 9992 1716	Fax:
E mail:	internet:
Informações Complementares:	
Capacidade máxima pessoas	
Contato:	

POUSADA ITUPAVA

Endereço: Porto de Cima, Estrada das Prainhas	
Telefone: 41 9978 1473 / 462 1925 / 262 4927	Fax: 41 362 0705
E mail: pousada@itupava.com.br	Internet: www.itupava.com.br
Informações Complementares: Casa 1, 9 pessoas, R\$ 100,00 - Casa com 2 quartos e 1 suíte, sala, cozinha completa, sacada com vista para o rio Nhundiaquara, lareira e churrasqueira. Casa 2, 7 pessoas, R\$ 80,00 - Casa com 2 quartos, 1 banheiro, sala, cozinha completa e churrasqueira. Casa 3, 3 pessoas, R\$ 50,00 - Chalé composto por uma suíte com TV, cozinha completa lareira e churrasqueira Casa 4, 3 pessoas, R\$ 40,00 - suíte, cozinha completa e churrasqueira Casa 5, 3 pessoas, R\$ 60,00 - suíte com ar condicionado TV e Frigobar, além de uma varanda Café da manhã / roupa de cama – R\$ 10,00 por pessoa Bóia cross, caminhadas	
Capacidade máxima 25 pessoas	
Contato: D. Oli / Sr. Ibraim	

POUSADA ECOCATU

Endereço: Reta do Porto de Cima, 1.219	
Telefone: 41 462 1512 / 9189 9457	Fax:
E mail: veramaria@lol.com.br	Internet: www.netpar.com.br/ecocatu
Informações Complementares: 5 chalés com camas de casal 1 chalé, com 2 camas de solteiro Preços: Casal – R\$ 100,00 / Solteiro – R\$ 70,00 / 3ª pessoa – R\$ 20,00	

Feriadados com taxas diferenciadas.

Chalés com tv privativa parabólica, ventiladores de teto nos dois ambientes e estrutura básica de cozinha.

Para custo de 1 semana R\$ 35,00/dia por pessoa

Desconto de R\$ 5,00 por pessoa, sem o café da manhã

Área com churrasqueira, piscina, pomar e estacionamento interno.

Capacidade máxima 24 pessoas – Atendimento Normal 18 pessoas

Contato: Véra Maria

POUSADA CIDREIRA

Endereço: Rua Rômulo Pereira, 61 - Centro

Telefone: 41 462 1604

Fax: 41 462 1604

E mail:

Internet: www.morretes.com.br/pousadacidreira

Informações Complementares:

Quartos Casal R\$ 70,00 com café da manhã

Quartos p/ 3 pessoas R\$ 95,00 com café da manhã

Quartos com banheiro, tv, alguns com sacada, sala de tv conjugada

Sem estacionamento

Sem refeição

Capacidade máxima 40 pessoas

Contato: Loisetete Sueli Cidreira

POUSADA VISTA DO MARUMBI

Endereço: Rua XV de Novembro, 1.000 -Centro

Telefone: 41 462 1573

Fax:

E mail:

Internet:

Informações Complementares:

6 Quartos, banheiro coletivo, R\$ 20, por pessoa, com café, estacionamento

5 quartos com banheiro, R\$ 25 por pessoa, com café, estacionamento

Capacidade máxima 25 pessoas

Contato: D. Lourdes

POUSADA QUERÊNCIA DA SERRA

Endereço: América de Cima, 5 km do Centro

Telefone: 41 462 2695 / 9919 0428

Fax:

E mail:

Internet:

www.morretes.com.br/querenciadaserra/index.htm

Informações Complementares:

1 Chalé p/ 4 pessoas R\$ 60,00 com café – R\$ 45,00 sem café

Quarto na casa R\$ 40,00 casal com café – R\$ 30,00 sem café

Aluga casa inteira p/ 15 pessoas R\$ 120,00/dia, sem café, com cozinha e banheiro (necessário trazer comida - utensílios fornecidos pela pousada)

Rio dentro da propriedade, com campo de futebol

Capacidade máxima 19 pessoas

Contato: Sr. Breda

POUSADA TRILHA DA SERRA

Endereço: Rua Luis Brambilla, 64 – Vila Santo Antonio

Telefone: 41 462 2391

Fax: 41 462 2391

E mail: trilhadaserra@trilhadaserra.com.br
belz@trilhadaserra.com.br

Internet: www.trilhadaserra.com.br

Informações Complementares:

5 apartamentos casal + bicama

1 apartamento solteiro p/ 3 pessoas

1 apartamento solteiro p/ 4 pessoas

Apartamentos com frigobar, tv privativa parabólica, telefone privativo com café da manhã e sem taxa de serviço

Para custo de 1 semana R\$ 30,00/dia por pessoa

Piscina, locação de bicicleta, Tv Sky, churrasqueira, estacionamento, bar e lanchonete até 24 horas

Capacidade máxima 27 pessoas – Atendimento normal 15 pessoas

Contato: Márcio

POUSADA GRACIOSA

Endereço: Estrada da Graciosa, Km 8 - nº 9000 - Porto de Cima, 8 km até o Centro

Telefone: 41 462 1807

Fax: 41 462 1807

E mail:

Internet:

www.morretes.com.br/pousadagraciosa/

Informações Complementares:

6 chalés para casal ou 2 pessoas R\$ 90,00 casal (R\$ 65,00/diária p/ fechar 1 semana), café da manhã

Chalé com tv, frigobar, rede na varanda, ventilador, cobertores, roupa de cama e banho

Piscina e bicicleta para passeio, passeio de trilhas e boia cross

Reserva com antecedência

Não hospedam menores de 12 anos

Capacidade máxima 12 pessoas

Contato: Maurício

POUSADA HAKUNA MATATA

Endereço: Estrada da Graciosa, PR 411, Km 5,5

Telefone: 41 462 2388 / 9972 1482

Fax:

E mail: hakuna@matata.com.br

Internet: www.hakuna.matata.com.br

Informações Complementares:

16 quartos, com ar condicionado, tv, frigobar, banho com caldeira

R\$ 90,00 por pessoa, incluindo café da manhã, almoço, jantar + 10%

R\$ 75,00 pr pessoa com café da manhã + 10%

Quadra de tênis, futebol society, vôlei de praia, piscina, cama elástica, pimbolim, snooker, ping-pong, lareira

Capacidade máxima 50 pessoas

Contato: Jeff

POUSADA SANTUÁRIO NHUNDIAQUARA

Endereço: Estrada das Prainhas, Km 02, Porto de Cima

Telefone: 41 323 3725 / 462 2341 / 462 1938	Fax: 41 462 1938
E mail: info@nhundiaquara.com.br	Internet: www.nhundiaquara.com.br
Informações Complementares: 6 apartamentos de casal R\$ 150,00 com café da manhã, R\$ 220,00 com café, almoço e jantar 4 apartamentos p/ 3 pessoas R\$ 210,00 com café, R\$ 300,00 com café, almoço e jantar 2 suítes R\$ 250,00 com café, almoço e jantar 1 suíte R\$ 300,00 com café, almoço e jantar Desconto no valor total para fechamento de pacotes Área de lazer às margens do Rio Nhundiaquara, tobo-água descida 140 metros desembocando dentro do Rio Nhundiaquara, bar e refeições, passeios ecológicos (Salto dos Macacos, Salto São Luiz, Pico do Marumbi, Curva do S, Bóia-cross, Raffiting, com guias especializados)	
Capacidade máxima 38 pessoas	
Contato: Luiz Cláudio / Juliano / Eliezer	

POUSADA CHÁCARA MARUMBI

Endereço: PR 411, km 5,5 - Reta do Porto, Porto de Cima	
Telefone: 41 224 9979 / 9974 7435 / 9974 5892	Fax:
E mail: chacaramarumbi@yahoo.com.br	Internet: www.pousadamarumbi.cjb.net/
Informações Complementares: 5 chalés 4 pessoas + 1 cama alternativa 2 chalés 2 pessoas Com café da manhã Tv, frigobar, área com rede, banheiro, ventilador, sala Campo de futebol, campo de vôlei, piscina, rio Cari, tanque de peixe, bosque com trilhas para caminhada Desconto para fechamento completo das dependências da pousada – R\$ 800,00 por dia (R\$ 27,00 por pessoa)	
Capacidade máxima 29 pessoas	
Contato: Fernanda	

POUSADA ILHA DO RIO

Endereço: Estrada da Graciosa, km 7,5, Porto de Cima	
Telefone: 41 462 1400	Fax: 41 462 1400
E mail: ilhadorio@lol.com.br	Internet: www.pousadailhadorio.com.br
Informações Complementares: R\$ 130,00 2 pessoas com café + 10% - R\$ 160,00 com jantar R\$ 93,00 1 pessoa com café + 10% - R\$ 108,00 com jantar ap com tv, vídeo, frigobar, ventilador de teto e aquecedor Piscina e Bóia Cross	
Capacidade máxima 15 pessoas	
Contato: Hilda	

CAMPING

POUSADA DONA SIROBA

Endereço: Porto de Cima, em frente à Praça Comendador Macedo, 6 km do Centro	
--	--

Telefone: 41 462 1522	Fax: 41 462 1522
-----------------------	------------------

E mail: propmiranda@uol.com.br	Internet:
--	-----------

Informações Complementares:

Oferece Cancha de bocha, campo futebol suíço, piscina com água natural
--

Capacidade máxima pessoas

Contato: D. Lúcia

Obs.: Existem também áreas para acampamentos nas localidades de Prainhas (Porto de Cima), Cascatinha (Comunidade do Marumbi) e na Represa do Rio Ipiranga (Comunidade do São João da Graciosa).

CAPACIDADE TOTAL DE ATENDIMENTO:

459 PESSOAS EM CHALÉS / APARTAMENTOS / QUARTOS

100 PESSOAS EM ACAMPAMENTO

RESTAURANTES

RESTAURANTE MADALOZO

Rua Almirante Frederico de Oliveira, nº 16 – Fone: (41) 462-1410/ 462-1648

Home page: www.madalozo.com.br

Capacidade: para 600 pessoas

RESTAURANTE NHUNDIAQUARA

Rua General Carneiro, nº 13 - (Rua das Flores) - Fone: (41) 462-1228

Home page: www.nundiaquara.com.br

Fax: (41) 462-1267

Capacidade: para 300 pessoas

RESTAURANTE DONA SIROBA

Porto de Cima - Fone: (41) 462-1522

Capacidade: para 180 pessoas

RESTAURANTE SATO'S

Prolongamento da Rua XV de Novembro, s/nº - Fone: (41) 462-1136

Capacidade: 45 pessoas

RESTAURANTE MY HOUSE

Largo Dr. José Pereira, s/nº - Fone: (41) 462-1371

Capacidade: para 130 pessoas

RESTAURANTE RECANTO HISTÓRICO

Estrada da Graciosa – São João da Graciosa - Fone: (41) 462-1169 - ramal 269

Capacidade: para 60 pessoas

RESTAURANTE BARREADO DE BÚFALO RECANTO SÃO JOÃO

Estrada da Graciosa – São João da Graciosa - Fone: (41) 462-1169 - ramal 260

Capacidade: para 100 pessoas

BAR E RESTAURANTE D. MOACIR II

Rua 31 de Outubro, s/nº - Fone: (41) 462-2824

RESTAURANTE E LANCHONETE BIRA

Rua XV de Novembro, s/nº - Fone: (41) 9978-3293

Capacidade: para 80 pessoas

RESTAURANTE FLOR DA GRACIOSA

Estrada da Graciosa – São João da Graciosa

Capacidade: para 40 pessoas

RESTAURANTE CANTINHO DE MORRETES

Largo Dr. José Pereira, s/nº - Fone: (41) 462-3227

Capacidade: para 60 pessoas

RESTAURANTE ENGENHO DA SERRA

Estrada da América – Marumbi - Fone: (41) 9978-2150

Capacidade: para 80 pessoas

RESTAURANTE AÇORIANO

Rua XV de Novembro, s/nº

Fone: (41) 462-1475

LANCHONETE NOSSA SENHORA DO PORTO

Rua XV de Novembro, nº 377 – Fone: (41) 462-1356

Capacidade: para 60 pessoas

RESTAURANTE E PIZZARIA TERRA NOSSA

Rua XV de Novembro, nº 109 – Fone: (41) 462-2174

www.lol.com.br/~terranossa

VÔ LEOPOLDO RESTAURANTE

Rua Fernando Amaro, nº 32 - Centro

Fone: (41) 9964-1090 e 9975-5297

TERRA BRASIL RESTAURANTE

Rua Desauda Bosco da Costa Pinto, nº 8
Vila Santo Antonio

RESTAURANTE SERRA & MAR

Rua Visconde do Rio Branco, nº 145 - Centro
Fone: (41) 462-2294

RESTAURANTE VILLA MORRETES

Rua Almirante Frederico de Oliveira, 155 – Vila Santo Antônio
Fone: (41) 462-2140

ARTESANATOS

Artes da Terra

Largo Lamenha Lins, 78

Tel. (0XX41) 462-2976

Horário de atendimento: Segunda-feira à sexta das 9h às 17h. Terça-feira: fechado
Sábados, domingos e feriados das 9h às 19h.

Antiquário Nossa Senhora do Porto

Largo Lamenha Lins, 46

Tel. (0XX41) 462-1024

Horário de atendimento: terça-feira à domingo das 10h às 18h.

Armazén do Artesanato

Largo Lamenha Lins, 46

Tel. (0XX41) 462-1248

Horário de atendimento: terça-feira à domingo das 9h30 as 18h.

Arte Nativa

Rua das Flores, 8

Horário de atendimento: terça-feira à domingo das 10h às 18h.

Carmem Maria Artesanato

Largo Doutor José Pereira, 15

Tel. (0xx41) 462-1248 / 462-1628

Horário de atendimento: quarta-feira a segunda-feira das 09h30 às 18h.

Empório da Arte Pé da Serra

Rua Rômulo José Pereira,53

Tel. (0XX41) 462-1255

Horário de atendimento: quarta-feira à domingo das 10h30 às 18h.

Encantos da Terra

Rua Almirante Frederico de Oliveira,57

Tel. (0XX41) 462-1674

Horário de atendimento: quinta-feira à terça-feira das 09h às 18h.

Magia da Serra Cachaça Artesanal

Vila Sambaqui, s/nº.

Tel. (0XX41) 415-1118

E-mail: magiadaserra@onda.com.br

Horário de atendimento: segunda-feira a sábado das 7 às 12 e das 13h30 às 17h

Moringa de Barro

Rua Odilon Negrão,18

Tel. (0XX41) 462-2512 / 9959-4064

Horário de atendimento: diariamente das 10h às 18h.

TRANSPORTE TURÍSTICO**TRILHAS TURISMO LTDA.**

Largo Lamenha Lins, nº 8 – Centro – Fone: (41) 462-1675

OPERADORAS DE TURISMO**Calango Expedições**

Rua das Flores, 20 salas 4 e 5

Tel. (0XX41) 462-2600.

E-mail: morretes@calangoexpedições.com.brPage: www.calangoexpedições.com.br

Operadora de Turismo responsável pela organização de caminhadas para a Serra do Mar, visitas aos Caminhos Históricos, cachoeiras, passeios de bicicleta, bóia-cross, rafting, passeios de Barco no Litoral, montanhismo e pacotes especiais para a Ilha do Mel – grupos.

ASSOCIAÇÕES**ACIAM – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Morretes**

Rua: Fernando Amaro, 06 – centro

Fone: (041) 462-1660

APHM – Associação de Pousadas e Hotéis de Morretes

Rua Rua Luis Brambilla, 64 – Vila Santo Antônio
Fone: (41) 462-2391

Associação de Condutores Águias Marumbi – Morretes - PR

Rua das Flores, 20 salas 4 e 5

Tel. (0XX41) 462-2600.

E-mail: aguismarumbi@zipmail.com.br

Page: www.aguismarumbi.org.br

Corpo de guias formado por moradores de Morretes, capacitados para trabalharem em áreas naturais e ambientes de montanha.

São credenciados pela Paraná Turismo e possuem curso de guia de montanha da FEPAM (Federação Paranaense de Montanhismo).

BANCOS

Caixa Econômica Federal

Rua Visconde do Rio Branco, 19

Tel. (0XX41) 462-1262

Banco do Brasil

Rua XV de Novembro, 198

Tel. (0XX41) 462-1204

Banco Itaú

Rua Conselheiro Sinimbú, 78

Tel. (0XX41) 462-1383

HOSPITAIS

Hospital e Maternidade de Morretes

Rua Santos Dumont, 91

Tel. (0XX41) 462-1114 / 462-2250

ESPAÇOS CULTURAIS

Galeria de Artes Mirtilo Trombini

Largo Dr José Pereira

Fone: (0XX41) 462-1325

Horário de Funcionamento: Sextas, Sábados, Domingos e Feriados das 8h às 17h

Theatro Municipal de Morretes

Rua XV de novembro s/nº

Fone: (0XX41) 462-3262 – Secretaria da Cultura

POSTOS DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS**Secretaria Municipal de Turismo**

Rua Visconde do Rio Branco, 45

Fone: (0XX41) 462-1024 – Fax (0XX41) 462-1266

Segunda à Sexta das 9:00h às 15:00h

Sábados, Domingos e Feriados das 10:00h às 16:00h

Estação Ferroviária

Praça Rocha Pombo

Fone: (0XX41) 462-1265

Diariamente das 10:40h às 11:20h e das 14:30h às 15:20h

ANEXO 4

1. Nome: Mário Belz Lopes dos Santos

2. Instituição/ Empresa: Associação de Pousadas e Hotéis de Morretes

3. Cargo: Presidente

4. O que você acha da situação atual da região do Salto dos Macacos?

O turismo no Salto dos Macacos está sem controle. Existe muita degradação na trilha que deve ser evitada. O lugar é lindo e merece ser visitado, por isso, deve ser feito um trabalho para melhorar esse lugar.

5. Na sua opinião, quais os problemas da trilha de acesso ao Salto dos Macacos deveriam ser solucionados e porque?

Principalmente a sinalização e os obstáculos na trilha. Os turistas sentem muita dificuldade.

6. Analisando a oferta de atrativos em áreas naturais em Morretes, na sua opinião, são necessárias a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e a criação de novos produtos turísticos?

Sim. Sem dúvida, não apenas o salto, mas todos os atrativos naturais de Morretes precisam de melhorias.

7. Você ou sua instituição/ empresa possui interesse na organização do turismo no Salto dos Macacos? Porque?

Não é que eu possua um interesse direto. O meu interesse é em agradar o turista. Se o turista precisa de mais condições para visitar o Salto dos Macacos, o meu interesse é em dar condições a ele de visitar o salto.

8. Você acredita que a melhoria da trilha do salto dos Macacos aumentaria o tempo de permanência do turista em Morretes?

Sim, sem dúvida. Para visitar o salto o turista precisará de pelo menos 2 noites e um dia a mais em Morretes. Eu acredito que seja necessária uma profissionalização do turismo no Salto dos Macacos. Isso é muito importante.

ANEXO 5

1. Nome: Celso Luis Maceno Filho.

2. Instituição/ Empresa: Calango Expedições.

3. Cargo: Operação e finanças.

4. O que você acha da situação atual da região do Salto dos Macacos?

Acho que a trilha se encontra realmente em um estado bastante avançado de degradação devido à visitação desordenada que ainda ocorre na área, devendo a pessoa ou entidade responsável tomar providências a esse respeito.

5. Na sua opinião, quais os problemas da trilha de acesso ao Salto dos Macacos deveriam ser solucionados e porque?

O principal problema que vêm ocorrendo na trilha seria a visitação desordenada e a falta de consciência dos visitantes que vêm a ocasionar as erosões, além de várias pessoas deixarem resíduos na trilha e nas áreas de acampamento. A solução que vejo para o caso seria um controle da visitação através de um centro de visitantes e a análise técnica da trilha a fim de saber se é possível a recuperação e de que forma, vindo que em último caso seria até conveniente a abertura de uma nova trilha para acesso ao salto, fazendo plantios de mudas nativas e deixando com que a natureza se encarregue naturalmente da reestruturação daquela área através dos anos.

6. Analisando a oferta de atrativos em áreas naturais em Morretes, na sua opinião, são necessárias a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e a criação de novos produtos turísticos?

Sem dúvida sim, até porque as pessoas não vão deixar de ir para lá, pois o local é muito conhecido e freqüentado, sendo de interesse a comunidade local a exploração correta do atrativo pela sua localização e beleza, devendo ser feito um trabalho ordenado em todas as áreas de interesse turístico em Morretes a fim de que não ocorra o mesmo que ocorreu na trilha do Salto dos Macacos, pois a cidade de Morretes está sendo também conhecida pela sua beleza natural e a comunidade local é quem deve explorar estes recursos de maneira consciente é claro, apenas nos locais onde a visitação é viável ecologicamente.

7. Você ou sua instituição/ empresa possui interesse na organização do turismo no Salto dos Macacos? Porque?

Sim. Primeiramente porque amamos aquele lugar assim como toda a nossa Serra do Mar, vindo a freqüentar estes lugares há muitos anos e querendo mantê-los da melhor maneira possível e também porque vimos a trabalhar com a condução de visitantes por lá em algumas ocasiões, vendo que seria a nossa obrigação contribuir para a manutenção da área como contra partida.

8. Você acredita que a melhoria da trilha do salto dos Macacos aumentaria o tempo de permanência do turista em Morretes?

Sem dúvida, quanto mais atrativos tivermos para oferecer ao visitante maior será a nossa chance de aumentar o tempo de permanência do turista em nossa cidade e com certeza se o local estiver bem estruturado a impressão que a pessoa terá da região será muito melhor.

ANEXO 6

1. Nome: Carlos A. Gnatta Neto

2. Instituição/ Empresa: Prefeitura Municipal de Morretes

3. Cargo: Secretário Municipal de Turismo

4. O que você acha da situação atual da região do Salto dos Macacos?

O Salto dos Macacos hoje é uma das maiores atrações naturais dentro do município de Morretes , se encontra em um área particular e vem sendo visitada por muita gente de forma desordenada e descontrolada , causando com isto uma visitação predatória, impactando a trilha de forma que a tal se encontra em estado lamentável, por isto estamos tão preocupados com a atual situação, sendo assim analisando as melhores soluções ao devido problema .

5. Na sua opinião, quais os problemas da trilha de acesso ao Salto dos Macacos deveriam ser solucionados e porque?

Não existe um controle de visitação, uma normatização do uso da mesma, sendo assim sem nenhuma fiscalização acontecendo na trilha, para que estes problemas sejam solucionados, a falta de conscientização das pessoas que pela trilha passam também podemos alencar como um dos principais problemas.

6. Analisando a oferta de atrativos em áreas naturais em Morretes, na sua opinião, são necessárias a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e a criação de novos produtos turísticos?

Sim, com certeza a necessidade da melhoria nesta trilha por se tratar de um grande atrativo, e também a criação de novos, mas este é um trabalho que no meu modo de pensar, é uma necessidade de se buscar novos produtos e a melhoria dos já existentes, sempre, continuamente, todos os dias se deve buscar a melhoria, o turismo é um setor que não pode nunca ficar parado no tempo, a busca precisa ser eterna.

7. Você ou sua instituição/ empresa possui interesse na organização do turismo no Salto dos Macacos? Porque?

Acredito que não só como instituição, mas também como pessoa, eu acredito que devemos unir forças para cada vez mais trabalhar em prol de um turismo organizado,

responsável e principalmente sustentável dentro do nosso município, seja ele praticado em qualquer atrativo ou qualquer segmento.

8. Você acredita que a melhoria da trilha do salto dos Macacos aumentaria o tempo de permanência do turista em Morretes?

Com certeza este seria um dos fatores que ajudariam na permanência do turista em nossa cidade, nós devemos nos utilizar de todas as ferramentas possíveis para realizar as ações de forma que o município seja colocado no seu devido lugar dentro do cenário do turismo nacional e internacional, proporcionando ao turista que por aqui passe, a oportunidade de desfrutar de todo este nosso potencial, com tranquilidade, qualidade, responsabilidade e principalmente deixando-o sempre com a vontade de retornar .

ANEXO 7

1. Nome: Francisco A. Torres de Oliveira

2. Instituição/ Empresa: IAP – Instituto Ambiental do Paraná

3. Cargo: Coordenador Regional das Unidades de Conservação do Litoral

4. O que você acha da situação atual da região do Salto dos Macacos?

Um problema. É necessário melhorar a trilha, disciplinar o uso da visitação, estabelecer critérios para a utilização da área e coibir acampamentos. Nós temos um projeto de uma base de apoio para dar suporte ao Caminho do Itupava e também ao Salto dos Macacos. Seria a implantação de uma cancela na entrada da Estrada das Prainhas. Seria um centro de visitantes para recepcionar, cadastrar e orientar os visitantes. Além disso, o salto está localizado numa Área de Especial Interesse Turístico do Marumbi (AEIT) e está em processo de transformação para APA (Área de Proteção Ambiental), ou seja, vai sofrer uma recategorização. O salto em si, está localizado numa propriedade particular que pertence à AEIT. Pertence à antiga Indústria de Papel São Marcos, hoje uma massa falida que logo irá à leilão e a área provavelmente será transformada em Parque Estadual, pois o Estado manifestou interesse em adquiri-la.

5. Na sua opinião, quais os problemas da trilha de acesso ao Salto dos Macacos deveriam ser solucionados e porque?

Pela minha última visita, a trilha está muito impactada e larga. Foi feito um levantamento de todos os pontos que necessitam de melhoramento. Seriam instalar sistemas de drenagem, remover de obstáculos no caminho, fechar as clareiras de acampamento, recuperar desvios, diminuir a largura da trilha e criar sinalização. Para o controle da visitação, a capacidade de carga sugerida pelo IAP em nosso projeto é de 13 pessoas por guia, sendo um grupo de cada vez na trilha.

6. Analisando a oferta de atrativos em áreas naturais em Morretes, na sua opinião, são necessárias a melhoria do turismo no Salto dos Macacos e a criação de novos produtos turísticos?

Sim.

7. Você ou sua instituição/ empresa possui interesse na organização do turismo no Salto dos Macacos? Porque?

Sim. Com a implantação do Centro de Visitantes o IAP estará controlando a visitação com a intenção de recuperar a área.

8. Você acredita que a melhoria da trilha do salto dos Macacos aumentaria o tempo de permanência do turista em Morretes?

Sim, com certeza acredito.

ANEXO 8

EXEMPLOS DE PARQUES QUE POSSUEM PASSARELAS SUSPENSAS

Eco Parque de Una, Bahia, Brasil

No Estado da Bahia existe o Eco Parque de Una que utiliza passarelas semelhantes às que são propostas nesse projeto. Vale frisar que o projeto em questão não teve como motivação a existência e sucesso deste parque. Embora os objetivos deste projeto não são os de tentar criar um complexo de lazer tão articulado e completo como existe no Eco Parque, este pode servir como exemplo e inspiração para a implementação da região propondo algo semelhante em ideais e administração.

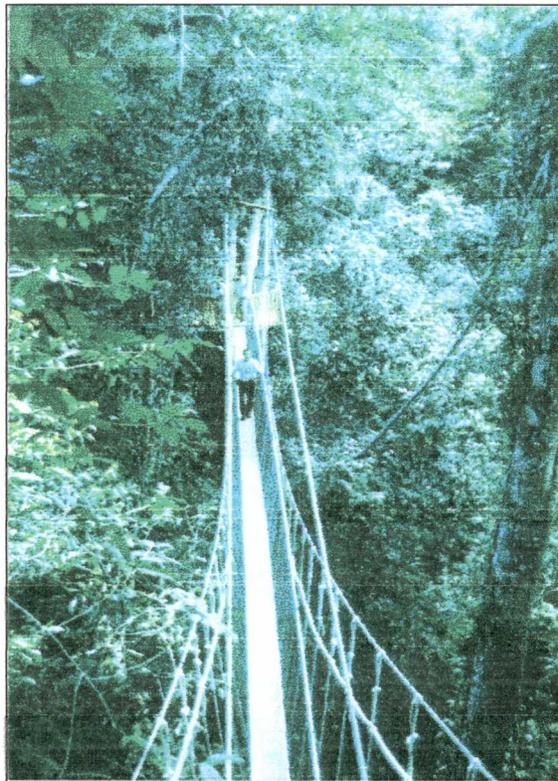


Fonte: www.ecoparque.org.br

Kakum National Park, Ghana, África

Localizado 20 Km ao norte da cidade litorânea de Cape Coast, na região central de Ghana, o Kakum National Park tem área de 350 Km² de floresta tropical úmida. Kakum foi declarada reserva florestal em 1932 e nos últimos 50 anos teve seu manejo direcionado para extração de madeira. A área é habitat de anfíbios, répteis, primatas, antílopes, 550 espécies de borboletas, 250 espécies de aves e cerca de 100 mamíferos.

O parque nacional foi escolhido para servir de modelo africano para conservação da biodiversidade integrada e desenvolvimento econômico, combinando pesquisa científica e ecoturismo. O Programa do Kakum National Park é apoiado pela organização não-governamental Conservation International, que contribui com assistência técnica de planejamento e implantação.



Fonte: Manual MPE, 2002a